UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

UNIDADE LITORAL NORTE – OSÓRIO

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

CLAUDIA MARIA MARTINS FARIAS

IMPRESSOS DE IDENTIDADES DE UMA JUVENTUDE "BALEIRA": a (re)comodificação no Colégio Militar

OSÓRIO

2021

CLAUDIA MARIA MARTINS FARIAS

IMPRESSOS DE IDENTIDADES DE UMA JUVENTUDE "BALEIRA": a (re)comodificação no Colégio Militar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Linha de Atuação: Inovação, Diversidade e Memória em Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Schefer

OSÓRIO

2021

CLAUDIA MARIA MARTINS FARIAS

IMPRESSOS DE IDENTIDADES DE UMA JUVENTUDE "BALEIRA": a (re)comodificação no Colégio Militar

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Schefer

Aprovada em: / / 2021.

BANCA EXAMINADORA

_____

Orientadora: Profª. Drª. Maria Cristina Schefer - UERGS

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

_____

Profª. Drª. Fernanda Wanderer

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

_____

Prof. Dr. Luciano Andreatta Carvalho da Costa

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

_____

Profª. Drª. Veronice Camargo da Silva

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Pra eles, meus pais Ignez e Carlos, por serem e me ensinarem as “coisas mais finas” da vida.

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo
Não é
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:
"Coitado, até essa hora no serviço pesado".
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo

(Adélia Prado)

AGRADECIMENTOS

A música pauta a vida: encontros, desencontros, viagens, sonhos, realizações, alegrias. E, quando pensei os agradecimentos às pessoas que estiveram comigo desde o início deste projeto, lembrei uma canção em que o compositor homenageia pessoas importantes em um determinado momento da sua vida. Foram importantes por situações diversas: quer seja "*porque apareceu na vida*", "*porque Deus fez tão bonita*", ou "*porque me pediu uma canção pra ela*", entre outras para que sejam cantadas. O compositor transita, mas se diz preso a uma torre por uma corda que o leva ao mundo inteiro, e que, ao balançá-la, a corda o leva de volta à sua torre, de volta para o seu lugar seguro.

E foi assim, poeticamente, que pensei os meus agradecimentos às pessoas que foram e são tão importantes neste momento da minha vida. Na linha do tempo desta produção, são elas:

Mariana, minha filha, porque é o amor e a razão para esta minha iniciação tardia à pesquisa científica.

Jéssica, porque ligava todos os dias para saber se eu estava estudando e me levou "pelos cabelos" para fazer a prova de seleção.

Pierre, porque me apresentou a História e há quase trinta anos me conta com amor tantas histórias.

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, porque escolhi e me sentia feliz.

Marcelo, porque foi amor à primeira vista, minha dupla, me ensinou muito e esteve comigo todos os dias desde o início.

Gisele é amorosa.

Alex é doce.

Leandro tem sempre a ideia e a palavra carinhosa.

Jésura, porque é minha primeira doutora, leu "Tempos Líquidos" comigo e fez a revisão competente e amiga.

Alessandra, porque, às quartas-feiras de 2021, falava: "*deixa que dou tua aula amanhã*".

Nathan não saiu de perto.

Pedro, porque senti saudades.

Adri é o café, os cuidados e as quintas-feiras.

Frida me olhou todo o tempo.

Sandra quis ler, achou o projeto lindo e sentia a minha falta.

Ana Maria é palavra e ouvido.

Colégio Militar de Porto Alegre – CMPA, porque também é minha casa há vinte e quatro anos.

Baleiros e Baleiras fazem os meus dias mais felizes.

Profª. Drª. Fernanda Wanderer, Profª. Drª. Veronice Camargo da Silva e ao Prof. Dr. Luciano Andreatta Carvalho da Costa aceitaram o convite para a Banca Examinadora, dedicaram-se à leitura do projeto de pesquisa e da dissertação e suas contribuições foram importantes para a realização deste trabalho.

Irmãos, cunhadas e cunhado, porque família são cordas.

Cecília, minha irmã, porque é norte, amor, colo e recreio.

Ao final, a canção diz que *"Amarradão na torre dá pra ir pro mundo inteiro/E aonde quer que eu vá no mundo/Vejo a minha torre/É só balançar/Que a corda me leva de volta pra ela"*:

Profª. Drª. Maria Cristina Schefer me escolheu, ensinou a ser uma pesquisadora, é base e conhecimento, conduz e lidera. Mas também porque é Cris, a orientadora que encanta, faz "noite do pijama acadêmico" e acolhe. E eu sabia que era só balançar a corda, e estava de volta para ela: a minha torre.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender as trajetórias identitárias dos jovens aprovados em concurso público para frequentarem o Ensino Médio no Colégio Militar de Porto Alegre, a partir de entrevista semiestruturada e de conversas informais com quatro discentes dessa instituição. Compreende uma análise de cunho sociológico, amparada nos teóricos Bauman, Baudrillard e Bhabha, respectivamente, nos conceitos de "Sociedade de Consumo Líquido-Moderna", de "Sociedade de Consumo" e de "Entre-lugar". Trata-se de uma pesquisa qualitativa-participante, que descreve a apreciação dos dados através da análise de conteúdo, proposta por Bardin. O estudo revelou que: a) as famílias e os jovens investem muitos esforços para o acesso à educação na instituição de ensino militar que lhes promova o ingresso em universidades públicas de qualidade ou em escolas para a carreira militar; b) os símbolos e os signos presentes circunscrevem as juventudes do Colégio Militar de Porto Alegre, uma vez que, além de demarcarem o lugar, são responsáveis por uma identidade comum entre os estudantes e os antigos estudantes; c) as práticas de inserção, permanência e atuação dos jovens, com base nos lugares por eles e elas ocupados, dão novos sentidos à rotina escolar e ao significado de serem "baleiros(as)" com a confiança de que as suas escolhas serão bem-sucedidas e as carreiras alavancadas; d) o Colégio Militar de Porto Alegre projeta seus jovens, recomodifica-os positivamente para ocuparem lugar privilegiado na sociedade de consumo, nos espaços de destaque das "prateleiras do mercado" de trabalho. Como produto educacional, foi criado um vídeo com vistas a apresentar sensivelmente o Colégio Militar para jovens interessados no ingresso e, ao mesmo tempo, memorar a vida nessa instituição escolar.

Palavras-chave: sociedade de consumo; (re)comodificação juvenil; educação básica; colégio militar.

ABSTRACT

The objective of this study is to understand the identity trajectories of young people who have passed a public examination to attend the Military College of Porto Alegre made from semi-structured interviews with four students from the institution. It contains an analysis of sociological nature, supported mainly by the theorists Bauman, Baudrillard and Bhabha, respectively, on their concepts of “Modern-Liquid Consumer Society”, “Consumer Society” and “In-Between Places”. This is a qualitative-participant research that describes data appreciation through content analysis, presented by Bardin. The study revealed that: a) young students and their families invest their best efforts to access education in military institutions that can promote their entry into quality public universities or schools for military careers; b) the symbols and signs presented circumscribe the youths in the Military College of Porto Alegre, since they, more than setting the place, are responsible for a common identity between current and former students there; c) the students' practices of entry, permanence and performance, based on the places they occupy, give new directions to school routine and the meaning of being “baleiros” with the confidence that their choices will be successful and their careers leveraged; d) Porto Alegre Military School projects its young students, positively remodifies them to occupy a privileged place in the consumer society, up in prominent spaces on the “shelves of labor market”. As an educational product, an informative video was created for presenting sensitively Military School for young people interested in joining and, at the same time, in remembrance of life there.

Keywords: consumer society; youth (re)composition; basic education; military school.

SUMÁRIO

	A PESQUISADORA	**10**
1	**A INTRODUÇÃO**	**13**
1.1	OS OBJETIVOS	15
1.1.1	**O objetivo geral**	**15**
1.1.2	**Os objetivos específicos**	**15**
2	**A REVISÃO DE ESTUDOS RECENTES**	**16**
2.1	A JUSTIFICATIVA	25
3	**OS TEÓRICOS: uma comunidade (des)gradeada**	**27**
4	**MARCO HISTÓRICO LEGAL**	**32**
4.1	A INSTITUIÇÃO	32
4.2	AS LEIS	41
4.3	O COLÉGIO	51
5	**A METODOLOGIA**	**71**
5.1	A CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	71
5.2	OS INSTRUMENTOS DE COLETA	72
5.3	A ANÁLISE DE CONTEÚDO	73
5.4	OS PARTICIPANTES E A ORGANIZAÇÃO DOS ENCONTROS VIRTUAIS	74
6	**AS ANÁLISES**	**76**
6.1	A ENTRADA: motivações familiares, pessoais e sociais	77
6.2	O CASARÃO: experiências/O LUGAR: pertença	81
6.3	OS SÍMBOLOS E OS SIGNOS: impressos/O "BALEIRO(A)": identidade	84
6.4	A SAÍDA: sentimentos e vínculo	87
6.5	AS CONVERSAS DA SAÍDA	88
7	**O PRODUTO**	**91**
	AS CONSIDERAÇÕES FINAIS	**93**
	AS REFERÊNCIAS	**96**
	O POSFÁCIO	**100**
	APÊNDICE A – Roteiro da entrevista	**103**
	APÊNDICE B – Mapeamento teórico do estado da arte	**104**
	APÊNDICE C – Os aspectos éticos da pesquisa	**106**

APÊNDICE D – Recursos humanos e financeiros 108
APÊNDICE E – Cronograma 109
ANEXO A – Declaração de Instituição Coparticipante 110
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Responsáveis 111
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Participantes 113
ANEXO D – Termo de Concessão de Direitos Autorais e Autorização para Publicação em Meio Eletrônico 114

A PESQUISADORA

Todos os dias quando acordo
Não tenho mais
O tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo [...]
Todos os dias
Antes de dormir
Lembro e esqueço
Como foi o dia
Sempre em frente
Não temos tempo a perder [...]
Somos tão jovens!
(Renato Russo)

A canção Tempo Perdido, de Renato Russo, é reconhecida como um hino de reflexão e de transformação dos anos 1980. Embora faça referência a um período "distante", ainda é entoada por jovens e, também, adultos em alusão à passagem do tempo, ao modo como têm vivido, às ansiedades com relação ao futuro, mas, sobretudo, alude à decisão de seguirem em frente conforme versos da epígrafe.

Faço essa apresentação para ilustrar a relação das juventudes no ambiente da pesquisa, mas, também, sobre o que fala sobre mim. Há trinta e sete anos, trabalho com jovens que frequentam o Ensino Médio, anteriormente chamado de 2º Grau. Há trinta e sete anos acompanho suas trajetórias escolares, pessoais e sociais. De Pink Floyd, Coldplay a Emicida; do teatro "besteirol" de Asdrúbal trouxe o trombone a Porta dos Fundos; do filme O primeiro ano do resto de nossas vidas à série Sex Education, vou-me atualizando e experimentando novas sensações e as novidades advindas de juventudes do final do século XX e de juventudes da modernidade tardia. Atrevo-me, então, a dizer que passei toda a minha vida "coabitando" mais nos espaços ocupados pelos adolescentes do que em espaços transitados por outras idades.

No início dos anos 2000, na virada do século, ouvi de uma colega mais antiga do que eu, em uma reunião de apresentação dos professores aos estudantes: "Há anos, a cada ano, envelheço um pouco mais; nossos alunos, entretanto, têm sempre a mesma idade." Não esqueci essa fala, tampouco o sentido dado a ela. Eu tinha pouco mais do que trinta anos e fiquei imaginado como seria, aos quarenta e aos cinquenta, minha relação com as juventudes. Imaginava sem ter ideia de todas as mudanças para as quais o mundo, e o nosso mundo particular, avançaria, sem ter ideia de que viveríamos em uma sociedade tão marcada pela produção de inovações científicas, cognitivas, tecnológicas e pelo processo incessante de circulação de informações. Nossos jovens passaram a viver sob a cultura do novo, absorvendo

com velocidade tudo o que ocorre. A escola, os professores e eu não pudemos mais viver sob o signo de outra velocidade.

Durante minha trajetória profissional, no entanto, sempre soube a resposta para aqueles(as) que perguntam: “não cansas de dar aulas, não pensas em te aposentar?” Não penso! Enquanto me encantar estar no “lugar” em que estou, enquanto sentir prazer em fazer parte do processo que cotidianamente ajudo a construir como professora, é onde estarei. Ainda hoje, com frequência, vislumbro as juventudes e seus rituais com encantos de uma visitante que assiste à cena pela primeira vez.

Talvez eu tenha, sim, uma visão cinematográfica e literária da adolescência e das juventudes, mediada pelas pedagogias culturais que me subjetivaram, mas essa crença não se apresenta fugaz, à medida que está debruçada em trajetórias que até hoje me fascinam. São elas quem chuta baldes, quem corre riscos e precisam ser audaciosas. São, também, elas a nossa face irreverente, sedenta de experiências e de terras desconhecidas, generosamente preocupadas com um mundo melhor. A elas são delegadas missões, pressionadas por uma sociedade há muito líquido-moderna.

Quanto mais penso nisso, mais consciência tenho do tamanho da responsabilidade do que faço e do que digo para as juventudes. O que fazemos e dizemos repercute nos seus universos, na luz do conhecimento, na luz da empatia sempre importantes e necessários. Que possamos acender velas, fogueiras e o que mais seja possível para lampejar fogos. O papel do professor é capacitar à reflexão e à criticidade, o que o Google não faz. Portanto, num mundo pautado pela globalização, acompanhar as mudanças dos jovens do século XXI, aproximarmo-nos das culturas juvenis é necessário no intuito de promover sua valorização e formar sujeitos atuantes.

Quanto à formação profissional, cursei dois anos Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. No ano de 1984, concluí o curso de Letras também pela PUCRS; e, no ano de 2000, concluí o curso de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ -, com a pesquisa intitulada “Psicopedagogia: um perfil profissional”.

Iniciei minhas atividades de docência no ano de 1983, como professora de Língua Portuguesa, em Porto Alegre/RS, no Colégio São Judas Tadeu, trabalhando com crianças de 5ª e 6ª séries. Do ano de 1986 ao ano de 2008, fui professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Portuguesa para adolescentes do 2º Grau/Ensino Médio em escolas da rede particular, também em Porto Alegre: Colégio Marista Rosário, Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, Colégios João Paulo I, entre outras. No ano de 1997, ingressei no Serviço Público

Federal, por meio de concurso público, para o Colégio Militar de Porto Alegre, onde atuo até hoje, trabalhando com jovens do Ensino Médio.

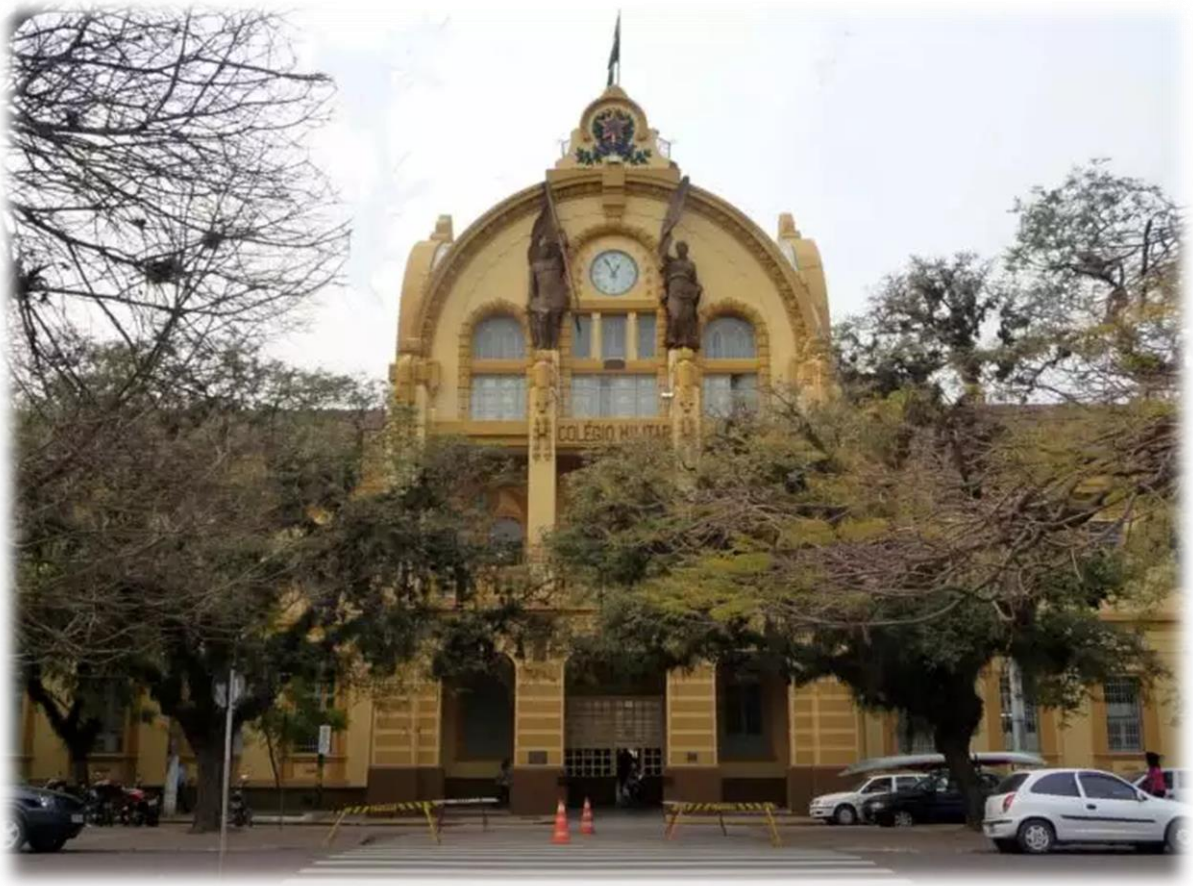
O Colégio Militar foi, para mim, um grande desafio, pois tive contato com a escola pública apenas nos estágios acadêmicos. Há quatorze anos atuando na rede privada e, de repente, estava dentro de uma instituição militar sem saber como se "comporta" uma escola pública federal (des)gradeada: suas juventudes, seu comando, suas equipes diretivas, suas regras, sua ideologia. Mas aprofundar a minha trajetória, permeada com a dos jovens, seria outro estudo.

São, então, essas atuações profissionais e vivências pessoais que me levaram de volta à Academia e para o Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS.

1 A INTRODUÇÃO

> *Nada menos que uma "revolução cultural" pode funcionar. Embora os poderes do atual sistema educacional pareçam limitados, e ele próprio seja cada vez mais submetido ao jogo consumista, ainda tem poderes de transformação suficientes para ser considerado um dos fatores promissores para essa revolução* (BAUMAN, 2013, p. 31).

Figura 1 – Colégio Militar de Porto Alegre



Fonte: Marcelo Iserhardt Ritzel (2017)

Esta dissertação configura-se como pré-requisito para a obtenção do título de mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Profissional, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). O estudo está vinculado à Linha III – Inovação, Diversidade e Memória em Educação, estabelecendo como foco temático: "as trajetórias escolares dos estudantes do Colégio Militar de Porto Alegre", e como objeto de pesquisa: "a construção das trajetórias identitárias dos jovens ingressos no Ensino Médio".

A experiência profissional em uma instituição do Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) e o acompanhamento dos caminhos das juventudes do Ensino Médio, há mais de duas

décadas, produzem, em mim e nesses jovens, marcas que perduram e que nos identificam com um passado comum, vivências partilhadas e produtoras de momentos importantes de nossas memórias de vida. A escolha do tema se justifica pelo interesse de verificar como são construídas as identidades desses jovens, já adolescentes, numa comunidade permeada pela disciplina, pelo regramento e por significados particulares que a rotina escolar assume para os estudantes ressignificando pequenas práticas cotidianas e imprimindo novos sentidos.

O Colégio Militar de Porto Alegre, além da reconhecida tradição como instituição, tem expressiva presença no imaginário da sociedade gaúcha. Ao adentrar pela guarda do colégio, uma inscrição em suas paredes centenárias chama a atenção: "Colégio dos Presidentes", em alusão aos oito antigos alunos que foram Presidentes da República do Brasil. Todavia, por suas arcadas, também desfilaram elegantes hoje jornalistas, médicos/as, artesãos/ãs, engenheiros/as e ativistas sociais, ecológicos, políticos, entre outros, jovens que, simultaneamente, tiveram suas vidas marcadas e, assim, imprimiram novas marcas na instituição.

Problematizar, pois, os espaços de fuga de estudantes que se encontram em processo educativo no Casarão, modo como a comunidade escolar chama o Colégio Militar, possibilitou compreender o quanto o pertencimento ao lugar de aprendizagens influencia a construção desses sujeitos e o sucesso escolar. Esse pertencimento exige uma postura juvenil pouco "descolada", um tanto retrô[1], na contramão daquilo que a "galera" da escola anterior, a vizinhança, a própria mídia propaga como sendo o comportamento padrão do jovem consumidor nesta Sociedade de Consumo Líquido-Moderna, nominada por Bauman (2008). Mesmo com costumes considerados pela maioria um tanto arcaicos, sim, o Colégio Militar segue as regras mercadológicas, "blinda" os jovens que se identificam com o lugar e garante que se tornem os homens de bem ou eleitos para a vida digna.

A pesquisa está organizada da seguinte forma. No capítulo 1, apresento os objetivos; no capítulo 2, a revisão de estudos recentes acerca da temática das culturas juvenis e das exigências para a vida nesta sociedade de consumo, bem como a justificativa para este novo estudo.

No capítulo 3, trago os referenciais teóricos que norteiam a pesquisa. No capítulo 4, apresento a fundamentação teórica e o marco histórico legal que circunscreve a instituição Sistema Colégio Militar do Brasil e o Colégio Militar de Porto Alegre.

No capítulo 5, apresento a metodologia utilizada na pesquisa e na análise dos dados, a saber: pesquisa participante, realizada através de entrevista semiestruturada (realizadas de

[1] Consiste na forma reduzida do termo "retrocesso". Neste estudo, faço alusão à ideia daquilo que ficou para trás, em oposição ao processo ou ao futuro.

forma virtual) e registros de conversas informais (on-line). No capítulo 6, apresento as análises dos dados, utilizando como técnica a análise de conteúdo de Bardin (2011).

No capítulo 7, apresento a concepção e o desenvolvimento do produto educacional como aproximação dos objetivos geral e específicos. Por fim, as considerações finais.

Após as referências, escrevo o posfácio, uma fala singular sobre a pandemia em decorrência da COVID-19, uma vez que grande parte deste estudo foi realizado neste período.

1.1 OS OBJETIVOS

1.1.1 O objetivo geral

Este estudo tem como objetivo compreender as trajetórias identitárias dos jovens aprovados em concurso público para frequentarem o Colégio Militar de Porto Alegre.

1.1.2 Os objetivos específicos

a) Investigar as motivações pessoais, familiares e sociais para o ingresso no Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB);
b) Identificar as representações que se fazem presentes nos símbolos e signos que se constituem em memória no ‘Casarão’;
c) Verificar as práticas de inserção e permanência dos jovens com base nos lugares por ele ocupados e o significado de ser “baleiro”(a);
d) Analisar implicações das experiências vividas ao longo do Ensino Médio;
e) Construir um vídeo relativo ao perfil de ingresso a partir das experiências das juventudes visitadas.

2 A REVISÃO DE ESTUDOS RECENTES

Na tentativa de aproximar o tema e a pesquisa em andamento daquilo que vem sendo produzido nos últimos anos, reuni referências e similaridades que fossem fortemente motivadoras à reflexão sobre a complexidade da construção das identidades culturais juvenis a partir do repertório de suas identificações plurais e fluidas.

A seleção dos textos foi realizada no período entre setembro e dezembro de 2019. Foram utilizadas para a pesquisa as bases de dados do Scientific Electronic Library Online (SciELO), a partir dos descritores Culturas Juvenis, Comunidade Escolar, Lugar, Educação Básica, Colégio Militar. Como critério de seleção, elenquei artigos publicados em português entre os anos de 2010 e 2019, por entender que a produção científica de uma década pode ser considerada um consistente demonstrativo de tendências e avanços em uma área de pesquisa.

Nessa plataforma, foram selecionados para este estudo oito artigos: a) "Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles Feixa Pampols", autoria de Victor Hugo Nedel Oliveira, Miriam Pires Corrêa de Lacerda , Andreia Mendes dos Santos, Carles Feixa Pampols (2018); b) "Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis", autoria de Ricardo Campos (2010); c) "Um olhar sensível às tribos pós-modernas: cuidando da saúde dos adolescentes no cotidiano", autoria de Juliana Fernandes da Nóbrega, Rosane Gonçalves Nitschke, Fernando Pravato da Silva, Claudia Anita Gomes Carraro, Cristiane Alves (2013); d) "Os estudos sobre a cultura da escola: forma, tradições, comunidade, clima, participação, poder", autoria de Ana Maria Falsarella (2018); e) "Jovens, territórios e práticas educativas", autoria de Elmir de Almeida, Dra. Marilena Nakano (2011); f) "O conceito de lugar: a aproximação da geografia com o indivíduo", autoria de Kelly Rodrigues (2016); g) "Da cartografia afetiva à análise urbana: olhares fenomenológicos sobre a Rua Halfeld", autoria de Carlos Eduardo Ribeiro Silveira, Prof. Fernanda Silva Freitas, Maria Mendonça de Mattos (2019); h) "Pensando o espaço, o lugar e o não lugar em Certeau e Augé: perspectivas de análise a partir da interação simbólica no Foursquare", autoria de Breno Maciel Souza Reis (2013).

Além desses artigos, foram selecionadas, no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), as seguintes teses:

a) *Na Periferia das Periferias; o não-lugar escolar e a pedagogia do destino*, de autoria de Maria Cristina Schefer, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale dos Sinos (2015);

b) *Estudantes forjados nas arcadas do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA): "novos talentos" da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)*, de autoria de Josaine de Moura Pinheiro, apresentada no Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade do Vale dos Sinos (2015);
c) *"Estamos alunos": um estudo sobre a identidade contemporânea dos alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro*, de autoria de Fábio Freire Facchinetti, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2015).

Concluídas as leituras dos trabalhos selecionados (APÊNDICE B), constatou-se que o tema Culturas Juvenis ganha notoriedade como objeto de investigação de pesquisas científicas que se interessam por uma leitura do nosso tempo marcado por transformações tecnológicas e por incertezas, a partir das últimas décadas do século XX.

Com base no conjunto de estudos aqui reunidos, é possível refletir sobre os jovens contemporâneos e marcas identitárias que as trajetórias escolares conferem. Para a apresentação textual, foram estabelecidos os seguintes subtítulos:

a) Culturas juvenis pós-modernas;
b) O espaço: suas ocupações, apropriações e vivências;
c) Impressos de identidades de uma juventude "baleira".

Culturas juvenis pós-modernas

As juventudes contemporâneas vivem imersas em uma multiplicidade de significados e experiências. E, quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos e lugares, pelas viagens internacionais, pelas imagens das mídias, pelos sistemas de comunicação interligados, pelo consumo capitalista, mais as identidades transitam em diferentes relações com o espaço, tempo, história e tradições.

Nesse sentido, três textos discorrem sobre culturas juvenis e apontam ao entrelaçamento das trajetórias dos jovens às suas incursões midiáticas. Em Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis, Campos (2010) analisa a relação entre a cultura visual contemporânea e a construção de uma ideia de juventude de natureza cada vez mais global. Para o autor, a juventude adquiriu, a partir da segunda metade do século XX, um significativo protagonismo na agenda midiática, política e científica, situação

que revela a crescente visibilidade social que essa categoria etária foi assumindo. O fascínio despertado pelos jovens se dá pelas ambivalências que transporta, pelas tensões que suscita e pelas questões que levanta e parecem atingir o fundamental do nosso momento civilizatório.

Para Campos (2010), as indústrias culturais e de lazer associadas à expansão dos processos globais de difusão de imagens e imaginários vêm a desempenhar um papel importante na forma como a juventude é socialmente representada e se representa. O autor defende que a imagem e a cultura visual contemporânea participam da construção da juventude, sendo fundamentais na forma como os jovens se comunicam, conferindo sentido ao mundo e a si próprios. Defende ainda que os atributos visuais contribuem para distinguir a juventude enquanto categoria social e cultural, desempenhando um papel vital na constituição de uma cultura visual que se expõe primordialmente nas mídias e nas novas tecnologias, nas indústrias culturais e de lazer. A visualidade é, assim, cada vez mais, um campo de prospecção criativa, de afinação de competências sociais, culturais e simbólicas que, tantas vezes, é desconhecida ou censurada pelo universo adulto.

Nesse contexto, segundo Campos (2010), os mecanismos de representação, modos através dos quais os jovens produzem discursos sobre si e sobre os outros, estão intimamente ligados às dinâmicas de construção identitária. A identidade vive das fórmulas de representação, pois é assim que se exprime e manifesta socialmente, servindo como matéria de comunicação. A forma como se veem e se expressam está estreitamente associada à forma como os outros os contemplam'. Conforme Campos (2010, p. 119),

> o olhar dos outros, refletido nas enunciações daqueles que nos são próximos ou expresso nos numerosos *mass media*[2] (televisão, cinema, publicidade, jornais, etc.), funciona como um espelho que nos leva a configurar a imagem que temos de nós (enquanto indivíduos singulares ou membros de algum grupo ou comunidade.

Por outro lado, o autor afirma que não se pode ignorar a natureza política de muitos dos atos que ocorrem ao nível desta ativa produção cultural, pois esta redescoberta da capacidade de ação política ou ideológica dos jovens parece ser um fôlego para a propagação das novas ferramentas tecnológicas. A Internet é, nesse contexto, recurso possante para a capacitação e mobilização política de atores, convertendo as redes virtuais em suportes de comunicação e de ativismo, como parecem confirmar as múltiplas culturas virtuais ou a eficaz mobilização política registada em determinados contextos.

[2] Conjunto dos meios de comunicação de massa.

No *artigo Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles Feixa Pampols*, os autores Victor Oliveira, Miriam Lacerda e Andreia dos Santos entrevistam, durante a abertura do II Simpósio Nacional "Aproximações com o Mundo Juvenil", realizado em Belo Horizonte no dia 25 de janeiro de 2018, o antropólogo espanhol Carles Feixa Pampols, um dos mais importantes pesquisadores das juventudes na atualidade. Feixa corrobora o pensamento de Campos (2010) quanto ao protagonismo dos jovens da contemporaneidade. O entrevistado alerta que nunca como agora a juventude foi tão idealizada, tão imitada, teve tanto prestígio simbólico, no sentido de que todos querem ser como os jovens, em especial, ter a habilidade tecnológica que esses possuem para conectarem-se com o mundo digital. No entanto, afirma ser isso uma contradição, uma vez que nunca como agora as juventudes vêm sendo tão excluídas, tão marginalizadas, tão agredidas em todos os sentidos e afugentadas de qualquer tipo de poder econômico ou político. Alguns princípios comuns são considerados, pelo antropólogo, como demandas das juventudes para que sejam consolidados seus protagonismos. O primeiro deles é a capacidade de serem escutados pelos adultos, ou seja, terem voz. O segundo é o acesso ao trabalho, pois possibilita emancipação e não dependência da família ou do Estado. O terceiro é o acesso igualitário à informação, ou seja, às redes sociais e ao mundo digital. Feixa pontua a importância dos estudos da cultura digital visto que investigam o envolvimento dos jovens nas novas tecnologias, como toda a sociedade, mas com a particularidade de que a juventude é a pioneira na utilização dos modos de vida digitais, quanto à exploração, à experimentação e ao consumo destes produtos. Esse seria o tema dos jovens "prosumidores"[3], aqueles que escolhem os conteúdos que irão acessar, interagem, compartilham, produzem e disseminam material variado sobre este conteúdo.

Feixa, ao término da entrevista, elogia o estudo das culturas juvenis, por ser dinâmico, não inventado. Segundo o antropólogo, são temas que brotam, atropelam e desvendam novos sujeitos, num diálogo entre velhos e jovens que não perdem a capacidade de se emocionarem e de se comprometerem com a pesquisa. Assim como para esta pesquisadora, o fascínio que os jovens despertam, destacado por Campos (2010), também é evidenciado por Feixa.

A partir de 1985, o sociólogo francês Michel Maffesoli começa a utilizar o termo "tribo urbana" em seus artigos. O uso da noção era metafórico, para dar conta de formas supostamente novas de associação entre os jovens na sociedade pós-moderna. Seriam essencialmente "microgrupos" que, forjados em meio à massificação das relações sociais baseadas no

[3] Expressão usada por Alvin Toffler, escritor e futurista norte-americano, doutorado em Letras, Leis e Ciência, conhecido pelos seus escritos sobre a revolução digital, a revolução das comunicações e a singularidade tecnológica.

individualismo, acabariam, mediante sua sociabilidade, por contestar o próprio individualismo vigente no mundo contemporâneo.

Respaldados por Maffesoli, Nóbrega, Nitschke, Silva, Carraro e Alves (2013), autores do artigo *Um olhar sensível às tribos pós-modernas: cuidando da saúde dos adolescentes no cotidiano* refletem sobre o cuidado com a saúde dos adolescentes no cotidiano contemporâneo, considerando ser emergente um olhar sensível para o fenômeno das tribos urbanas, compreendidas como estruturação de grupos de pessoas que se reúnem afetivamente, construindo vínculo de socialidade. A juventude se apresenta como um importante momento de transição para a construção da identidade, marcada por dúvidas e autoconhecimento, que envolvem autocrítica na descoberta das necessidades sociais.

Os autores afirmam que, em tempos pós-modernos, não há mais lugar para o individualismo, destacando-se uma socialidade que invoca a criação de pequenos grupos afetivos, "tribos urbanas", caracterizadas pelo vínculo pelo qual indivíduos se reúnem afetivamente e se estruturam enquanto grupo por meio de leis instituintes que norteiam o coletivo, visando a um objetivo comum. Dentro dessa coletividade, “o eu é fortalecido e caracterizado por papéis emotivos que cada um desempenha enquanto pertencente à tribo” (NÓBREGA, NITSCHKE, SILVA, CARRARO, ALVES, 2013, p. 202). Pertencer à determinada tribo socializa os jovens, reafirma suas escolhas e sustenta a transição entre a independência e a autonomia. Inserir-se em uma tribo possibilita justificar suas atitudes e moldar sua percepção sobre formas de comportamento, pois, segundo os autores, “a experimentação de novas sensações e a busca incessante de situações permeadas por emoções, aventuras, ‘adrenalina’ faz parte do ser jovem”. (NÓBREGA, NITSCHKE, SILVA, CARRARO, ALVES, 2013, p. 203).

É essencial, por conseguinte, que haja um avanço no cuidado com a saúde da juventude, envolvendo seu cotidiano, levando em consideração suas interações, crenças, valores, enfim sua cultura e seu imaginário, colocando em relevo as nuanças da contemporaneidade. Assim, os autores enfatizam que “[...] na construção de estratégias e políticas públicas para os adolescentes, é preciso pensar a pós-modernidade, com um olhar sensível, focando as tribos urbanas presentes nos diversos cenários de assistência à saúde” (NÓBREGA, NITSCHKE, SILVA, CARRARO, ALVES, 2013, p. 204).

O espaço: suas ocupações, apropriações e vivências

Os espaços escolares vividos são físicos de cunho institucional e social, mas também de interação. Portanto, refletir de que forma jovens podem construir o sentimento de pertencimento institucional e quais os rituais cotidianos possuem papel significativo para que uma "escola de tradição secular" passe a ser um lugar identitário são objetivos deste estudo em desenvolvimento no Mestrado Profissional em Educação.

Em *O conceito de lugar: a aproximação da geografia com o indivíduo*, Rodrigues (2016) discute as modificações que ocorreram na abordagem do conceito de "lugar" nas diferentes escolas de pensamento geográfico. Lugar passou, então, a ser efetivamente tratado como categoria de análise essencial da disciplina a partir do desenvolvimento dos estudos da Geografia Humanista, surgida em meados dos anos 1960 sob a influência da fenomenologia e de outras correntes epistemológicas ligadas ao humanismo. A partir desse momento, alguns autores desenvolvem uma visão mais profunda e complexa das relações que o sujeito estabelece entre o seu lugar e as suas vivências do cotidiano. Lugar, portanto, não é mais entendido apenas pela ciência descritiva nas relações homem/natureza, mas na relação homem/sociedade. Rodrigues (2016), debruçada nos estudos de Tuan (2013), importante estudioso da perspectiva humanista da geografia, faz uma comparação entre espaço e lugar, considerando-os termos ambivalentes. Enquanto espaço é liberdade, conceito mais abstrato; lugar é segurança, dotado de valor concreto, "é a pausa no movimento que torna possível que a localização se transforme em lugar" (TUAN, 2013, p. 14).

No artigo *Da cartografia afetiva à análise urbana: olhares fenomenológicos sobre a Rua Halfeld*, Silveira, Freitas e Mattos (2019) reforçam a valorização de espaços a fim de se constituírem em lugares, e, também, afirmam ser "espaço" e "lugar" termos distintos que não podem ser empregados para explicar as mesmas coisas. A fim de entendê-los, Silveira, Freitas, Mattos (2019, p. 2) apontam "convergências e divergências para que a inserção do indivíduo no mundo seja compreendida a partir da sua experiência no meio urbano e sua consciência como ser que habita". Os autores (2019) recorreram ao historiador francês Michel Certeau (1990), que define o lugar enquanto espaço de coexistência e estabilidade. De acordo com Silveira, Freitas, Mattos (2019), lugar é a expressão da experiência e identidade humana, que se apoia no sentimento de pertencimento encontrado pelo indivíduo, graças ao seu forte caráter simbólico, sua importância histórica e seu inegável papel como agente *mnemônico*[4].

[4] Relativo à memória.

Nessa perspectiva de que lugar é onde a experiência dos indivíduos está vinculada aos espaços que eles percorrem e habitam, onde cultura e história são registradas, coube um *link*[5] com o artigo *Pensando o espaço, o lugar e o não lugar em Certeau e Augé: perspectivas de análise a partir da interação simbólica no Foursquare* (Reis, 2013), por introduzir os conceitos de lugar e não-lugar em diálogo com as interações e registros deixados pelos usuários em redes sociais. Essa reflexão passa a ser significativa à medida que estudos referentes às culturas juvenis permeiam as caminhadas dos jovens e seus compartilhamentos no ciberespaço[6].

Reis (2013) busca analisar o conceito de não-lugares, proposto por Marc Augé e sua relação com as considerações sobre lugares e espaços para Michel Certeau. Augé (2004) considerou os novos locais inaugurados (não-lugar), a partir da cultura do excesso que se explicitava na época, como indícios de que estaríamos entrando numa era de individualismo e velocidade excessiva, assim como estavam sendo abertas novas frentes de consumo, sobretudo de informação, o que ele denominou como *sobremodernidade*, que se caracteriza por fazer coexistir realidades distintas devido à planetarização tanto de fluxos financeiros e políticos como de pessoas.

Ainda sobre o artigo *Pensando o espaço, o lugar e o não lugar em Certeau e Augé: perspectivas de análise a partir da interação simbólica no Foursquare*, Reis (2013) chama a atenção para a leitura, menos pessimista e menos centrada em tecnologias, de Certeau (1998), que trabalha as questões relativas aos modos de o sujeito se inserir no mundo, diferenciando os espaços e os lugares, por meio da linguagem, das práticas comunicacionais ou de suas caminhadas pelos espaços. Para Certeau, lugar é "[...] uma configuração instantânea de posições. Implica uma relação de estabilidade" (1998, p. 201).

No Capítulo 4 de sua tese de doutorado *Na Periferia das Periferias; o não-lugar escolar e a pedagogia do destino*, Schefer (2015) parte do conceito de não-lugar de Augé numa analogia para nomear um "não-lugar escolar", situado em uma "periferia das periferias". Em sua tese, a autora baseia-se na obra de Zygmund Bauman para contextualizar o "não-lugar" de Marc Augé (1998), em meio à Sociedade de Consumo Líquido-Moderna. Nesse estudo, salientaram-se as relações entre lugares, identidades e pertencimento num espaço marcado pelo imediatismo e presenteísmo. Em síntese, Schefer define não-lugares escolares como espaços esvaziados de sentidos em vista das condições existenciais de docentes e discentes que se encontram nas zonas periféricas.

---

[5] Palavra da língua inglesa que significa elo, vínculo ou ligação.
[6] Espaço virtual composto por computadores e usuários conectados em uma rede mundial.

Impressos de identidades juvenis

Adentrar na instituição, conhecer a sua história como um bem, um patrimônio ligado à construção identitária dos jovens que por ela transitam, teve por objetivo contribuir para esclarecer conceitos significativos relacionados à cultura escolar, investigando forma, tradições, comunidade, clima, participação e poder.

Em *Os estudos sobre a cultura da escola: forma, tradições, comunidade, clima, participação, poder*, Falsarella (2018) discorre sobre as relações econômicas, políticas e sociais do mundo contemporâneo e sua interferência na educação escolar, mantendo sua relevância em virtude do vínculo que apresenta com a estrutura capitalista, vista como um dos meios de educar sujeitos capazes de operar no mundo globalizado. Para Falsarella (2018, p. 623),

> estudar a rede de significados que compõe a cultura escolar permite a identificação dos mitos, crenças e valores que direcionam determinado grupo-escola, construídos ao longo do tempo pela história cotidiana vivenciada por seus membros, e que identificam cada escola em particular.

Schefer (2015), em suas considerações acerca da "cultura escolar", aponta que a compreensão desse enunciado pode, além de encaminhar estudos relativos ao cotidiano escolar, indicar as limitações que o termo possa representar.

No artigo *Jovens, territórios e práticas educativas*, Almeida e Nakano (2011) apresentam uma reflexão sobre a importância que assume as noções de espaços e os correlatos "território" e "lugar" para o estudo das culturas juvenis: suas ações coletivas e práticas educativas em diferentes contextos urbanos. Para os autores, a noção de território carrega consigo potencialidades a fim de compreender as ações juvenis, seus coletivos, suas práticas educativas e culturais. A compreensão de como os jovens se relacionam com os lugares diversos por onde circulam, lugares com quem eles dialogam, interfere nos seus modos de agir e de ser. Por fim, Almeida e Nakano (2011) destacam a capacidade que os jovens têm de produzir territórios, dando a eles novas configurações e tornando-os seus "lugares" de permanência.

Nas teses de doutorado: *Estudantes forjados nas arcadas do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA): "novos talentos" da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)*, (Pinheiro, 2015) e *"Estamos alunos": um estudo sobre a identidade contemporânea dos alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro*, (Facchinetti, 2015), o descritor colégio militar encontrou reflexão acadêmica.

Em seu estudo, Facchinetti (2015) concentra-se na relação dos estudantes com os itens identitários do Exército Brasileiro (em especial as fardas e as interdições corporais), postos à

disposição ao longo de suas vivências como discentes contemporâneos dos Colégios Militares do Brasil. Quanto ao âmbito do local da pesquisa, centra-se no Colégio Militar do Rio de Janeiro, mais antigo dos quatorze educandários e que, segundo o autor, é o polo irradiador dessa identidade comum. Sua análise divide-se em dois recortes: a) a instituição do Exército Brasileiro, enraizada, como ele mesmo define, no espaço ecossimbólico da Pátria, em que investe na essência da história, dos costumes e das tradições; b) os alunos, que vestem todos os símbolos para pô-los em relação, para fazê-los dialogar com outros elementos igualmente contingenciais, sem se perderem em seu deslocamento, mas se permitindo a experiência de uma identidade relacional, desapegada. Em suas considerações finais, o autor enaltece o aspecto afetivo, uma afeição que tem a ver com as apropriações, releituras e ressignificações que o CMRJ possibilita, e a afeição que eterniza o presente para aqueles que, em breve, não estarão mais alunos.

Em sua tese *Estudantes forjados nas arcadas do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA): "novos talentos" da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)*, Pinheiro (2014) se propõe a analisar como uma instituição legitimada, no caso, o Colégio Militar de Porto Alegre, com suas normas, regras e rituais, contribui na constituição de sujeitos para a sociedade neoliberal brasileira. Com esse objetivo, investigou estratégias e táticas de governamento que são postas em movimento na escola a fim de justificar as altas competências e habilidades desenvolvidas por seus discentes, destacados como “novos talentos”. Examinou o CMPA como maquinaria que constitui sujeitos de certo tipo, particularmente, sujeitos que se destacam em avaliações nacionais. Nas palavras de Pinheiro (2014, p. 26),

> essa maquinaria é repleta de rituais, os quais legitimam verdades sobre os alunos, objetivando e subjetivando esses sujeitos. Sujeitos que devem aprender a desempenhar suas atividades de maneira a obter sucesso nessa sociedade, regida por regras ditadas pelo mercado.

Pinheiro (2014) procurou entender como se construíram e aperfeiçoaram as peças que possibilitaram a essa maquinaria a constituição de sujeitos que têm em comum a resposta para uma educação ordenadora, que regulamenta e, sobretudo, transforma o espaço para servir como maquinaria de transformação da juventude.

Recorrer ao que vem sendo produzido sobre a temática, evidencia a importância de pesquisar as culturas juvenis, por meio de trajetórias escolares, permitindo o desvelar dos significados particulares que a rotina assume para os estudantes e a forma como pequenas práticas cotidianas adquirem novos sentidos. Evidenciou-se, sobretudo, a importância de

estudar a relação entre espaço escolar e afetividade, uma vez que contribui para a compreensão de atitudes, autenticidades, fracassos, sucessos, ideais, objetivos, potencialidades e limitações juvenis. Ademais, a partir do que já fora estudado e escrito por pesquisadores atentos a culturas juvenis sobre os espaços escolares e suas inteirações e, a partir do olhar sobre essas tribos no interior do Colégio Militar, é plausível construir o diálogo entre a instituição centenária e sólida com a perspectiva baumaniana de liquidez, de fluidez de experiências latentes no que se refere ao momentâneo, ao "agorismo" (BAUMAN, 2008, p. 50) nesta sociedade de consumidores.

2.1 A JUSTIFICATIVA

> *Incorporando-me ao Colégio Militar e perante seu nobre estandarte, assumo o compromisso de cumprir com honestidade meus deveres de estudante, de ser bom filho e leal companheiro, de respeitar os superiores, de ser disciplinado e de cultivar as virtudes morais, para tornar-me digno herdeiro de suas gloriosas tradições e honrado cidadão da minha Pátria.* (Juramento do aluno - DEPA, 2019, p. 66)

Esse juramento é a manifestação pública da vontade de pertença ao Colégio Militar, ao lugar "(des)gradeado" que o jovem desconhece, mas onde, por motivações singulares, deseja chegar mesmo sem a certeza de que nesse espaço haverá um encontro entre si e aquilo que projetou.

Levando-se em conta os estudos retomados até aqui acerca das complexidades da construção das identidades culturas juvenis e a partir do repertório de suas identificações plurais e fluidas considero importante a problematização dessa juventude em particular. Afinal, quem são esses jovens? Como é a chegada ao CMPA? Quais emoções são vivenciadas por eles nesse lugar? Quais esforços para ir ao encontro de um sentimento de pertença e de acomodação? Quais são as suas perspectivas de futuro? Nesse sentido, a leitura de Minayo (2003) auxiliou a transformar essas perguntas em um projeto ao afirmar que "nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática" (MINAYO, 2003, p. 12).

Foram esses os questionamentos que me motivaram e justificam esta pesquisa, o tema complexo e peculiar. Peculiar pelo fato de o ensino militar se constituir como uma singularidade ainda pouco estudada no mundo acadêmico[7]; complexo por serem instituições que atuam no Brasil desde o período colonial e que mantêm, atualmente, muitas instituições educativas.

---

[7] São poucas as investigações sobre o ensino militar na produção acadêmica brasileira. Obras que abordaram a História da Educação no Brasil sob o ponto de vista temático, e não cronológico, como Lopes, Faria Filho & Veiga (2000) não dedicaram análise sobre o assunto.

Há alguns anos, ao entrar em uma sala de 1º ano do Ensino Médio, durante a apresentação da turma[8], chamou minha atenção uma menina que chorava. Soube, então, por ela mesma, que havia feito o concurso de admissão apenas para satisfazer o desejo da mãe, mas estava descontente com a aprovação, já que o seu "sonho" era continuar os estudos no tradicional colégio da rede particular na cidade de Porto Alegre, que frequentava, e se formar junto a suas amigas. Poderia ser uma narrativa corriqueira de estudantes que mudam de colégios por diversas razões durante a vida escolar, no entanto há de considerar as circunstâncias e o contexto, uma vez que colégios militares possuem peculiaridades que os diferem de outras culturas escolares. E esse é apenas um exemplo, entre tantos outros, testemunhado por mim que revelaram e revelam trajetórias de jovens que passam a integrar a comunidade dos baleiros.

Jovens que buscam ingresso ao Colégio Militar de Porto Alegre optam, ao mesmo tempo (conscientes ou não), pelo vínculo com a historicidade da própria instituição, a qual influencia a construção de suas subjetividades em meio a novas modalidades de tecnologia, de comunicação e de interação social. O espaço vivido é físico de cunho institucional e social, mas também de interação. Portanto, busco refletir sobre de que forma a "escola de tradição secular", reconhecida como normatizadora e disciplinadora, influi no percurso de construção da identidade de seus jovens.

Entendendo que a pertença a uma "comunidade" é condição para o sucesso escolar dos jovens, intui-se que os impressos identitários podem revelar os ensejos que os motivam à conquista desse espaço e que podem ser elementos constituintes do elo afetivo (ou não) com o Colégio Militar. Então, investigar até que ponto a solidez permanece intrínseca nessa instituição de ensino e afeta as juventudes com quem converso é a base deste estudo.

[8] Atribuição do chefe de turma: apresentar o grupo, em posição de ordem unida militar, e anotar o número de faltas em todos os tempos de aula do dia para o professor e para os monitores responsáveis pelo ano. (Manual do aluno 2019, p. 36). Disponível em http://www.cmpa.eb.mil.br/.

3 OS TEÓRICOS: uma comunidade (des)gradeada

Este estudo aborda concepções contemporâneas acerca dos tempos e dos espaços nesta sociedade de consumidores. Tem como ênfase o pensamento do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que chama atenção sobre as novas narrativas que qualificam o social e que relativizam barbáries, mascarando a realidade predatória e secular, que não se extinguiu; foi apenas reconfigurada. Esta sociedade de ambivalências que gera incertezas o autor nominou de "Sociedade de Consumo Líquido-Moderna" (BAUMAN, 2008).

Esse conceito e reflexão emergiram em meio aos movimentos antiglobalização e anticapitalismo, o de consumo. Bauman (2008) traz à tona as novas relações humanas e as novas exigências para o convívio social, onde tudo e todos foram obrigados a se tornar mercadorias. Nesta sociedade, segundo o autor, não há mais tempo a ser "desperdiçado", e as palavras de ordem são rapidez, ambivalência e fluidez, tudo se institui em um tempo "agorista", (BAUMAN, 2008, p. 50). Nesta existência "apressada", não há como prever ou projetar futuros, a angústia é que circunscreve a ideia de felicidade, uma vez que atingir a um objetivo precisa ser algo pouco comemorado, pois é preciso sempre estar perseguindo algo a mais. Desse modo, a ideia de felicidade é fluida e "escorre" na ânsia e na demanda de outros motivos para 'parecer ser feliz'. Segundo Bauman (2008, p. 63),

> a sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pôde alcançar, ou mesmo sonhar, mas a promessa de satisfação só permanece sedutora enquanto o desejo continua insatisfeito; mais importante ainda, quando o cliente não está "plenamente satisfeito" — ou seja, enquanto não se acredita que os desejos que motivaram e colocaram em movimento a busca da satisfação e estimularam experimentos consumistas tenham sido verdadeira e totalmente realizados.

É nesse contexto de incertezas e de insatisfações que as juventudes vão (des)construindo suas identidades, aqui entendidas, conforme o Bauman, a partir de Hall (2019), não como algo construído em encontros que estabilizam, solidificam relações; mas em meio a constantes movimentos. Em síntese, o autor fala de uma "nova ordem" das identidades. Nas palavras do autor (2005, p. 32),

> é nisso que, nós habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades *em movimento* – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo.

Para além de uma sociedade de consumo, o século XXI consolidou identidades constantemente modificadas, renovadas e transformadas, tendem a ser frágeis e fáceis de serem abandonadas, identidades que se se formam, por exemplo, quando se está “surfando na rede” (BAUMAN, 2005).

A cultura, desta sociedade de consumo, como refletiu o autor (2013), mantém os elementos simbólicos e valores que constituíram historicamente o conceito do termo, no entanto, Bauman (2013, p. 23) afirma que, se

> na fase do iluminismo, período ao qual se refere como modernidade sólida (exatamente, porque para o pensador, os valores conservavam algo de estável ou permanente em sua constituição) a cultura tinha como propósito formar cidadão para os nascentes Estado Nação, hoje, sem embargo, a cultura miraria a formação de indivíduos não necessariamente ‘instruídos’ ou ‘esclarecidos’, e sim consumidores.

A cultura consumista possibilita a mudança de identidade, sendo possível descartar o passado e buscar novos começos para estar sempre atualizado, o que não significa estar num lugar seguro, confortável. Nesse sentido, Bauman (2008, p. 76) afirma que

> o objetivo crucial, talvez decisivo, do consumo na sociedade de consumidores (mesmo raras vezes declarado com tantas palavras e ainda com menos frequência debatido em público) não é a satisfação de necessidades, desejos e vontades, mas a comodificação ou recomodificação do consumidor: elevar a condição de consumidores à de mercadorias vendáveis.

Às juventudes, portanto, é condição imperativa serem aprovadas como consumidores a fim de que sejam aceitas pelos pares, para que recebam “passes livres” na sociedade de consumidores. Nesse sentido, pensando na educação dessa juventude, é importante dizer, que não há conhecimento a ser adquirido; mas atingido em meio à prática do descarte de informações, da confusão de ideias, da tendência ao relativismo. Enfim, descontinuidade e esquecimento assolam o processo educativo em prol da frenética vontade de consumir. Para o sociólogo, “a depravação é a estratégia mais inteligente para a privação” (BAUMAN, 2013), pois a quantidade de informação é tão excessiva que não há como processá-la nem como criar narrativas consistentes: tudo é fragmentado. De acordo com Bauman (2007, p. 108),

> o tempo flui, e o truque é se manter no ritmo das ondas. Se você não quer afundar, continue surfando, e isso significa mudar o guarda-roupa, a mobília, o papel de parede, a aparência, os hábitos – em suma, você mesmo – tão frequentemente quanto consiga.

Na cena contemporânea, as juventudes vivem atravessadas por um cenário de incertezas e fluidez, têm seus referentes identitários abalados, e suas identidades culturais desconstruídas, descentradas, tudo isso em meio a infinitas exigências sociais para 'ter e ser'. Uma vivência extremamente complexa, mediada por esses processos heterogêneos.

Corroboram com Bauman os estudos do sociólogo, ensaísta e fotógrafo francês Baudrillard (1995) ao indicar o séc. XX como o da inauguração da linguagem do consumo. Desde, então, vivemos, segundo o autor (1995, p. 25)

> ao abrigo dos signos e na recusa do real [...] A imagem, o signo, a mensagem, tudo o que consumimos é a própria tranquilidade selada pela distância ao mundo e que ilude, mais do que compromete, a alusão violenta ao real. O conteúdo das mensagens, os significados dos signos, em grande parte, são indiferentes. O nosso empenhamento não as acompanha e os meios de comunicação não nos orientam para o mundo, oferecem para consumo signos atestados, contudo, pela caução do real.

Para Baudrillard, desse modo, a construção das relações é fortemente midiatizada, cujas interações sociais, relações sociais, estruturação da hierarquia social passa pelas produções midiáticas. A mídia comunica para que se consuma não somente bens materiais, mas a imaterialidade que constituem esses bens materiais: as marcas, os signos, os símbolos e os significados que esses bens vão adquirir. A atenção permanente de Baudrillard à operação social dos media, à lógica de sua cultura típica e aos efeitos de reestruturação da vida cotidiana, mundialmente estendidos, converge com o pensamento de Bauman (2013, p 30),

> com os mercados no controle total dos canais de representação, divulgação e comunicação, as forças críticas e de oposição quase não têm escolha senão jogar de acordo com as regras do mercado, e assim – de forma indireta, mas não menos poderosa – endossar e reforçar o domínio do mercado.

Nesse sentido, Baudrillard (1995) argumenta que o valor de uso de um objeto – a sua utilidade em relação à satisfação de determinadas necessidades – e o valor de troca – o valor de mercado, o preço do objeto – tornaram-se irrelevantes em face do valor de signo. As hierarquias sociais, as diferenças sociais, os sistemas de relações, portanto, alteram-se pelo consumo associado ao capitalismo alicerçado em grande medida no signo. O consumo, pois, está mais na representação do que na realidade e na necessidade, ou seja, na sedução do superficial do aqui e agora. Nesse cenário, as juventudes, assim como os adultos, perseguem identidades sob a espetacularização do signo, o que ele exibe a partir da linguagem.

Num movimento frenético, nesta Sociedade de Consumo Líquido-Moderna, o objeto, antes mesmo de se tornar uma necessidade, vira passado, não tem mais valor de prestígio ou

necessidade. É como se os signos, como as identidades, têm prazos de validade, constituindo-se em dejetos e descartes. A sociedade de consumidores se configura, assim, na "civilização do excesso". Segundo Bauman (2013, p. 22),

> se a vida pré-moderna era uma encenação diária da infinita duração de todas as coisas, exceto a vida mortal, a vida líquido-moderna é uma encenação diária da transitoriedade universal. O que os cidadãos do mundo líquido-moderno logo descobrem é que nada nesse mundo se destina a durar, que dirá para sempre.

Para Baudrillard (1995) os produtos são pensados mirando as juventudes, por serem consideradas suscetíveis à influência dos signos. Os jovens são entusiastas e usados e manipulados pela maquinaria do consumismo. Evidencia-se, nessa argumentação, que culturas juvenis são transpassadas, atravessadas pelas práticas de consumo que não ocorrem tão somente dentro da razão prática, como consumir para se alimentar, consumir para sobreviver; mas consumir para pertencer, consumir para ter significado, consumir para se distinguir. Constata-se, pois, que o consumo tem a ver com distinção, o reconhecimento social: *quem eu sou na rede de relações.*

Diante das constantes demandas de aquisição que a sociedade impõe a cada dia, a cada momento, há uma tendência para que apenas comunidades estéticas, baseadas em relações superficiais e, por isso, não duradouras, sejam empreendidas. De outro modo, as comunidades éticas, tornaram-se raras, quase impossíveis de serem instituídas, visto que são tecidas "de compromissos de longo prazo, de direitos inalienáveis e obrigações inabaláveis, que, graças à sua durabilidade prevista (melhor ainda, institucionalmente garantida), pudesse ser tratada como variável dada no planejamento e nos projetos do futuro" (BAUMAN, 2003, p. 68). Desse modo, há uma impossibilidade conceitual de se falar em 'comunidade' na sociedade de consumo. Para Bauman (2003, p. 134),

> se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos.

Diante disso, pensar em comunidades perpassa por um sentimento de saudades do termo já que, segundo Bauman (2003, p. 7), "as palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra 'comunidade' é uma dessas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que 'comunidade' signifique, é bom 'ter uma comunidade', 'estar em uma comunidade'".

Na “Sociedade de Consumo Líquido-Moderna” (BAUMAN, 2008), a comunidade ética vem a ser um contrassenso, pois o que cabe são múltiplas comunidades estéticas para acomodar intermináveis identidades que se configuram dia a dia. Desse modo, quem vive neste espaço e tempo é obrigado a se reinventar sob pena de não conseguir se movimentar, pois “’estar fixo’ – ser ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto” (BAUMAN, 2005, p.35). Esse ir e vir de uma identidade para outra, mesmo que possa parecer liberdade, causa sensação de insegurança e angústia. Afinal, em nenhum lugar haverá sensação de conforto e em nenhum lugar será selada a pertença.

Quem vive nesta sociedade de consumo está fadado à transitoriedade que produz constantemente entre-lugares, ou interespaços, um estar no além, “uma temporalidade de construção e contradição social que é interativa e intersticial, desse modo, ‘um lugar minoritário’ em que nem se valoriza o passado nem se pode planejar o futuro”. (BHABHA, 2001, p. 284). Em síntese, entre-lugar é espaço fronteiriço, “portão” a ser aberto e que exige, portanto, um deixar para trás aquilo que ainda não sabe se quer abandonar, mas, ao mesmo tempo, é lugar onde não se pode ficar (é de passagem), de reacomodação, um “encontro com ‘o novo’ que não seja parte do continuum de passado e presente” (Bhabha, 2001, p. 20).

Nesse sentido, os signos e os valores (cultura) que o Colégio Militar oferece aos estudantes assumem uma linguagem de “produto de vanguarda, retrô”, cabendo a eles a superação da possível crise inicial, a estada no “entre-lugar” (BHABHA, 2001), resistindo a certos apelos consumistas e comportamentais dirigidos aos jovens em geral e optando pelas especificidades que permitiram o movimento dentro da nova instituição.

A passagem pelo entre-lugar é individual e só cessa quando o jovem se sente pertencente ao lugar, lugar esse que é “o lugar necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, ele se define por uma identidade mínima. Por isso é que aqueles que nele vivem podem aí reconhecer marcos que não têm de ser objetos de conhecimento” (AUGÉ, 1994, p.53). A princípio, no mínimo duas identidades estarão permanentemente em conflito entre os jovens de colégios militares: a do portão para dentro que os ensina a prestar continência e a do portão para fora que os ensina a “surfar” nas ondas destinadas a todos os jovens, via consumo de itens e manifestações de posturas “de galera”.

4 MARCO HISTÓRICO LEGAL

4.1 A INSTITUIÇÃO

Ao longo desta dissertação, ao pretender dialogar com as culturas juvenis no espaço de uma comunidade em um colégio militar, optou-se por a um sucinto resgate histórico do Sistema Colégio Militar do Brasil - SCMB, buscando descortinar o cenário histórico e sociocultural da Instituição. Para entender melhor esse contexto, é preciso conhecer a origem do SCMB: quando, onde, como e com que finalidade surgiu.

A origem do SCMB, Sistema Colégio Militar do Brasil, data do ano de 1889, com a criação do então Imperial Colégio Militar da Corte, atual Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ), através do Decreto nº 10.202, de 9 de março de 1889. A alteração no nome deste estabelecimento de ensino aconteceu por ocasião da Proclamação da República.

Figura 2 - Decreto Nº 10.202, de 9 de março de 1889

Approva o Regulamento para o Imperial Collegio Militar.

Hei por bem Approvar, para o Imperial Collegio Militar, o Regulamento que com este baixa assignado por Thomaz José Coelho de Almeida, do Meu Conselho, Senador do Imperio, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra, que assim o tenha entendido e expeça os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em 9 de Março de 1889, 68º da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador.

Thomaz José Coelho de Almeida.

Regulamento a que se refere o Decreto n. 10.202, desta data

CAPITULO I

DA ORGANISAÇÃO E FINS DO COLLEGIO

Art. 1º Fica creado nesta Côrte, sob a denominação de Imperial Collegio Militar, um instituto de instrucção e educação militar, destinado a receber, gratuitamente, os filhos dos offfciaes effectivos, reformados e honorarios do Exercito e da Armada; e, mediante contribuição pecuniaria, alumnos procedentes de outras classes sociaes.

Art. 2º Os alumnos constituirão um corpo, ao qual será applicado o regimen disciplinar, economico e administrativo dos corpos do Exercito, salvo o que não for praticavel, em razão da idade dos mesmos alumnos e da indole especial deste instituto.

Fonte: Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-10202-9-marco-1889-542443-publicacaooriginal-51422-pe.html. Acesso em: 5/10/2019.

Considerando o contexto histórico do momento, pós-Guerra do Paraguai[9], houve a necessidade de uma estruturação interna e de formação de quadros funcionais do Exército

[9] Guerra travada entre o Paraguai e a chamada Tríplice Aliança, formada por Brasil, Argentina e Uruguai, durou de 1864 a 1870.

Brasileiro. O Colégio fundado na cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, foi criado para atender a órfãos de militares combatentes de guerra, mas também para possibilitar a crianças e a jovens o conhecimento e a opção entre seguir a carreira militar ou ingressar em cursos superiores.

O CMRJ era uma fonte privilegiada de produção de candidatos à carreira militar, pois, por meio deum ensino rigoroso, possibilitava aos jovens boa preparação intelectual bem como iniciação à cultura militar, experienciada nas rotinas que envolviam marchas, manuseio de armamentos e utilização de fardamentos. Os resultados excelentes provenientes da criação do CMRJ, sobretudo com relação à formação de jovens qualificados e dispostos a seguir carreira militar, foram decisivos para o investimento na criação de novos Colégios Militares.

Após a experiência do primeiro, foram fundados outros três CM[10]: no Rio Grande do Sul, o Colégio Militar de Porto Alegre (1912); em Minas Gerais, o Colégio Militar de Barbacena (1912); no Ceará, o Colégio Militar do Ceará (1919), hoje Colégio Militar de Fortaleza.

Conforme Carra (2014, p. 63-64),

> no final dos anos 30, durante o governo de Getúlio Vargas (período de 1937 a 1945), o panorama mundial, que levou à Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945), provocou, nas Forças Armadas, a preocupação com a formação de um número maior de oficiais. Como recurso para este intento, os colégios militares de Porto Alegre e do Ceará foram extintos no ano de 1938. Apenas o Colégio Militar do Rio de Janeiro foi mantido.

Com a eclosão da Segunda Grande Guerra, surgiu a crescente necessidade de aumentar o quadro de militares e, por isso, nos locais em que os CM foram extintos, Porto Alegre e Fortaleza, criaram-se Escolas Preparatórias de Cadetes do Exército. Essas escolas foram destinadas à formação de oficiais que estariam disponíveis para serem enviados à guerra. Os Colégios Militares de Porto Alegre e de Fortaleza só voltaram à ativa no ano de 1962.

Os CM, então, passam a ser estabelecimentos de ensino que integram o Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB), um dos subsistemas do Sistema de Ensino do Exército. A missão dos Colégios Militares é ministrar a Educação Básica, nos níveis Fundamental, do 6º ao 9º ano, e Médio, do 1º ao 3º ano, em consonância com a legislação federal da educação nacional, obedecendo às leis e aos regulamentos em vigor, segundo valores, costumes e tradições do Exército Brasileiro, com o objetivo de assegurar a formação do cidadão e de despertar vocações para a carreira militar. O SCMB fundamenta-se, conforme fora apresentado, na Constituição da

[10] Como são chamados os Colégios Militares pela comunidade escolar.

República Federativa do Brasil de 1988, promulgada em 5 de outubro de 1988, na Lei nº 9.786/99, que dispõe sobre a Ensino no Exército Brasileiro (LEE), na Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. A seguir, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no regulamento, por meio do Decreto no3.182, de 23 de setembro de 1999, bem como outros regulamentos, normas e portarias pertinentes que condicionarão o planejamento e a gestão escolar nos Colégios Militares.

O histórico de criação dos estabelecimentos de ensino do SCMB revela que foi um sistema de colégios destinado somente a jovens e a professores do sexo masculino até o ano de 1989. No entanto, concluído o processo de criação dos colégios e com o reconhecimento de que a feminização do magistério era um fato, o sistema passou a admitir o ingresso de meninas. Assim, um século depois da criação do primeiro colégio, "Imperial Collegio Militar da Corte", as meninas foram admitidas como alunas para cumprir as mesmas atividades curriculares dos meninos. Muitos foram os desafios de uma escola tradicionalmente organizada para o público masculino, pois a presença das "alunas pioneiras"[11], em um ambiente com práticas militares, provocava curiosidade e admiração por parte da sociedade civil, e para a própria comunidade escolar: estudantes, funcionários, professores e, também, para as meninas que ingressaram, visto que, até aquela data, o Exército não contava em seus quadros com militares do sexo feminino.

Carra (2012), pesquisadora sobre a coexistência entre o masculino e o feminino no Colégio Militar de Porto Alegre, no que se refere à presença de meninas no Colégio Militar, observa (2012, p. 2):

> se o ingresso das primeiras professoras (1982) representou um espaço de grande tensão no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), mas sem alterar o funcionamento da escola; o mesmo não podemos dizer sobre ingresso das meninas. As garotas, na qualidade de alunas, implicaram alterações, ainda que pequenas, nos espaços escolares, nas relações aluno/professor, nas atividades, nos uniformes. Na imaginação de muitos, as meninas provocariam a descaracterização do educandário e a queda do nível de ensino no colégio militar.

As jovens pioneiras invalidaram estereótipos que as denominavam como frágeis emocionalmente, fracas fisicamente, inábeis para tarefas de raciocínio lógico, entre outros. Em 1995, formavam-se as primeiras turmas de meninas.

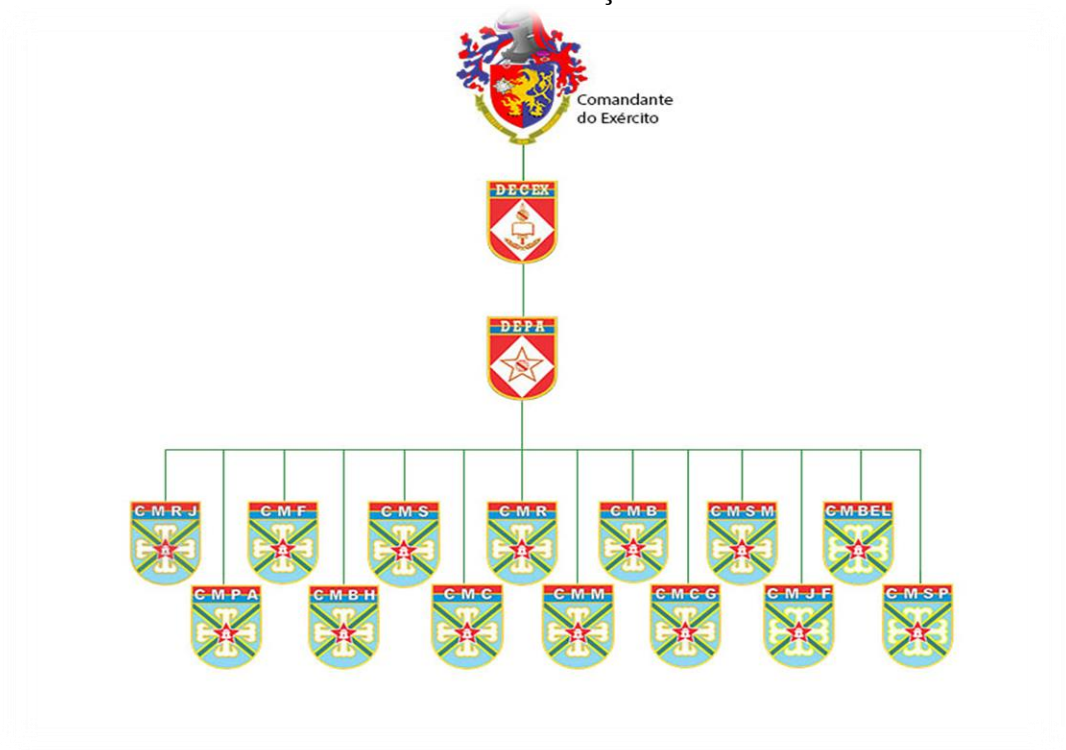
Os avanços no SCMB, com a finalidade de oferecer apoio à Educação Básica, na modalidade a distância, criou o Centro de Ensino a Distância (CEAD), coordenado pelo Colégio

[11] Como são chamadas as primeiras meninas a ingressarem no SCMB.

Militar de Manaus. Nos três primeiros anos, foi oferecido aos dependentes de militares da Região Amazônica e, em 2004, foi ampliado aos dependentes de militares em missão no exterior. Em 2006, além da inserção do Ensino Médio na sua grade escolar, a Seção de Ensino a Distância do Colégio Militar de Manaus (SEAD/CMM) passou a atender à comunidade civil dos Pelotões Especiais de Fronteira[12], resultado de uma parceria estabelecida com o MEC, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE e Secretaria de Estado de Educação do Amazonas – SEDUC/AM. (DEPA, 2019)

Atualmente, existem quatorze colégios de Ensino Fundamental II e Ensino Médio no país, sendo o último deles criado no ano de 2018, na cidade de São Paulo – SP.

Gráfico 1 - Subordinação SCMB



Fonte: Disponível em: http://www.depa.eb.mil.br/subordinacao Acesso em: 05/04/2020.

Para melhor entender a origem do SCMB, tem-se que reportar, ainda que sucintamente, à história de seus 131 anos de existência, a seus valores, costumes e tradições repletos de simbolismo, que, por meio de suas representações, traduzem a marca do SCMB.

O Sistema Colégio Militar do Brasil tem suas bases fundamentadas em princípios de meritocracia para organizar sua prática educacional. Nesse sentido, é preciso ressaltar o conceito de meritocracia aplicado para que se possa entender seu uso de numa perspectiva

[12] Bases militares localizadas nos pontos terrestres mais avançados da Amazônia Brasileira com a finalidade de monitorar oito mil quilômetros de fronteira.

educativa. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss (2001), meritocracia é um sistema de recompensa fundamentado no mérito pessoal. É usado, também, nas organizações nas quais o bom desempenho é premiado em função da produtividade e do alcance de objetivos previamente definidos. A palavra pode ser entendida como o predomínio, numa sociedade, numa organização ou num grupo, daqueles que têm mais méritos: os mais trabalhadores, os mais dedicados, os mais bem dotados intelectualmente.

Nos CM, a meritocracia não é baseada somente nos princípios cognitivos, mas também nos atitudinais e psicomotores. No aspecto cognitivo, estudantes recebem o título de Aluno Destaque e são identificados com o uso do alamar[13], recebido em formatura diante do Batalhão Escolar como forma de valorizar a conquista alcançada. No aspecto afetivo, a meritocracia deve ser observada a partir do desenvolvimento da inteligência interpessoal do estudante, das iniciativas e dos chamados de liderança externados pelos colegas. A forma de se materializar essa atitude é por meio da indicação à Legião de Honra[14], à monitoria e tutoria. Para esses grupos, haverá um roteiro de competências socioemocionais que deverão ser observadas pelo Corpo de Alunos e Divisão de Ensino para as suas indicações. Quanto ao aspecto psicomotor, a meritocracia deve ser observada a partir do desenvolvimento dos atletas com potencialidades. Os jovens com maior desenvoltura nesta dimensão devem ser integrados às atividades das equipes dos CM e participar dos Jogos da Amizade e de competições que representam os CM em diversas regiões do Brasil. Os participantes da banda de música, em face de seu desempenho e destreza na prática dos instrumentos musicais e regência, concorrem às graduações destinadas à Banda.

---

[13] Enfeite ou ornato do vestuário, feito com cordão trançado de seda.

[14] A Legião de Honra tem a finalidade de incentivar os alunos ao cultivo e à prática de sadios princípios de lealdade e honestidade, iniciativa e nobreza de atitude, disciplina e camaradagem, estudo e amor à cultura, segundo os valores, os costumes e as tradições do Exército Brasileiro. Criada em 27 de junho de 1964, a Legião de Honra do CMPA é a pioneira no Sistema Colégio Militar do Brasil, tendo sido inspirada na Legião de Honra francesa, criada pelo General Napoleão Bonaparte, em 1802.

Figura 3 – Entrega de alamares (2020)

Fonte: Acervo pessoal

Figura 4 – Entrega de medalhas (2020)

Fonte: Acervo da Secção de Comunicação Social do CMPA.

Figura 5 – Admissão dos Legionários (2021)

Fonte: Acervo da Secção de Comunicação Social do CMPA

No mês de dezembro de cada ano, é realizada a solenidade para assinatura do Livro de Honra pelos concludentes do 3° ano do Ensino Médio. A assinatura do Livro de Honra é uma recompensa prevista no Regimento Interno dos Colégios Militares, concedida aos formandos que, durante sua vida escolar, não tenham sofrido sanções disciplinares, sendo merecedores de distinção entre seus pares por seus méritos e esforços próprios.

Figura 6 – Assinatura no Livro da Legião de Honra (2021)

Fonte: Acervo de colaboradores

O SCMB conta com capital cultural e econômico para motivar o bom desempenho e, assim, a notoriedade da produtividade e do alcance de objetivos. Anualmente, são investidos recursos materiais e ferramentas educativas para promover concursos literários de todas as ordens e temas cívicos com premiações que incentivam a participação da comunidade civil e militar, mas sempre objetivando à adesão dos estudantes do sistema.

Figura 7 - Concurso Literário (2021)

Fonte: http://www.bibliex.eb.mil.br/. Acesso em 12/04/2021.

Quanto à pesquisa científica, no âmbito do SCMB, é uma realidade que vem se consolidando ao longo do tempo, tendo em vista o engajamento de inúmeros jovens, que participam ativamente das feiras de ciências nos Colégios Militares. Além dessas, participam de outras feiras nacionais e internacionais como a MOSTRATEC, Feira de Ciência e Tecnologia realizada anualmente pela Fundação Liberato Salzano Vieira da Cunha, na cidade de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, e a FEBRACE, Feira Brasileira de Ciências e Engenharia, que acontece anualmente na Universidade de São Paulo, através de uma grande mostra de projetos com trabalhos premiados. Daí a criação do Programa de Iniciação Científica, que tem o objetivo de propiciar contato com questões no ramo das Ciências, ampliando o seu conhecimento científico e preparando os jovens para um futuro desempenho profissional e acadêmico. No programa, o estudante desenvolverá habilidades como sistematização, generalização, analogia, além de conhecer metodologias e técnicas para propor novas análises ou descobertas, desenvolvendo o raciocínio crítico. O Programa de Iniciação Científica, nos CM, segue o movimento nacional de estímulo ao jovem cientista, a fim de que participe do Desafio Global do Conhecimento, evento que ocorre anualmente sob coordenação da DEPA.

Muitos são os ritos nos CM. Alguns tornam os colégios peculiares, como as formaturas matinais semanais[15], a entrada pelos portões[16], o recebimento da boina garança[17] e a emocionante saída pelo Portão da Armas dos formandos do 3º Ano do Ensino Médio, após a cerimônia de formatura, simbolizando a passagem de alunos para antigos alunos. É comum antigos alunos dos Colégios Militares guardarem suas boinas como recordação e usá-las nos desfiles de aniversário dos colégios, cerimônia mais esperada por antigos alunos e prestigiada pelo SCMB, pois é o momento em que integram o Batalhão da Saudade[18]. São valores, costumes e tradições herdados das escolas bélicas militares, baseados na prática diária e criados pelo sistema.

---

[15]A formatura matinal é um momento para avisos, orientação e correção de atitudes por parte dos monitores e felicitação aos aniversariantes do dia no âmbito da Companhia de Alunos (Cia Al). Formatura semanal é o momento em que todos os/as alunos se perfilam para desfilarem em continência a mais alta autoridade presente. Nesse momento, são feitas leituras alusivas às comemorações da semana, entrega de premiações, além do hasteamento do Pavilhão Nacional, o canto de "Avante Camaradas" e a Canção do Colégio, entre outras atividades.

[16]A entrada pelos portões é o momento que simboliza o ingresso do novato no SCMB.

[17] A boina garança, instituída por Portaria Ministerial, em 2 janeiro 1971, é peça obrigatória no uniforme. Somente depois de recebida a boina, o alunoluno é considerado um integrante do SCMB. O termo "garança" vem do francês "garancê", que significa vermelho, sendo a cor preferida dos uniformes militares escolares franceses da época napoleônica.

[18] Desfile de antigos alunos com a finalidade de fortalecer os laços de amizade.

Figura 8 – Último dia de aula (2014)

Fonte: Vinícius Lapenta da Cunha (2014)

Outra tradição peculiar é a condução de um carneiro, durante as formaturas militares, de apelido *Nicodemus*. O primeiro Nicodemus, segundo Daróz (DEPA, 2016), foi doado ao Colégio Militar do Rio de Janeiro pela senhora Celina Vairão Branco, em 1922. Desde então, o carneiro foi institucionalizado como mascote comum a todos os CM, conduzido pelos estudantes de menor estatura do Colégio – um menino e uma menina.

Figura 9 - Troca dos condutores do carneiro Nicodemus (2021)

Fonte: Acervo da Seção de Comunicação do CMPA

No início do ano letivo, os recém-ingressos prestam juramento solene perante o estandarte do CM, momento imponente da formatura de entrada pelos portões em que são recepcionados pelo Comandante, pelos professores, pelos familiares e seus convidados e toda a comunidade escolar.

Além do juramento, as tradições dos CM incorporaram a saudação colegial “Zum Zaravalho” em todas as formaturas e solenidades, que enlaça alunos e antigos alunos como elo entre os quatorze Colégios Militares do Brasil. O Coronel-Aluno brada: *E ao Colégio, nada?* Resposta em coro do Batalhão Escolar: *Tudo!* Novamente, o Coronel-Aluno brada: *Então como é? Como é que é?* Assim o Corpo de Alunos responde:

> Zum Zaravalho, opum
> ZarapiZoqué,
> Oqué-qué, oqué-qué
> Zum!
> Pinguelim, pinguelim, pinguelim!
> Zunga, zunga, zunga!
> Cate marimbau, cate marimbau!
> Eixau, eixau!
> Colégio!
> (DEPA, 2019, p. 66)

A saudação é um grito de guerra, sequência de palavras, sem ordenação poética ou sentido explícito, criado por meninos do CMRJ, em 1928, para estimular o time de futebol num campeonato escolar. A partir de então e com o uso contínuo, o grito tornou-se hábito e regra em todos os colégios militares do Brasil.

Tais representações, valores e tradições servem, dentre outras, como amálgama para unir gerações de alunos e ex-alunos dos CM, conferindo-lhes uma identidade comum baseada no patriotismo e na cidadania.

Embora a apresentação da Instituição SCMB seja tema para outros estudos com tantos outros recortes, entendeu-se necessário conhecer as circunstâncias da sua origem, destacando, brevemente, os valores, os costumes e as tradições do Exército Brasileiro para a contextualização desta pesquisa.

4.2 AS LEIS

O SCMB pertence ao Sistema Federal de Ensino, entretanto é regido por leis próprias e específicas. Embora apresente um perfil de gestão tradicional nos modelos militares, revela-se como uma organização que se mantém atualizada e com resultados de excelência nas principais avaliações nacionais.

As práticas didático-pedagógicas nos CM submetem-se às normas e prescrições do Sistema de Ensino do Exército que obedece à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, principal referência que estabelece os princípios e finalidades da educação nacional.

Com relação ao ensino militar, lê-se em seu art. 83: “o ensino militar é regulamentado em lei específica, admitida a equivalência de estudos, de acordo com as normas fixadas pelos sistemas de ensino (LDBEN, 1996)”.

De acordo com a LDBEN, todos os estabelecimentos de ensino do País devem possuir uma proposta pedagógica própria, verdadeira síntese dos objetivos e da orientação que imprimem à ação educacional. A proposta pedagógica dos CMs, entre outras características, prioriza princípios e práticas de um ensino moderno e atual. Embora tenha como base valores bastante arraigados,

> os Colégios têm como meta levar seus alunos à descoberta das próprias potencialidades, à autorrealização, à qualificação para o trabalho e prepará-los para a vida como cidadãos, educados conforme os valores, costumes e tradições do Exército Brasileiro (BRASIL, 1988).

O sistema é subordinado à Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial – DEPA, que, por sua vez, está subordinada ao Departamento de Educação e Cultura do Exército – DECEx, órgão vinculado ao Comando do Exército que tem por objetivo conduzir as atividades relativas ao Ensino, Educação Física, Desporto, Pesquisa e Desenvolvimento, nas áreas de doutrina e pessoal.

O ensino do SCMB está fundamentado em vasta documentação. De acordo com o Projeto Pedagógico (DEPA, 2015, p. 07), são elas: Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; Lei de Ensino do Exército (LEE); Lei nº 9.876, de 8 de fevereiro de 1999; Regulamento da Lei de Ensino do Exército; Decreto nº 3.182, de 23 de setembro de 1999; Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1997; Diretriz do Chefe do DECEx/2013, de 14 de março de 2013; OSv[19] nº 020 – SEÇ ENS/DEPA, de 5 de junho de 2012; OSv nº 04 – SEÇ ENS/DEPA, de 10 de fevereiro de 2014.

Há alguns anos, o SCMB vem passando por modificações em sua estruturação pedagógica. Conforme o documento da DEPA (2015, p. 13),

> em 28 de fevereiro de 2012, por meio da Portaria nº 137 do Comando do Exército, é aprovada a Diretriz para o Projeto de Implantação do Ensino por Competências no Exército Brasileiro, com o objetivo de desenvolver um projeto de ensino por competências no Sistema de Ensino do Exército e no Sistema de Instrução Militar do Exército Brasileiro.

[19]Sigla para “Ordem de Serviço”: documento que formaliza uma decisão.

Após a aprovação dessa nova diretriz, a DEPA passou, então, à implantação gradual do Ensino por Competências nos CM que, dentre os seus objetivos, figura (DEPA, 2015, p. 13-14),

> adequar toda a estrutura da educação básica à nova proposta metodológica; desenvolver a capacitação do corpo permanente dos CM de modo a estimular a inovação das práticas pedagógicas, o uso das tecnologias de informação e a conscientização da perspectiva dos multiletramentos como fundamento básico para o desenvolvimento das competências discentes; elaborar o Projeto Pedagógico do SCMB; implementar metodologia específica para o combate ao fracasso escolar.

O trabalho conjunto da DEPA, até então com apenas doze CM, deu origem aos documentos que passam a ser norteadores do processo ensino-aprendizagem no Sistema: os Planos de Sequências Didáticas (PSDs). Esse documento apresenta as diretrizes para o Ensino por Competências[20] e apoia-se no seguinte referencial teórico construtivista[21]:

> seu foco reside na construção e no papel dos sujeitos. Nessa concepção de ensino, os sujeitos assumem posição central na construção do próprio saber. Não se encontram manuais prontos com sugestões e técnicas sobre como ensinar, uma vez que a diversidade entre esses sujeitos contraindica as fórmulas predeterminadas. [...] As aulas devem considerar os alunos em sua pluralidade, em suas diferenças de ritmo e de características de aprendizagem. Isto implica em conhecer os discentes e em lançar mão, sempre, dos suportes mais variados e da contextualização para a aprendizagem significativa. (DEPA, PSD, 2011, p. 3).

Cada ano escolar possui o seu PSD que contempla um conjunto de competências e habilidades relacionadas aos objetos de conhecimento específicos de cada área, e que passam a ser elementos comuns a todo o SCMB. De acordo com o Projeto Pedagógico (PP), referente ao Ensino por Competências, os dois eixos principais são a contextualização e a interdisciplinaridade. Para isso, os docentes devem buscar contextos relevantes para o discente, promovendo, dessa forma, a "aprendizagem significativa" (PP, 2015, p. 60).

O conceito de "aprendizagem significativa", aplicada ao contexto escolar, mais especificamente, ao ensino por competências, segundo o Projeto Pedagógico (2019, p.11), dialoga com as abordagens do sociointeracionismo no sentido de que a aprendizagem só é significativa quando o objeto do conhecimento, a ser incorporado como aprendizagem pelo estudante, ganha sentido, significado e está associado a um determinado conhecimento prévio ou de mundo que, na medida do possível, vincule-se à realidade do estudante.

---

[20] O SCMB, a partir de 2019, passou a se organizar a partir de itinerários formativos para implementação do novo Ensino Médio, adaptando os PSDs à BNCC.

[21] Linha pedagógica caracterizada por possibilitar a construção de conhecimento por parte de todos os sujeitos envolvidos no processo, professores e alunos. A principal referência é Jean Piaget (1896-1980).

O SCMB, no seu Projeto pedagógico (2019, p. 11),

> baseia-se na teoria de Ausubel que leva em conta a história do sujeito e ressalta o papel dos docentes na proposição de situações que favoreçam a aprendizagem. De acordo com ele, há duas condições para que a aprendizagem significativa ocorra: o conteúdo a ser ensinado deve ser potencialmente revelador e o estudante precisa estar disposto a relacionar o material de maneira consistente e não arbitrária.

Assim, cada CM deve criar a sua "matriz de descritores", ou seja, elementos que detalham as habilidades em relação ao objeto de conhecimento e orientam o planejamento das aulas e a avaliação. Essa criação é feita em cada área de conhecimento pelos professores e pelas professoras, cabendo à supervisão escolar, aos coordenadores e às coordenadoras de disciplina e aos chefes de seção a orientação das atividades (DEPA, PSD, 2011, p. 4).

A partir do PSD, professoras e professores de cada área criam o chamado Plano de Execução Didática (PED), que contém as diretrizes para cada competência e habilidade, relacionadas aos respectivos objetos de conhecimento. O documento final é o Plano de Aula (PA), no qual é apresentado um maior detalhamento das atividades para se atingir os objetivos do PED e do PSD.

O PSD é um documento amplo que mostra um caminho a ser seguido. Tanto para o Ensino Fundamental quanto para o Médio, existe um número de competências e suas respectivas habilidades a serem atingidas, o que pode ser feito de muitas formas. A especificação, ou a maneira de se atingir os fins colocados pelo PSD, ficam a critério do corpo docente que tem autonomia para escolher os seus meios.

A Proposta Pedagógica é regulamentada pela DEPA, a partir do que chamam de Projeto Pedagógico (PP) do SCMB. Esse projeto é enviado aos CM e, a partir dele, cada colégio fica responsável por analisá-lo e remetê-lo à DEPA, que consolida o documento. Há representantes em cada colégio, e as discussões são realizadas no mês de julho por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). No ano de 2020, os encontros não aconteceram em decorrência da COVID-19; em 2021 já estão previstos para se realizarem.

Ainda referente à Proposta Pedagógica (PP) dos CM, a linha geral que os unifica está definida no Marco Conceitual ou Filosófico, 1ª fase do Projeto Pedagógico do SCMB, e as especificidades locais são tratadas pontualmente no Marco Situacional e no Marco Operacional, 2ª e 3ª fases respectivamente. O Marco Operacional deve ser validado e reavaliado anualmente pelos integrantes de cada Colégio Militar e apresentado à Diretoria da DEPA por ocasião da Visita de Supervisão Escolar, cuja comitiva é formada pelo General da DEPA e por professores e professoras militares especialistas na área.

A implantação do ensino por competências no SCMB foi balizada pelos documentos oficiais – Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN). Para tanto, o fazer pedagógico está ancorado no desenvolvimento do que se denomina "arquicompetências", o desenvolvimento da leitura e da escrita em todas as disciplinas, assim como para um trabalho inter/multi e transdisciplinar e contextualizado. Dessa forma, o Projeto Pedagógico (2019, p.10) define que toda a atividade metodológica deve estar baseada sobre cinco eixos cognitivos:

I. Dominar linguagens (DL): dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica;
II. Compreender fenômenos (CF): construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos históricos-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas;
III. Enfrentar situações-problema (SP): selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representadas de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema;
IV. Construir argumentação (CA): relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente;
V. Elaborar propostas (EP): recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

Entende-se, por conseguinte, que a abordagem sociointeracionista, fundamental nos Colégios Militares e busca constante pelos docentes dialoga com princípios da aprendizagem significativa, da contextualização, da interdisciplinaridade e dos multiletramentos.

O currículo concentra-se em quatro grandes áreas:

a) Linguagens Códigos e suas Tecnologias, compreendendo Língua Portuguesa, Literatura, Arte, Línguas Estrangeiras Modernas e Educação Física;
b) Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, compreendendo Biologia, Física, Química e Matemática;
c) Ciências Humanas e suas Tecnologias, compreendendo História, Geografia, Filosofia e Sociologia;

d) Instrução Cívico Militar, disciplina exclusiva do SCMB, que contribui para que o aluno tenha postura crítica e ativa em relação à sociedade, a partir dos pressupostos do civismo, da honestidade e da democracia, e para que se perceba como ator social, participando da edificação de uma sociedade mais justa.

O documento apresenta proposta filosófica para cada área (Linguagens, Ciências Humanas, Matemática e Ciências da Natureza). A aprendizagem das disciplinas que compõem a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias deve proporcionar aos estudantes do SCMB condições de, por meio do desenvolvimento da competência discursiva e dos multiletramentos, concomitantemente, estar preparado para enfrentar, de forma crítica e ética, os desafios da sociedade contemporânea. A proposta filosófica referente à Língua Portuguesa, tanto para o Ensino Fundamental quanto para o Médio, marca meu diálogo com as determinações da DEPA (PP, 2019, p. 19):

> a aprendizagem da língua materna deve assegurar ao aluno, ao longo do ensino fundamental, o desenvolvimento das competências referentes à linguagem que lhe permitam participar de práticas sociais de leitura e escrita. Nesse sentido, a disciplina Língua Portuguesa deve criar condições para que o aluno possa interagir com as diversas manifestações da linguagem, a partir dos diferentes discursos que se apresentam nas relações sociais, considerando aspectos sociais, históricos e culturais, de modo a ter acesso aos bens culturais, resolver problemas de seu cotidiano e alcançar participação plena no mundo letrado.

Importante atentar à proposta filosófica que a DEPA determina para a disciplina de Língua Portuguesa de todo o SCMB, uma vez que privilegia a interação dos sujeitos com as mais variadas manifestações da linguagem, a fim de que possuam competência para modificar e reformar estruturas e exigências impostas pela sociedade no dia a dia e participar ativamente do mundo letrado.

A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do Ensino Médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola e definindo uma nova organização curricular. A lei, que deve ser implementada até 2022, faz referência a um currículo mais flexível que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ofertando diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos.

O Novo Ensino Médio, nos CM, foi implementado no ano de 2019 apenas para o 3º ano escolar. A partir de 2021, seguirá o proposto no Projeto Pedagógico 2021-2025, assumindo um caráter preparatório, atendendo às seguintes premissas:

Gráfico 2 - O Novo Ensino Médio (BNCC)

Fonte: BRASIL, 2021, p. 98

O conteúdo dos Itinerários Formativos "possibilitam ao estudante aprofundar seus conhecimentos e se preparar para o prosseguimento dos estudos ou para o mundo do trabalho" (Inciso III, do Art 6º da Resolução CNE/CEB nº 3, de 21 de novembro de 2018). Define-se como itinerário formativo integrado os IF que combinam mais de uma área de conhecimento ou formação profissional. Em 2021, os estudantes do 2º e do 3º Anos do Ensino Médio escolheram dois percursos vocacionais: Itinerário Formativo Carreiras Militares (CAM), destinado à preparação para as provas das Escolas Militares (EsPCEX, AFA, EM, ITA, IME), com preferência para a EsPCEx e IME; Itinerário Formativo Carreiras Universitárias (CAUNI), destinado ao aprofundamento das Áreas de Conhecimento com foco na preparação universitária, com preferência para o ENEM.

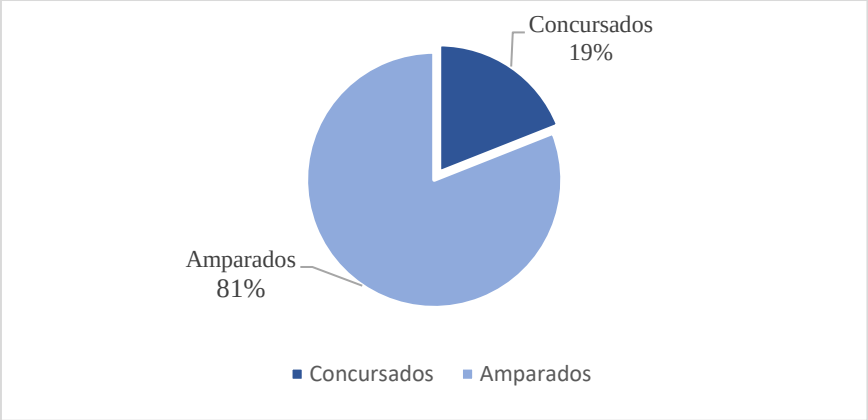
A disciplina Treinamento Físico Militar (CAM) visa condicionar os estudantes para o exame de preparação física dos concursos para ingresso nas escolas militares, ofertando orientações teóricas e práticas para as tarefas a serem realizadas: corrida, flexão de braços sobre o solo, abdominal supra e flexão de braços na barra fixa.

O ensino do SCMB é considerado de excelência, o que motiva muitas famílias a buscarem vagas em Colégios Militares para seus dependentes. O ingresso se dá de duas formas: dependentes de militares que atendam aos requisitos dispostos no Regulamento dos Colégios Militares (R-69, 2008) ou aprovados no concurso para o 6º ano do Ensino Fundamental e, quando houver vaga, para o 1º ano do Ensino Médio. Os dependentes de militares são submetidos a uma Avaliação Diagnóstica (AD) de Matemática, Língua Portuguesa e Redação. No entanto, não é atribuído um grau para essa avaliação, pois tem o objetivo apenas de sondar pré-requisitos para o ano pleiteado. Os responsáveis recebem o parecer - apto, apto com

restrição ou inapto - e a orientação da Seção Psicopedagógica para que o estudante retorne um ano ou frequente o apoio pedagógico oferecido no turno inverso. A decisão pelo ano a ser frequentado é de responsabilidade dos responsáveis.

Aqueles que ingressam por meio de concurso público são submetidos a provas de Matemática, Língua Portuguesa e à produção de um texto.

Gráfico 3 - Origem dos estudantes do SCMB



Fonte: http://www.cmpa.eb.mil.br/. Acesso em 12/01/2020.

Como se pode observar no gráfico acima, o universo de estudantes que ingressam na instituição por concurso público é ínfimo, o que confere às escolas ainda mais heterogeneidade discente.

O desenvolvimento de valores e a formação integral dos ingressos permeiam outras práticas amparadas por decretos do Exército. Os Colégios Militares oportunizam e incentivam atividades extraclasse, a saber: Clube de Relações Internacionais, Clubes das disciplinas de História, Literatura Brasileira, Matemática, Física, Química e Inglês, Clube de Astronomia, Clube de Robótica, Clube de Iniciação Científica, Clube de Jornalismo, Clube de Fotografia, Clube de Cinema, Sociedade Esportiva e Literária (SEL)[22], atividades esportivas em modalidades coletivas ou individuais. Além disso, a Diretoria promove anualmente os Jogos da Amizade e o "Zumzaravoice"[23], na cidade de Campinas – SP ou em Resende – RJ, momento esportivo e artístico em que participam todos os colégios, aproximadamente 150 integrante de cada CM. Para dar voz e vez aos jovens com tendência a pesquisas no campo científico e estudo na área de humanas, a Diretoria promove, anualmente, o Desafio Global do Conhecimento, um evento multidisciplinar que ocorre no Colégio Militar de Brasília (CMB) – DF. O evento é

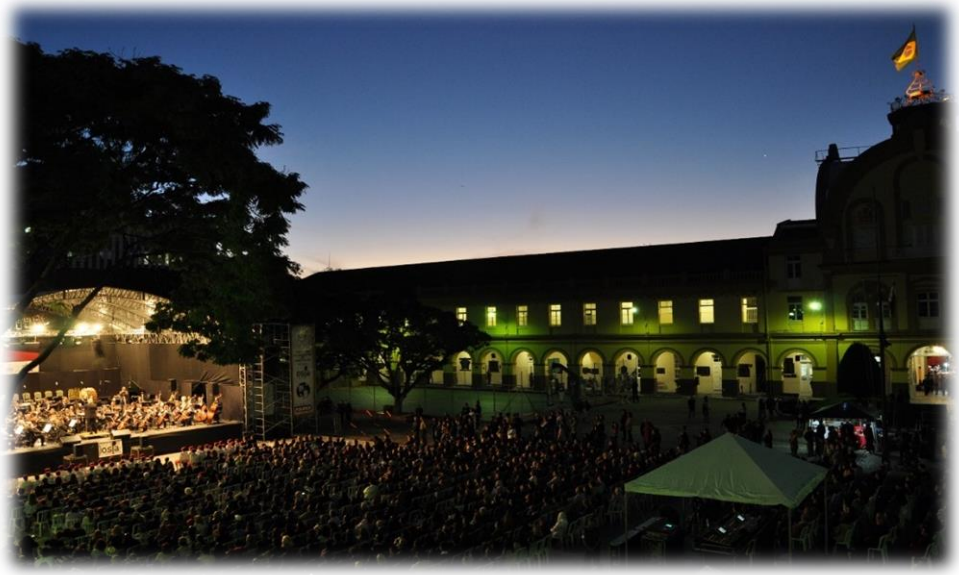
[22] Nome dado à agremiação estudantil do CMPA. A SEL é composta por discentes do 2º Ano do EM eleitos pelo colegiado (6º Ano do EF ao 3º Ano EM) para o mandato de um ano.
[23] Competição musical entre os quatorze CM nos moldes do reality show de talentos The Voice Brasil. O nome do evento é a junção da saudação colegial *Zum Zaravalho* com *The Voice*.

composto por Feira de Ciências, Feira de Robótica, Olimpíadas de Matemática e o chamado Mundo CM, simulação de fóruns das Nações Unidas por participantes do Clube de Relações Internacionais – CRI (DEPA, 2019). Embora a participação do corpo discente nas modalidades esportivas seja valorosa, a atuação em modalidades artísticas (banda de música, coral, teatro, dança) também é bastante incentivada e motivo de orgulho para a instituição.

Figura 10 – Concerto da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) e Coral do CMPA (2014)

Fonte: Acervo da Seção de Comunicação

Figura 11 – Concerto da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) e Coral do CMPA (2014)



Fonte: Acervo da Seção de Comunicação Social

A participação desses jovens nos clubes e nas atividades extraclasse é de caráter voluntário. Normalmente, os que participam dessas atividades participam também das olimpíadas do conhecimento como a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas – OBMEP, Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica, Olimpíada de Robótica, ou concursos culturais, como a Olimpíada de Língua Portuguesa e o "Desafio National Geographic", obtendo excelentes resultados.

As avaliações externas como a Prova Brasil, o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, o Sistema de Avaliação do Ensino Básico - SAEB, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB e a aprovação de diversos exames vestibulares das mais concorridas instituições públicas ou privadas do país certificam a qualidade do ensino oferecido pelo Sistema. Nos sites oficiais de cada colégio, pode-se encontrar a divulgação do bom desempenho dos estudantes dos CMs.

Por fim, é possível registrar que a maioria dos estudantes do SCMB garante o acesso aos cursos que desejam, cumprindo, assim, importante função social, já que a parte do seu efetivo discente, aqueles aprovados em exame de seleção pública, é bem menor do que o número de filhos de militares ingressos por amparo legal. Além disso, é possível registrar que jovens que concluíram suas trajetórias escolares garantem ingresso, com bolsas de estudo, em universidades fora do país.

A partir desse panorama, observa-se a heterogeneidade discente que o professor encontra em suas salas de aula, tanto de ordem cognitiva quanto de origem social. Vale ressaltar que, embora desafiador, este cenário é visto como positivo dentro da proposta do SCMB que prevê a convivência harmônica com as diferenças e o desenvolvimento de valores como respeito e camaradagem.

Para o quinquênio 2021-2025, o desafio é projetar o SCMB para um cenário de vanguarda educacional sempre fundamentado nos valores e nas tradições do Exército Brasileiro, sua Instituição mantenedora. O lema 'Braço Forte, Mão Amiga' reporta à força de seu braço e o dever de defender a soberania brasileira; na sua mão, a valorização de uma geração que é forjada – desde os Colégios Militares até as Escolas de Formação Militar- para prosseguir como cidadãos patrióticos e cônscios de seus ideais.

4.3 O COLÉGIO

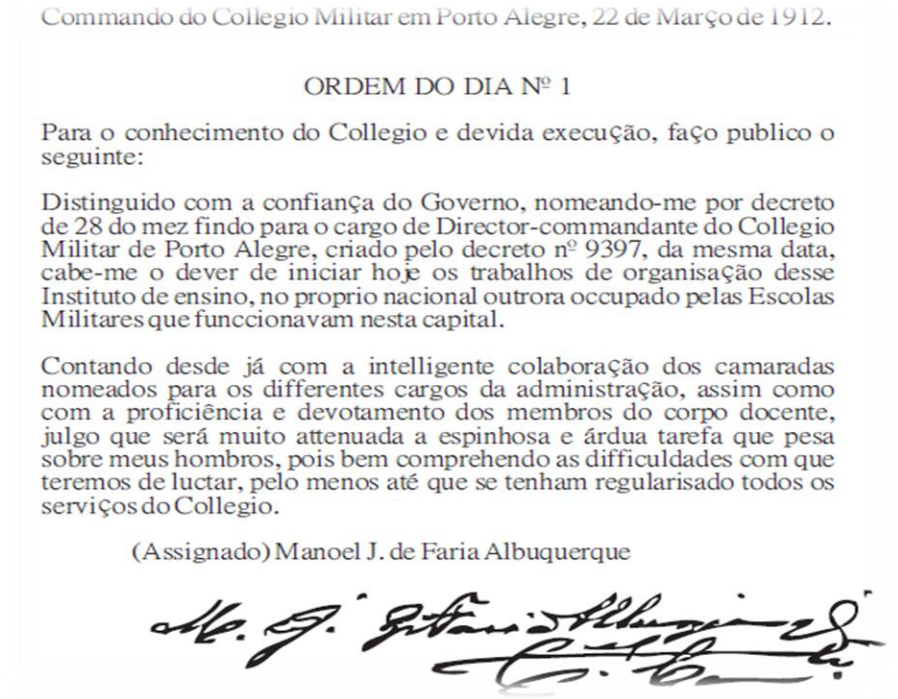
"Baleiros" & "Baleiras" – de Varonil a Juvenil

Sim, fui "baleiro" com orgulho! "baleiro" foi inicialmente um nome pejorativo dado aos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA). Vem duma época em que os cinemas eram fora dos shopping centers e possuíam funcionários que ofereciam balas dentro da própria sala de cinema. Eles entoavam a fala "baleiro, balas" e vestiam uniformes caqui parecidos com os utilizados pelos alunos do CMPA. Nesta mesma época (décadas de 1940, 1950 e 1960) havia intensa disputa pelo afeto das meninas do Instituto de Educação General Flores da Cunha: os estudantes do CMPA de um lado e os do Colégio Estadual Júlio de Castilhos do outro. Esses últimos caçoavam dos alunos do CMPA lhes chamando de "baleiros" e entoando a mesma fala dos cinemas: "baleiro, balas"!

(Ex-Aluno Antônio de Barros Lopes - 1988 a 1994 - Turma Mário Quintana)

O Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), *locus* deste estudo, é um dos quatorze estabelecimentos de ensino que integram o Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB). Foi legislado pelo Decreto nº 9.397, de 28 de fevereiro de 1912, sendo presidente da República o Marechal Hermes da Fonseca.

Figura 12 - Ordem do Dia Nº 1 publicada em BI Nº 1 do CMPA (1912)



Commando do Collegio Militar em Porto Alegre, 22 de Março de 1912.

ORDEM DO DIA Nº 1

Para o conhecimento do Collegio e devida execução, faço publico o seguinte:

Distinguido com a confiança do Governo, nomeando-me por decreto de 28 do mez findo para o cargo de Director-commandante do Collegio Militar de Porto Alegre, criado pelo decreto nº 9397, da mesma data, cabe-me o dever de iniciar hoje os trabalhos de organisação desse Instituto de ensino, no proprio nacional outrora occupado pelas Escolas Militares que funccionavam nesta capital.

Contando desde já com a intelligente colaboração dos camaradas nomeados para os differentes cargos da administração, assim como com a proficiência e devotamento dos membros do corpo docente, julgo que será muito attenuada a espinhosa e árdua tarefa que pesa sobre meus hombros, pois bem comprehendo as difficuldades com que teremos de luctar, pelo menos até que se tenham regularisado todos os serviços do Collegio.

(Assignado) Manoel J. de Faria Albuquerque

Fonte: Livro Centenário do Colégio Militar de Porto Alegre

Suas origens fazem alusão ao ano de 1851 com a finalidade de abrigar o recém-criado Curso de Infantaria e de Cavalaria da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. A sua sede, o Velho Casarão da Várzea, tem arquitetura em estilo neoclássico e faz parte do patrimônio histórico da cidade de Porto Alegre desde a sua fundação em 1872. Constituído, inicialmente, de um quadrilátero térreo e cinco castelos de dois pisos, o prédio aumentou seu tamanho em três diferentes períodos: 1914 e 1915, 1936 e 1937 e, por último, 1969 e 1970. Em sua fachada, existem estátuas que representam Marte/Ares, deus da guerra, e Minerva/Atena, deusa guerreira da sabedoria, e são as maiores estátuas de adorno de Porto Alegre. O torreão sobre o Salão Nobre do CMPA é chamado de torre-lanterna, que simboliza a lanterna do saber com a qual os antigos mestres conduziam seus discípulos pelas trevas da ignorância. A iluminação colocada em 2006, ressaltando a lanterna, os deuses e a Bandeira Nacional, tornou-se um espetáculo noturno na capital gaúcha.

Ainda sobre a alcunha de Casarão da Várzea atribuída ao prédio do CMPA, dá-se pelo seu porte majestoso, maior da cidade em área construída durante meio século, e pela construção em área plana onde não havia edificações e vegetação de maior porte. Devido à imponência do Casarão da Várzea, foi um dos cartões postais, impressos na França, mais divulgado da cidade de Porto Alegre.

Figura 13 - Cartão Postal da cidade de Porto Alegre (1904)

Fonte: Acervo Museu do CMPA.

Não cabe aqui uma descrição aprofundada do prédio, nem de sua construção. A questão é que o Casarão, primeiro recorte na paisagem, definiu um novo alinhamento dentro da grande várzea. Com o passar dos anos e a consequente modernização da cidade, surgiram novos

prédios, ruas e praças, preenchendo a antiga região e reduzindo o primitivo potreiro. Porém, o imponente casarão, com sua forte e bela arquitetura, continuou destacando-se no cenário da várzea, marcando de forma indelével a cidade e o Bairro Farroupilha. Continuou sendo cartão postal da cidade de Porto Alegre ornamentado pelo Parque Farroupilha, conhecido popularmente como Parque da Redenção.

Figura 14 – O Colégio do Parque ou o Parque do Colégio (2020)

Fonte: Acervo pessoal

Há, na tradicional escola centenária, um sentimento de soberbo orgulho por ter tido em seus bancos escolares estudantes que se tornaram grandes personagens da história do Brasil. João de Deus Menna Barreto, Getúlio Dornelles Vargas, Eurico Gaspar Dutra, Humberto de Alencar Castelo Branco, Arthur da Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Baptista de Oliveira Figueiredo foram militares e presidentes da República que têm, em suas trajetórias, a passagem pelas arcadas do Velho Casarão da Várzea, assim como o vice-presidente Hamilton Mourão. O orgulho, no entanto, não se encerra nas referências militares e políticas, pois, por aqui, também figuraram grandes celebridades, como o poeta Mário Quintana, o artista plástico Vasco Prado, o escritor e jurista Darcy Pereira de Azambuja, entre

outros, que, além de brilhantes intelectuais gaúchos, são referências no cenário cultural brasileiro.

O poeta, tradutor e jornalista Mário Quintana estudou no CMPA, onde publicou, na Revista Hyloea, suas primeiras poesias em 1922, ano de estreia da revista literária dos adolescentes do colégio.

Figura 15 – Al Nº 119 Mario Quintana (1919 a 1924)

Fonte: Acervo Museu do CMPA.

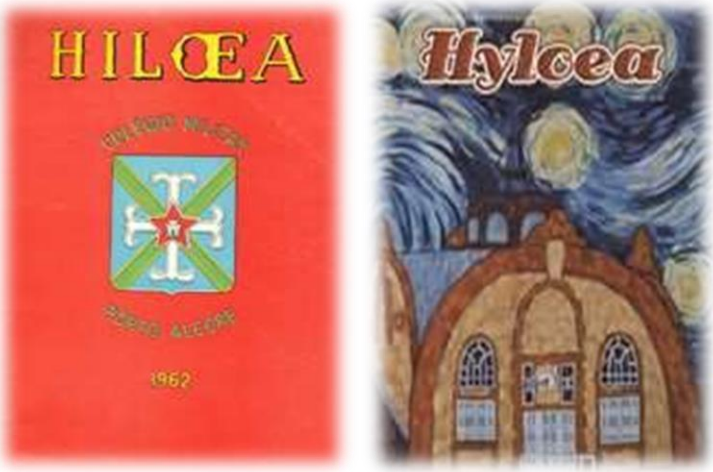
A revista Hyloea foi fundada em 1922 como órgão oficial da Sociedade Cívica e Literária (nome anterior da atual Sociedade Esportiva Literária - SEL), que foi idealizada por um grupo de jovens das classes finais do colégio com o objetivo de registrar acontecimentos do cotidiano escolar, assim como publicações de estudantes e fotos de turma. Curioso é que a revista, por muitos anos, serviu, também, como o espaço para “flertes” entre os meninos do Colégio Militar, quando era um educandário apenas masculino, e as meninas do Instituto de Educação Flores da Cunha, educandário feminino, localizado à avenida Osvaldo Aranha.

A denominação “Hyloea" foi uma homenagem e um engajamento dos baleiros na luta pela Hiléia Amazônica, denominação dada à imensa floresta equatorial pelos naturalistas Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland, que estava sob risco de internacionalização na segunda década do Séc. XX.

Por meio do "Projeto Hyloea Online", trabalho realizado pela Equipe da Revista, Seção de Informática e Museu Casarão da Várzea, o CMPA disponibilizou, na página digital do colégio, edições da revista (a partir de 1951) que foram possíveis ser recuperadas. Para conhecer

a instituição e suas transformações, assim como as gerações que por ali passam, basta seguir a sequência de seus números.

Figura 16 – Revistas Hyloea 1962 e 2019



Fonte: http://www.cmpa.eb.mil.br/component/content/article?id=378. (Acesso em 09/06/2020).

As formaturas semanais, já mencionadas neste trabalho, fazem parte de uma rotina semanal minuciosamente organizada por chefes da comunicação social, por comandantes de companhia, por monitores e por estudantes convidados. Nesses eventos, são cantados, por toda a comunidade presente, o Hino do Brasil, a canção Avante Camaradas e a Canção do CMPA, essa, uma espécie de hino que releva os valores cívicos e militares da instituição.

Somos espadas de um povo altaneiro,
Somos escudos de grande não,
Em nossos passos marcham guerreiros
Avança a glória num pendão.
Na nossa escola forja-se a grandeza,
Temos no peito amor juvenil,
Em nossas cores toda a natureza,
Nós somos filhos do Brasil.
Salve o Brasil, CMPA!
Salve o Brasil, CMPA!
No valor de nossos avós,
Salve o Brasil, CMPA!
Salve o Brasil, CMPA!
Na bravura dos seus heróis.
(http://www.cmpa.eb.mil.br/hinos-cancoes.
Acesso em 20/04/2020)

Figura 17 – Formatura Matinal (2019)

Fonte: Acervo da Secção de Comunicação Social do CMPA

Há, no CMPA, festas escolares que acontecem anualmente e que acentuam o sentimento de pertencimento, criam vivências comuns, produzem memórias compartilhadas e auxiliam a compor uma atmosfera reconhecível por aqueles que vivenciaram e vivenciam esses ritos e comemorações. São construções simbólicas das experiências escolares, multifacetadas, assumindo diferentes significações. As cerimônias mais significativas, enquanto representação, sobretudo pelas imagens visuais que permitem ver o mundo da escola com a força da imaginação, são a de ingresso dos novos estudantes no SCMB, que ocorre no mês de fevereiro; a de aniversário do CMPA, no mês de março; e a festa dos formandos do 3º ano do Ensino Médio no mês de dezembro.

Na cerimônia de ingresso no SCMB, o estudante com menor idade recebe das mãos do Comandante a chave dos portões que simboliza a abertura da escola. Enquanto isso, os ingressos aguardam em forma junto ao Monumento do Expedicionário no Parque Farroupilha – Redenção – para a entrarem marchando pela Guarda do Casarão da Várzea.

Figura 18 – Entrega da chave do CMPA (2021)

Fonte: Acervo da Secção de Comunicação Social do CMPA

O ritual de abertura dos portões acontece em todos os quatorze CM, mas apenas no Colégio Militar de Porto Alegre os professores militares e civis ficam perfilados aplaudindo em gesto intimista de acolhida.

Figura 19 – Recepção do corpo docente aos novos discentes (2021)

Fonte: Acervo Secção de Comunicação Social do CMPA

Ato contínuo à entrada simbólica e à entrega da “Boina Garança”, a cerimônia culmina com uma formatura, momento em que os novos integrantes do Colégio dos Presidentes prestam compromisso perante o Estandarte Escolar com o juramento do aluno. Além dos professores, familiares e seus convidados, o colégio recebe a comunidade civil.

As festas de aniversário dos CMs são solenidades valorosas para o SCMB. A data de aniversário do CMPA é 22 de março, mas, invariavelmente, é comemorado no sábado mais

próximo dessa data, a fim de que um número expressivo de convidados possa comparecer, incluindo ilustres antigos alunos. Símbolos cívicos e símbolos do colégio compõem o cenário da festividade. Nesse dia, o momento mais esperado e aplaudido da cerimônia é o desfile do Batalhão da Saudade.

Figura 20 – Desfile da Guarda-Bandeira (2020)

Fonte: Acervo da Secção de Comunicação Social do CMPA

Figura 21 – Desfile Batalhão Escolar (2020)

Fonte: Acervo da Secção de Comunicação Social do CMPA

Figura 22 – Desfile Batalhão Escolar (2020)

Fonte: Acervo da Secção de Comunicação Social do CMPA

Os festejos pela comemoração dos aniversários dos quatorze colégios que integram o SCMB é, além de uma tradição, o momento de abrir suas portas para toda a comunidade escolar, dignos convidados e sociedade civil com esmero e orgulho. É possível observar o entusiasmo no relato do ex-professor de História e ex-Chefe da Seção de Comunicação Social, postado em rede social do CMPA. Conforme o Cel Inf R1 Leonardo RC Araujo,

> a bela e agradável manhã de 21 março de 2020 foi o palco perfeito para a comemoração dos 108 anos de criação do Colégio Militar de Porto Alegre, em solenidade que reuniu mais de três mil pessoas.
> Neste ano, o Velho Casarão da Várzea engalanou-se ainda mais, pois contou com prestígio da presença do Vice-Presidente da República (e Presidente em exercício), General de Exército Antônio Hamilton Martins Mourão, Antigo Aluno nº 559, formado em 1971.
> A comemoração começou às 08 horas com a cerimônia de inauguração da Placa da Turma formada em 2019 e, logo após, com a de entrega da Revista Hyloea aos antigos alunos formados no ano passado, em atos presididos pelo Cel Comandante e Diretor de Ensino do CMPA.
> A seguir, a Turma que ingressou em 1962 brindou o Colégio Militar com duas placas, uma contendo a relação dos alunos que o inauguraram em 1912 e outra com aqueles que o reinauguraram em 1962. Colocadas nos canteiros iniciais do Pátio Plácido de Castro, ambas foram descerradas em tocante solenidade, que contou também com descendentes dos alunos que ingressaram em 1912, caso do Gen Etchegoyen e dos irmãos Eduardo e Ângela Menna Barreto [...].
> A marcialidade, a imobilidade e a correção de movimentos do Corpo de Alunos que, garboso, formava no Pátio Plácido de Castro, foram dignas de elogios de várias autoridades que estavam no palanque.
> A entrega das Medalhas de Aplicação e Estudo aos alunos que obtiveram as maiores notas globais em 2019 e a de Diplomas Amigo do CMPA foram dois dos pontos altos da cerimônia [...].
> São 108 anos de uma história onde despontam a excelência de ensino, a amizade e o amor pelo Velho Casarão da Várzea!
> Zum Zaravalho!

CMPA! CMPA!
(Disponível em: https://www.facebook.com/colegiomilitardeportoalegre.)

A formatura do 3º ano do Ensino Médio é a terceira cerimônia anual muito significativa e, também, a que provoca mais emoção na comunidade escolar. A Comissão de Organização de Formatura congrega pais, discentes e docentes, através de reuniões mensais para a organização do evento. A formatura é um ritual que reúne diversos pequenos ritos, que iniciam no turno da tarde, com a realização de um culto ecumênico[24], estendendo-se até a noite. À tardinha, no Salão Brasil do CMPA, são premiados os três formandos que obtiveram o maior rendimento escolar geral, expresso nas avaliações escolares durante o ano letivo.

Na noite da formatura, é também inaugurada a fotografia do Coronel-Aluno no Quadro dos Comandantes do Batalhão Escolar que fica exposto sob as Arcadas do Casarão. O Coronel-Aluno é o estudante que, ao final do 2º ano do Ensino Médio, por ter obtido o maior rendimento escolar em todas as disciplinas, adquire o direito de ser o Comandante do Batalhão Escolar.

Figura 23 – Comandante do Batalhão Escolar de 2021

Fonte: https://www.facebook.com/colegiomilitardeportoalegre. Acesso em 15/12/2020

Por fim, a cerimônia no Pátio Plácido de Castro com todas as formalidades já experimentadas pelos formandos. Apenas o juramento aponta para um novo caminho, uma nova fase: não se trata mais de ser um aluno exemplar, mas um antigo aluno que carregará a marca do colégio e que manterá com a instituição o compromisso de zelar pelo seu nome, prestígio e prosperidade.

[24] O Culto Ecumênico é realizado com a participação de religiosos das seguintes orientações: católica, espírita, protestante, evangélica e judaica.

Juramento do ex-aluno
Ao deixar o Colégio Militar
Assumo o compromisso
De ser um cidadão digno e honrado
Conservar a fé nos destinos do Brasil
Cultuar o sentimento de camaradagem fraterna
Que congrega alunos e ex-alunos em uma única família
E guardar fidelidade às nobres tradições desse colégio
Prestando-lhe com dedicação e entusiasmo
O meu serviço para sua crescente prosperidade
Maior glória de seus filhos
E eterno prestígio de seu nome.
(http://www.cmpa.eb.mil.br/)

Todos os anos, ao encerrarem as atividades do ano letivo, os formandos do Ensino Médio do CMPA deixam seus nomes registrados nos convites de formatura, nas placas das turmas, nas páginas da revista Hyloea. Outra forma de deixarem suas marcas na instituição constitui-se em uma tradição: a inscrição do nome nas lajes (pedras) do pátio do colégio.

Figura 24 – Inscrição do nome dos formandos nas lajes (2015)

Fonte: Livro Centenário do Colégio Militar de Porto Alegre

É uma festa preparada para ser inesquecível para todos que dela participam; não se constitui, apenas, como um ritual de entrega de certificados. Ela é, também, um dos artefatos na elaboração da memória coletiva da instituição, produzindo sentimentos de pertencimento, atuando para compor uma comunidade afetiva.

Figura 25 – Formatura do 3º Ano (2019)

Fonte: Acervo da Secção de Comunicação Social do CMPA

Os formados do 3º Ano do Ensino Médio assim se despedem do Colégio Militar de Porto Alegre, como último ato da bela e marcial Formatura ao som de "Amigos para sempre"[25] e "Valsa da Despedida", de autoria de Francisco Petrônio. Assim como ingressaram pelo Portão das Armas, despedem-se, desfilando, pela última vez como estudantes, formando um coração que abraça a sigla CMPA, do seu Colégio, símbolo eterno e indissolúvel do elo que criaram com o Casarão da Várzea.

Outras datas são, também, celebradas com menos pompa no cotidiano escolar do CMPA. No Dia do Aluno, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças, Dia do Magistério, Dia do Soldado, Dia dos Namorados (embora seja proibido o namoro dentro da escola), Dia do Abraço, entre outras datas, são promovidos momentos recreativos.

[25] Canção escrita para os Jogos Olímpicos de Verão de 1992 em Barcelona, composta por Andrew Lloyd Webber e a letra, de Don Black.

Figura 26 – Publicação alusiva ao Dia dos Namorados (2021)

Fonte:https://www.facebook.com/colegiomilitardeportoalegre/posts/10158512348483821. Acesso em 12/06/2021

Solenidades e cerimônias têm grande importância para o SCMB como reconhecimento dos valores e dos comportamentos dos discentes, no entanto a instituição entende que a escola vai além e que precisa exercer papel fundamental na socialização do acesso ao conhecimento e na promoção da construção moral e ética nos estudantes. Esse papel compõe a formação de sujeitos conscientes, críticos, engajados e com potencial de transformação de si mesmos e da sociedade.

De acordo com a Organização das Nações Unidas – ONU, o voluntariado,

> em sua diversidade, entende que ele é universal e inclusivo, além de enaltecer os valores que o envolvem: escolha própria, compromisso, engajamento e solidariedade. Os efeitos do voluntariado beneficiam o conjunto da sociedade, assim como aumentam a confiança, a solidariedade e a reciprocidade entre cidadãos, por sua vez geradoras de oportunidades de participação. (https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/operations/unv.html. Acesso em: 25/1/2021)

Nesse sentido, e em conformidade com os programas de voluntariado, são promovidas diversas campanhas para que os jovens participem efetiva e voluntariamente de ações beneficentes. Todos os anos, são realizadas, pela Associação dos Amigos do Casarão da Várzea - AACV[26] -, juntamente com a SEL, campanhas de doação de agasalho, de alimentos, de sangue, de órgãos, de computadores, de materiais escolares, de brinquedos, entre outras que

[26] Entidade atuante no Colégio Militar de Porto Alegre que cumpre duas funções distintas: a de Associação de Pais e Mestres (APM), com a missão de integrar os esforços do Colégio em prol do fortalecimento da ação educacional e da efetiva participação e vitalidade do trinômio "Família – Aluno – Colégio"; e a de Associação dos Amigos do Casarão da Várzea (AACV), ao exercer o papel de materializar e reforçar os laços afetivos entre os antigos alunos, integrantes, ex-integrantes e amigos do Velho Casarão da Várzea.

venham a atender grupos em situação de vulnerabilidade. Os estudantes participam ativamente da promoção, do recolhimento e da distribuição do material arrecadado.

Figura 27 – Campanha de Arrecadação de Agasalho (2021)

Fonte: https://www.facebook.com/colegiomilitardeportoalegre/photos/pcb.8821/. Acesso em 12/05/2021.

Figura 28 – Campanha de Doação de Sangue (2021)

Fonte: https://www.facebook.com/colegiomilitardeportoalegre/photos/pcb/. 8821. Acesso em 12/05/2021.

Ainda nessa perspectiva de formar sujeitos conscientes e partícipes, práticas voltadas para a Educação Ambiental pautam a sociedade “baleira”. A Educação Ambiental é desenvolvida de forma contínua e permanente do 6º ano do EF ao 3º ano do EM por todos os envolvidos na educação. Sendo um tema transversal, não deve ser considerado uma disciplina específica, entretanto, deverá ser trabalhado na educação formal e não-formal, conforme determina e orienta a Lei Nº 9.795/99, a Portaria 014/DEP, de 08 de fevereiro de 2008, e o documento da proposta de promoção da educação ambiental no SCMB, emitido pela DEPA em

2008. Na educação formal, faz-se a seleção de materiais e técnicas que possam conduzir os jovens à permanente reflexão sobre as questões ambientais. Na educação não-formal, é proposto integração com atividades como palestras, programas de leitura, Semana do Meio Ambiente, trabalhos interdisciplinares, campanhas de coleta seletiva, limpeza de áreas degradadas, plantio de mudas e sensibilização da comunidade escolar e do entorno.

A SEL e a Legião de Honra criaram uma premiação, Troféu Eficiência, que tem o objetivo de estimular as doações por parte dos jovens e o empenho em campanhas beneficentes. É uma pequena competição que pontua, até o final de cada ano, as participações, das turmas e contabiliza o número de doações. A turma vitoriosa ganhará o Troféu Eficiência e, ainda, uma semana de uso do abrigo escolar, medalhas, destaque na formatura semanal e elogio individual.

Figura 29 – Troféu Eficiência (2020)

Fonte: Acervo da SEL

E como se dá a chegada dos jovens novos neste colégio com realidade tão diferenciada e tão plural? Como já apresentado neste trabalho, são crianças e adolescentes concursados para ingressarem no 6º Ano do EF ou no 1º Ano do EM que nada conhecem do sistema, mas são, também, estudantes filhos de militares, que podem vir transferidos de cidades e de estados que não têm CM, e também não conhecem a instituição.

O ano letivo é dividido em trimestres, e as atividades são planejadas semanalmente em um cronograma que vai da Semana 01 à Semana 48. No entanto, existe a Semana 00 apenas para os novos integrantes com a finalidade de aprenderem sobre o funcionamento e as regras

do colégio. Monitores e estudantes convidados(as) dão treinamentos relativos à Instrução Cívico-Militar (ICM) e à Atividade Cívica-Militar (ACM). Execução da ordem unida, uso correto dos uniformes, posturas e comportamentos nas formaturas, hasteamento da Bandeira, memorização das canções e hinos são algumas das orientações que compõem a grade curricular de Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

A partir do relato de diversas famílias sobre as dificuldades encontradas durante o processo inicial de adaptação e de integração, desde o ano 2000, acontece, também, o Projeto "Cheguei ao CMPA".

O Projeto é desenvolvido ao longo de todo o ano, por se entender que a adaptação é um processo. Desta forma, são realizadas atividades diversificadas durante o horário de aula ou extraclasse com entrevistas individuais, trabalhos em pequenos grupos ou junto às turmas de aula, painel com relatos de experiências, encontros com estudantes de outros anos que também passaram pela situação de "chegada", exposição de trabalhos dos novatos, reuniões com professores e com os pais e, ainda, apoio pedagógico quando for necessário. Além disso, toda a escola se mobiliza para melhor acolher os ingressos e favorecer a adaptação com esclarecimentos sobre as normas e as regras da instituição.

Figura 30 – Projeto "Cheguei no CMPA" (2029)

Fonte: Acervo Seção Psicopedagógica

A vida escolar é divulgada à sociedade através da Seção de Comunicação Social dos CM. Essa seção é organizada de modo que cada colégio planeje suas atividades específicas, visando a preservar e difundir tradições, memória e valores éticos, morais, culturais e históricos

do EB. Nos planejamentos, deverão ser observadas as orientações contidas nas diretrizes dos CComSEx, C Mil A[27], DECEx[28] e DEPA.

A finalidade da Central de Mídia é a criação e a operacionalização de canais de comunicação de páginas em mídias sociais, aplicando os modernos conceitos de Marketing Digital, para o fortalecimento da marca *"Sistema Colégio Militar do Brasil" (SCMB)* com a participação colaborativa discentes do Sistema. Para a execução, os CM seguem portaria específica que regulamenta o uso das mídias sociais (Portaria nº 196-EME, de 1º de julho de 2019, do Chefe do Estado-Maior do Exército. Boletim do Exército nº 28, de 12 de julho de 2019.): definições (Facebook, Instagram, Twitter, Youtube e Lindekin), restrições e desenvolvimento.

Figura 31 – "Chegamos" no Instagram - 26/08/2020

Fonte: Perfil Oficial do Colégio Militar de Porto Alegre no Instagram.

As postagens das fotos, seguidas de textos, enaltecem vitórias que se destacam no cenário estadual, nacional e internacional e são publicadas por serem expressão significativa para a Comunidade Garança, para a Família Militar e para o meio civil.

[27] Comandos Militares de Área.
[28] Departamento de Educação e Cultura do Exército (DEPA).

Figura 32 – Al João Pedro Calazans - 1º Lugar na modalidade xadrez nos Jogos Estaduais do Rio Grande do Sul - JERGS (2020)

Fonte: Perfil oficial do Colégio Militar de Porto Alegre no Instagram

Figura 33 – Al Laura Ortiz Portella - 1º Lugar na modalidade iniciantes de adestramento da Taça Brasil de Adestramento" (2020)

Fonte: Perfil oficial do Colégio Militar de Porto Alegre no Instagram

Figura 34 – Al Felipe Tomaz Tancredo - 1º lugar mundial na Competição Global de Redações de Harvard Crimson (2021)

Fonte: Perfil oficial do Colégio Militar de Porto Alegre no Instagram

O jovem Tancredo (nome de guerra) obteve o 1º lugar mundial na categoria de redações argumentativas da Competição Global de Redações de Harvard Crimson, concurso de escrita mundial proporcionado pelo jornal estudantil Harvard Crimson, entidade ligada à Universidade de Harvard. O Al Tancredo recebeu, entre 2549 estudantes de 89 países, a distinção English Language Learner (ELL), honraria destinada aos participantes que não têm o inglês como língua materna, e foi o único latino-americano a figurar entre os três primeiros lugares.

O conceito de rede social é bastante antigo. Na Sociologia, por exemplo, a ideia de rede social é utilizada para analisar interações entre indivíduos, grupos, organizações ou sociedades desde o final do século XIX.

No século XXI, o SCMB se inseriu nas redes e mantém plataformas atualizadas com conteúdos voltados para as realizações, as conquistas e as rotinas da vida dos CM. Contabiliza as inteirações, as repercussões e as representações na sociedade de consumo: “Já somos 1.000 seguidores no Instagram”.

Figura 35 – “Já somos 1.000 seguidores no Instagram” - 20/09/2020

Fonte: Perfil oficial do Colégio Militar de Porto Alegre no Instagram

Procurei, nesta apresentação do lócus do meu estudo, manter compromisso de compatibilizar as necessidades da pesquisa no que diz respeito ao cotidiano do fundamento da instituição e à rotina escolar e pessoal dos integrantes do Colégio Militar de Porto Alegre. Necessária essa exposição para que se possa conhecer o “lugar” em que as trajetórias identitárias circulam.

Ser professora do componente curricular de Língua Portuguesa, no CMPA, possibilita a minha aproximação efetiva do cotidiano dessas culturas juvenis, pois o impresso escolar mostra-se como uma fonte em que discussões e contradições institucionais podem se mostrar mais evidentes do que em relatórios oficiais ou em boletins informativos. Possibilita que eu possa ouvir as vozes desses jovens, suas aspirações, alegrias, anseios, temores, fantasias e incertezas. Afinal, os estudantes constituem, teoricamente, a razão da existência de toda instituição escolar.

5 A METODOLOGIA

5.1 A CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

O caminho investigativo pode ser entendido como a junção de pensamentos e práticas em problematização de um determinado acontecimento. Neste estudo, é o modo como se constroem as identidades "baleiras" ou como se dá o pertencimento juvenil ao CMPA, já que estar nesse lugar educativo exige singularidades comportamentais pouco comuns a jovens nesta sociedade de consumidores.

Mais do que averiguar e evidenciar achados, esta pesquisa objetivou desenvolver um produto educacional, portanto, é caracterizada como de natureza aplicada, que segundo, Gil (2008), tem como escopo a utilização e as consequências práticas do conhecimento.

Ao mesmo tempo, o empreendimento empírico tem como foco os jovens estudantes, seus modos de ser e estar numa comunidade escolar diferente daquela em que esteve nas etapas anteriores de ensino, privilegiando relatos de vivências e garantindo a abordagem qualitativa junto aos participantes. Esse tipo de investigação, para Minayo (2002, p. 21-22), "se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...]". Levando em conta que pesquiso no lugar onde exerço a docência, há mais de 24 anos, essa investigação também pode ser qualificada como participante ou observação participante, que, de acordo com Minayo (2002, p. 59-60), é a técnica que

> se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. **O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados**. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto. A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real (grifo meu).

Ao mesmo tempo, esta pesquisa pode ser caracterizada como descritiva que, para Thiollent (1986, p. 16) visa "resolver ou, pelo menos, esclarecer os problemas da situação observada". A ação dos pesquisados não deve ser corriqueira, mas dirigida e organizada.

Feito esse desenho metodológico inicial, coube a busca por instrumentos de coleta e de mecanismos para a condução das análises em coerência com o projetado, sem deixar de buscar correções e refinamentos durante o caminho investigativo.

5.2 OS INSTRUMENTOS DE COLETA

Como já apresentado neste estudo, O CMPA é uma escola de Educação Básica em funcionamento desde 1912, integrante do Sistema Colégio Militar do Brasil, que recebe crianças e adolescentes dependentes de militares e, também, oriundos do meio civil. Anualmente, são ofertadas à comunidade civil apenas quatro vagas para o 1º ano do Ensino Médio, o que evidencia ser muito concorrido o ingresso na instituição.

Procurou-se, então, compreender como as identidades juvenis são construídas nesse contexto específico como base na análise de diferentes registros identitários. Para tal, participaram desta pesquisa quatro dos cinco adolescentes[29] aprovados entre os 1.023 candidatos, no Concurso de Admissão 2018 para ingressarem no Ensino Médio no ano letivo de 2019.

Com a finalidade de escutar esses estudantes civis em final de curso, compreender como chegaram ao CMPA, como foi estar no colégio, suas motivações, suas angústias, suas estratégias de estudo e de convivência, suas ambições futuras, organizei uma entrevista semiestruturada com questões abertas que possibilitassem a discursividade. A entrevista semiestrutura "favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações." (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Essas entrevistas individuais, inicialmente, no projeto de pesquisa, seriam realizadas de forma presencial, mas, em vista da COVID-19, foram organizadas de modo virtual pela plataforma *Google Meet*. A comunicação síncrona possibilitou, pois, observar e registrar hesitações da fala, silêncios, euforias de modo que não perdesse ideias implícitas e explícitas importantes para a interpretação dos resultados.

A linguagem adotada na elaboração das questões para a entrevista foi a coloquial, uma vez que é papel essencial do investigador, na pesquisa dialógica, facilitar o entendimento do que é perguntado para obter informações coerentes com as questões. Ademais, essa é a variação estilística que permite estabelecer relações de proximidade entre os interlocutores, criando, segundo Gatti (2005), uma situação de conforto e de distensionamento, gerando uma atmosfera de confiança.

Enquanto ouvia dos participantes relatos de símbolos que se repetiam em suas falas, senti a necessidade de ilustrar com fotografias. Para isso, voltei ao capítulo em que descrevi o

[29] A partir deste capítulo, quando usados adolescente(s), baleiro(s), participante(s), entrevistado(s), estudante(s) entre outras nomeações, faz-se referência aos gêneros masculino e feminino indistintamente como forma de garantia de anonimato.

CMPA e incluí imagens e escritas para a compreensão de um lugar não apenas pelos meus olhos de professora, mas pelos olhares e sentimentos dos estudantes. Enfim, a descrição do colégio ficou longa, assim como é a estrutura do lugar, mas, para além disso, pulsante pois registra uma infinidade de motivos para (não)estar em uma instituição militar.

As imagens associadas às palavras dizem muito sobre a realidade escolar. As fotografias passaram, então, a ser documentos históricos, impressos significativos para a composição das trajetórias identitárias que se encontram há um século no CMPA. A imagem fotográfica "é capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação como construções humanas significativas" (MINAYO, 1998, p. 10).

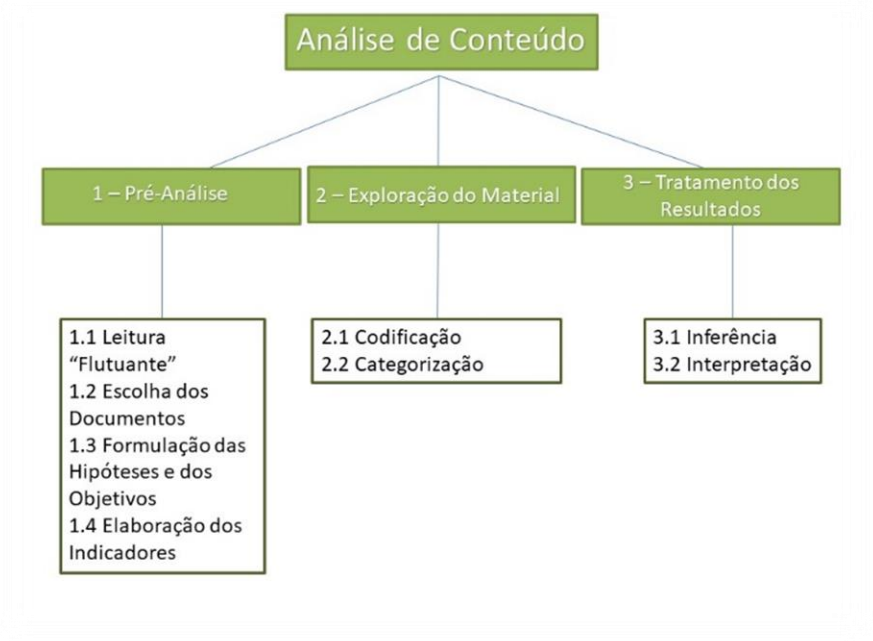
O vínculo entre mim e os participantes se fortaleceu em meio às entrevistas e escritas, e eles quiseram, por um tempo, falar mais sobre o que iam lembrando ou até mesmo ocorrendo. Com a autorização do Comandante do CMPA, decidimos criar o grupo "Os Cinco" (os quatro participantes e a professora) na plataforma WhatsApp. Essas conversas informais, nesse canal, passaram a complementar as informações coligidas nas entrevistas com fotografias e emojis que enviavam e que se tornaram fonte para a escrita de um texto final, intitulado neste estudo de CONVERSAS DE SAÍDA.

5.3 A ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo à luz da metodologia desenvolvida por Bardin (2011) foi escolhida para a apreciação das informações obtidas durante as entrevistas. Essa análise oportuniza descobrir o que está "por trás" dos conteúdos manifestos, tem como propósito ultrapassar o senso comum do subjetivismo e alcançar o rigor científico necessário. Trata-se de um conjunto "de técnicas de análise das comunicações visando obter [...], dados que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens" (BARDIN, 2011, p. 42). Em análise de conteúdo, "o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto (seja ele explícito e/ou latente)" (MINAYO, 2003, p. 74).

Conforme Bardin (2011), para a operacionalização de uma análise de conteúdo, o pesquisador precisa seguir três etapas cronológicas, as quais organizei no quadro abaixo:

Quadro 1 – Etapas da Análise de Conteúdo a partir de Bardin (2011)



Fonte: Cláudia Farias (2021)

Diante disso, neste trabalho, a análise de conteúdo, fundamentada nos procedimentos descritos por Bardin (2011), foi utilizada para descrever e interpretar os documentos referentes às transcrições das entrevistas, as conversas pelo *WhatsApp*, como também informações obtidas a partir das fotografias e de documentos que permeiam as vivências dos jovens que ingressaram, em 2019, no Colégio Militar de Porto Alegre.

5.4 OS PARTICIPANTES E A ORGANIZAÇÃO DOS ENCONTROS VIRTUAIS

Se eu ainda soubesse
Como mudar o mundo
Se eu ainda pudesse
Saber um pouco de tudo
Eu voltaria atrás no tempo
Pra voltar pra ontem
Sem temer o futuro
E olhar pra hoje
Cheios de orgulho
Eu voltaria atrás no tempo
(Barão Vermelho)

A coleta de dados para a pesquisa iniciou em setembro de 2019 estendendo-se a maio de 2021, após a aprovação do estudo pelo Comitê de Ética - CAAE: 39357520.3.0000.8091 - Anterior à submissão do projeto ao CEP, ocorreu a autorização formal do Diretor de Ensino – Comandante do CMPA e o convite aos quatro jovens para participarem das entrevistas

individuais com o respectivo consentimento dos responsáveis legais, já que são de menores de idade. Essa documentação consta como ANEXOS B e C.

Os participantes têm idades entre 16 e 17 anos e são moradores de Porto Alegre, provenientes de famílias de classe média, o que lhes garantiu a participação em cursinhos preparatórios para ingressar no CMPA. Em termos de gênero, o grupo está composto por um participante masculino e três femininos.

As entrevistas semiestruturadas (ANEXO A) ocorreram no mês de novembro de 2020, via plataforma digital Google Meet, foram gravadas e degravadas por mim respeitando o agendamento prévio de data e horário combinado com os participantes, conforme o Quadro 2:

Quadro 2 - Entrevistas

Entrevistados	**Data**	**Hora**	**Tempo de duração**
Baleiro 1	10/11/2020	16 horas	1h 03min
Baleiro 3	09/11/2020	18 horas	1h 08min
Baleiro 2	14/11/2020	10 horas	1h 13min
Baleiro 4	12/11/2020	18 horas	57 min

Fonte: Autora (2020)

Havia a previsão de que as entrevistas teriam a duração entre 30 e 45 minutos, no entanto, em decorrência das caraterísticas de entrevistas semiestruturadas, esse tempo foi expandido, e a duração média ficou em 1 hora e 5 minutos.

A entrevista possibilitou o contato direto com os participantes, o cruzamento de dados com suas respostas e percepção do modo como enxergam o CMPA, fortemente atravessada por subjetividades. Os não ditos ou súbditos foram sendo questionados, via *WhatsApp*, em conversas informais, por meio do grupo, “Os Cinco”, numa troca de mensagens de texto instantâneas, chamadas de voz, envio de imagens, vídeos e documentos, preservando, assim, a transparência entre as comunicações.

Com o intuito de preservar o anonimato dos participantes no registro das falas, organizei uma reunião grupal, via *Google Meet*, a fim de que juntos definíssemos o modo “secreto” como deveriam ser chamados. Foram diversas e divertidas ideias, mas, por fim, ficaram entre baleiros ou legionários. Baleiro, porque reconhecem-se pela alcunha e *legionários* porque os remeteu a suas atuações e vitórias escolares. Por fim, diante da ponderação de que a meritocracia não é extensiva a todos, optaram pelo termo baleiro, portanto: Baleiro 1, Baleiro 2, Baleiro 3 e Baleiro 4.

6 AS ANÁLISES

"Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas do rio correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver"
(Cartola e Candeia)

A cultura escolar "baleira" constitui-se em um conjunto de tradições e rotinas manifestas nos espaços físicos, na arquitetura do prédio, nos significados atribuídos a atos, rituais, símbolos, signos, objetos e normas. As diferentes identidades que adentram o colégio, seus pontos de (des) encontros foram sendo expressos nas palavras dos baleiros.

Instrumento central para as análises, a entrevista semiestruturada, teve como foco o modo como os baleiros desenvolvem o sentimento de pertença ao CMPA. Nesse exercício, iniciado com a pré-análise dos registros, as questões, a partir das respostas[30], foram organizadas em quatro categorias norteadoras para o tratamento dos resultados, a saber: *A Entrada*: motivações familiares, pessoais e sociais; *O Casarão/O Lugar*: experiências e pertença; *Os Símbolos e os signos/O "Baleiro(a)"*: impressos e identidade; *A Saída*: sentimentos e vínculo.

Quadro 3 – Categorias

CATEGORIAS	ENTREVISTAS
1. A Entrada: motivações familiares, pessoais e sociais	1- Quais foram as tuas motivações para cursar o Ensino Médio no CMPA? 2- Como foi a tua preparação para a seleção no concurso para entrar no CMPA? 3- Que memórias das escolas, que frequentaste nos anos anteriores, marcaram a tua trajetória até a tua chegada no Casarão da Várzea?
2. O Casarão: experiências O Lugar: pertença	4- Que situações vividas aqui contribuíram para a tua adaptação? 5- Pertencer a esta comunidade faz com que te sintas diferente se comparado a outros estudantes das redes pública e privada? 6- Pensando no teu ingresso no Colégio Militar, do que tiveste que te privar?

[30] Todos os **grifos** nas transcrições das falas dos entrevistados são dados importantes, singularidades na similaridade assinalados pela pesquisadora-autora desta dissertação.

3. Os Símbolos e os signos: impressos **O "Baleiro(a)": identidade**	7. O que sentes por ser obrigado a usar o uniforme e a boina diariamente? 8. Participas de alguma(as) atividade extraclasse? 9. Pertences a alguma agremiação ou clube?
4. A Saída: sentimentos e vínculo.	10 - Que palavra ou palavras usarias para definir o colégio?

Fonte: Autora (2021)

6.1 A ENTRADA: motivações familiares, pessoais e sociais

Na sociedade de consumo, as grandes decisões da vida tendem à individualidade: decisões afetivas, educacionais e profissionais e tendem, também, ao esquecimento. Essa ideia de que para pensar no futuro é preciso cortar ou superar relações do passado se fez presente nas falas dos participantes.

Com base nos registros, observei um traço comum nas famílias: capacidade, persistência e organização quanto ao modo de vida familiar com relação ao que esperam para o futuro de seus filhos. Perguntados sobre as motivações para entrarem no Ensino Médio do Colégio Militar, foi evidenciada a influência dos pais na decisão e o apoio incondicional que receberam das famílias durante o preparo para a submissão ao concurso. Nos excertos abaixo, apresento um pouco desse incentivo comum e grafo termos que contém dados importantes, singularidades na similaridade.

> Baleiro 1 – "**Eu sempre quis cursar Medicina**. Por isso, como eu sabia de todo o **caminho de estudos que eu precisava pra passar na medicina na UFRGS ou na Fundação, eu e meus pais achamos que estudar no Colégio, por causa da qualidade do ensino**, que todo mundo sabe que tem, era o jeito pra eu passar no vestibular."

> Baleiro 2 – "**O Militar é um dos melhores colégios** locais por ser um colégio público com ensino equivalente ao de um colégio privado. Tá, na verdade, **no 6º ano** eu fiz o curso no Escobar pra entrar no colégio **só porque meus pais queriam** que eu entrasse no Militar. [...] daí, como eu... tipo tinha chance de passar, aí... na 2ª prova que era de português, **eu fui mal de propósito pra não entrar**. Sora, minha vai me matar (risos). Marquei tudo errado na grade de português (risos). Muito mais que eu tava no Americano e lá tava bom. Aí, quando eu fui fazer **no 1º, o meu pai falou pra eu fazer de novo.** Eu já ia sair mesmo do Americano no Ensino Médio, então, **eu ia pro Rosário, se eu conseguisse ir para um colégio privado, ou pro Tiradentes se não passasse no Militar. Aí fui fazer o curso de novo pro Militar**, só **que dessa vez eu pretendia passar, porque é escola pública e não precisa pagar tanto como eu pagava no Americano que é bem carinho**."

> Baleiro 3 – "A minha motivação inicial foi saber **as oportunidades que eu teria se entrasse no CMPA, devido ao reconhecimento que ele tem,** mas cada vez que eu

> conversava com alguém que já frequentou ou sabia como funcionava, **a paixão que passavam ao falar do colégio me empolgava cada vez mais**."

> Baleiro 4 – "Desde criança sempre quis entrar por ter **o sonho de fazer medicina na UFRGS** e considerar **o colégio o melhor** para me preparar. Ah e os **meus pais curtiam de eu querer ir pra lá** que tem tanta coisa envolvida."

Os esforços foram de toda a ordem: organizacional, econômico e social. As rotinas familiares se adequaram às demandas dos jovens estudantes e houve significativo investimento financeiro, uma vez que os cursos preparatórios para a aprovação em escolas militares (CMPA e Tiradentes), na cidade de Porto Alegre, são dispendiosos, além de poucos. Eles abarcam toda a "clientela" em decorrência da competitividade que promovem e dos bons resultados que colecionam. Os "cursinhos" fazem um tipo de lobby, pressão sobre os interessados, visando exercer influência sobre esses. Isso se confere, também, nos dias das provas do concurso, quando os seus "clientes" e familiares chegam no colégio em "bandos" e vestidos iguais com as camisetas dos cursos. Desse modo, chegar ao CMPA, já significa ter passado por um processo anterior de (re) comodificação, de adjetivação positiva, via cursinhos, seguindo a ordem da sociedade de consumo no campo educacional, visto que, é preciso "investir na afiliação social de si próprio, o que, numa sociedade de consumidores, traduz-se em "vendabilidade": obter qualidades para as quais já existe uma demanda de mercado" (BAUMAN, 2008, p. 75).

Quanto à vida social, singular nesta faixa etária, os baleiros assumem que abdicaram de muitos programas, "baladas" e "resenhas" e que, de acordo com a fala do Baleiro 2, "...não dá nada, no final, deu tudo certo".

> Baleiro 1 – "Eu comecei a estudar para entrar no colégio em 2016, pelo concurso do 6º ano, mas eu não consegui passar, nem na segunda tentativa em 2017. Nesses dois anos, eu me preparei no Azambuja. Depois, no nono ano, eu quis tentar de novo, só que daí eu já era mais velha e sabia o que tinha que fazer: estudar mais (risos) pra entrar. Estudei de novo no Azambuja, mas só nos sábados. Eu lembro que estudava bastante para o concurso, de manhã, de tarde e de noite. **Minha vida era zero social, sem nenhuma balada. E bem no tempo que a gente vai nas festas, nos 15 das amigas**..., mas foi legal!"

> Baleiro 2 – "Eu fiz o cursinho Escobar **todos os dias da semana** depois da aula. Daí, né... **acabou a resenha com a galera. Mas tá..., tô aqui, mas não dá nada, no final, deu tudo certo**."

> Baleiro 3 – "Foi bastante **intensa**, **abdiquei de um ano sem fazer o que geralmente as pessoas da minha idade faziam**, só estudei, mas não vejo isso como algo ruim hoje,

> **pois fez com que eu realizasse meu sonho** e me fez criar uma paixão por estudar e por matérias que tão me influenciando na escolha profissional."
>
> Baleiro 4 – "Fiz cursinho durante dois anos no fundamental e um ano no ensino médio, além de estudar em casa depois do cursinho. **Estudei bastante, mas não me matei (risos)**."

Não importa o "abrir mão" da convivência com a "galera", tampouco as festas e reuniões perdidas. Os concursados podem chegar com incertezas, contudo trazem na "mochila" o sentimento da vitória e os valores familiares constitutivos desse sucesso. As memórias da vida escolar anterior se reduzem a poucos eventos que são abandonados assim que começam as novas experiências. Sobre esse abandono de eventos, de hábitos, de amigos, Bauman (2010, p. 55) diz que

> na torrente de bens que se adquirem depressa, se abandonam e jogam fora mais rápido ainda, dificilmente alguma coisa sobressai como 'um bem caro ao coração' – e se faz, não é por muito tempo. Importante é sempre guardar o estilo, não a parafernália de acessórios que o compõem; e esse estilo exige que os acessórios se sucedam uns aos outros em velocidade cada vez mais acelerada.

E é nessa sucessão de acessórios que, em suas falas, percebe-se o sentimento de que o que vale mesmo é o que está por vir, "num contínuo estado de emergência, e do tempo dissipado numa série de 'novos começos' heterogêneos e aparentemente desconectados" (BAUMAM, 2008, p. 124). O fato de terem chegado em vitória ao CMPA pode ajudar no processo de pertencimento ao lugar, na saída do "entre-lugar" (BHABHA, 2001), na flexibilização de uma identidade de "galera" para centrar na identidade de "baleiro". Com relação à vida antes do colégio, os baleiros trouxeram as seguintes reflexões.

> Baleiro 1 – "Eu **lembro muito pouco** da minha vida antes do colégio, **parece que eu realmente me encontrei no Militar**. É surreal, sinto como se eu tivesse nascido para estudar ali e que aquele era mesmo o meu lugar. Antes, eu sentia que eu não pertencia ao antigo colégio, não me enquadrava, mas ali era tudo."
>
> Baleiro 2 – "**As Olimpíadas Metodistas**. Ah... eu fiquei nove anos nele, então obviamente eu conhecia todo mundo, né, aí, por exemplo, eu tinha o meu grupo do basquete, aí participava de todos os campeonatos. Por exemplo, o Americano tinha as Olimpíadas Metodista, que seriam os Jogos da Amizade do Militar, e isso é sempre divertido lá, é... quase que dá briga, não chega a dar briga, mas todo mundo fica se cutucando, aí eu tenho memória legal das resenha de lá."
>
> Baleiro 3 – "Acho que as memórias que mais me marcaram foram **as gincanas nos meus colégios anteriores, os trabalhos científicos, a convivência diária com as minhas amigas e a amizade com a minha professora de matemática** Jussara, que foi

> minha professora no oitavo e nono ano, que foi bastante importante inclusive na minha aprovação no CMPA, **pois ela sempre me apoiava** e conversava comigo sobre isso."
>
> Baleiro 4 – "Acredito que os momentos com os meus amigos, os anos iniciais, quando eu aprendi a ler e escrever e um momento especial que foi **o dia em que eu recebi a notícia da aprovação no CMPA** enquanto tava em aula, e a galera enlouqueceu."

A "Sociedade de Consumo Líquido- Moderna" (BAUMAN, 2008) colabora com fragilidade das relações e sugere vivências descartáveis, numa vida de inconstâncias. Trocar de amigos, de escola é como um trocar de roupas, de sentimentos, de identidades, atendendo à demanda daquilo que pode render maior satisfação. Enfim, "a vida de consumo não pode ser outra coisa senão uma vida de aprendizado rápido, mas também precisa ser uma vida de esquecimento veloz (BAUMAN, 2008, p. 124).

Com objetivo de compreender se houve alguma surpresa na chegada ao CMPA, se houve algum arrependimento imediato, as respostas demonstraram ora entusiasmo ora falta de vontade de falar no assunto.

> Baleiro 1 – "Então, eu não consigo pensar em muita coisa que eu não sabia antes de entrar e que fosse importante, mas acho que **eu podia ter me preocupado menos** com me adaptar e fazer amigos se eu soubesse que o pessoal era normal, como em qualquer colégio. Antes de entrar, eu achava que os alunos seriam diferentes, mais quietos e na deles, mas todo mundo foi super receptivo comigo."
>
> Baleiro 2 – "Ah... **nem sei**."
>
> Baleiro 3 – "O que eu gostaria de ter descoberto antes de entrar no colégio **é sobre o tanto de atividade extraclasse que tem e ainda sobre os clubes, principalmente o de robótica, que só descobri no início desse ano (2020), e tinha a intenção de entrar, mas, devido à pandemia, não consegui**."
>
> Baleiro 4 – "**Nada**, porque eu nem sabia se ia entrar!"

Importante retomar as questões iniciais, quanto às expectativas familiares desses jovens para que assumam o compromisso com o lugar que gera, já na entrada, o reconhecimento, que exige uma filiação identitária inicial, sem dúvida performática como estratégica para permanecer em sucesso frente à opinião de todos.

Os estudantes sabem que, no CMPA, houve investimentos para sejam bem-sucedidos, precisam superar e "abrir mão" de boa parte de relações anteriores num período da vida também em "entre-lugar". Jovens não são crianças e nem adultos que, se estivessem em qualquer outra instituição, poderiam gozar com certa tolerância a possibilidade da transgressão, da

indisciplina. Sem falar que, conforme Baudrillard (2011) há para os jovens uma série de apelos midiáticos com vistas à um consumo específico de objetos, de itens do vestuário, que nada têm a ver com o uso de uniformes, com modos disciplinados. Desse modo, cabe aos baleiros resistirem ao apelo comercial homogêneo e encontrarem sentidos para o desfile social, mesmo fora dos muros do Casarão com as boinas vermelhas na cabeça, valorizando essa distinção simbólica.

6.2 O CASARÃO: experiências/O LUGAR: pertença

O modo como um espaço escolar está organizado revela uma intenção pedagógica, institui as relações possíveis no lugar, (de) limita movimentos. Para os jovens estar com os pares é fundamental, é de natureza juvenil rir à toa, avançar limites, transgredir. Também é nessa etapa da vida que os grandes dilemas em relação ao corpo, à imagem, e à sexualidade são exacerbados. Ações escolares de acolhimento a essa juventude ingressante estiveram presentes nas falas dos baleiros em adaptação.

> Baleiro 1 – "Acho que o fato de eu **já ter uma amiga no colégio**. Além disso, minha turma no primeiro ano era ótima, me acolheram muito bem. Ah... teve também **a semana zero que é "tri" bom porque nos ensina as coisas militares... essas coisas de ordem unida.** Nessa semana, ainda não tão todos do colégio, só nós. E daí, **quando começa a semana um**, e a gente já tá mais acostumado... **como se eles é que tivessem chegando** (risos)."

> Baleiro 2 – "**Eu tenho tendência a estar de acordo com as regras**, como por exemplo, cortar o cabelo certo, então foi fácil me adaptar[...] eu gosto do colégio. É que, quer dizer, eu não tinha nenhum [amigo] que passou comigo do Escobar. Mas **eu conhecia o Cruz** que tá no 3º e o Dani que se formou ano passado. Os dois eu **conhecia do basquete da SOGIPA**. E aí **na semana zero** [...]o mentor escolhe um [baleiros da Legião de Honra de anos avançados] e daí o Cruz disse: "Não! O Piccoli é meu". **Daí começaram a me chamar de predileto**. Que nem **a semana zero que ajudou nos exercícios militares como marchar, prestar continência**[...] E, quando as aulas começaram, depois da **semana**, eu tinha que fazer uns trabalhos em grupo e daí já comecei andar com os guris normal. E também **tinha as gurias que passaram comigo e que duas ficaram na minha turma**, então eu já conhecia. A Michelle não ficou na minha turma, mas eu conheci ela antes porque a gente passou entre os dez primeiros no Tiradentes. E aí quando fui fazer a inscrição no Tiradentes, ela também falou que podia ter passado no Militar."

> Baleiro 3 – "Acredito que **a amizade da Beatriz** foi o que mais contribuiu para minha adaptação, pois ela me apresentou pros amigos dela, me ajudou em toda adaptação, mostrando como o colégio funciona. Além disso, **as atividades extraclasse**, como o Grêmio da Infantaria e o atletismo **me ajudaram também na adaptação e a ter**

> **contato com mais pessoas.** Também tem **a semana zero que sem ela eu ia entrar perdida no colégio** sem saber o que fazer nas formaturas [...] A gente já fica se sentindo em casa."
>
> Baleiro 4 – "Nossa!! **os jogos internos** e o **Jogos da amizade** no Rio, em Rezende [atividades esportivas], são demais! Eu sou boa de esportes, **jogava no Grêmio, então logo me destaquei.** Ah... e **o colégio é bem paciente**. Os monitores que tive sempre foram, em geral, tranquilos. Eu gosto do sistema, das regras. Eu tenho uns colegas que detestam a parte militar, entrar em forma e fazer sentido, descansar e essas tranqueiras aí que a gente é obrigado. **Na semana zero isso foi muito importante para aprender sobre o colégio, sobre os costumes e as regras e ainda ajudou na minha adaptação porque ali a gurizada já vai se juntando.** E também depois não "paga mico" com as coisas militares que a gente tem que fazer quase todos os dias. Ela é importante para conhecer o colégio e porque ele se chama "militar" (risos)."

As referências à Semana Zero foram bastante enaltecidas quanto à primeira experiência no espaço da escola. Ao declararem que, depois dessa semana, já conheciam as regras e as instruções cívico-militares, informaram que já estavam se percebendo integrantes da comunidade escolar. Essa "precipitada adaptação" (rememorada) pode revelar a vontade de os Baleiros saírem logo do entre-lugar inicial, de ajustar aos seus corpos o status de estudante do CMPA, o que, retomando Bhabha (2001, p. 20),

> é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.

Os "recém-chegados" buscam juntos nas ações de acolhimento possibilitadas pelo CMPA uma adaptação "de matilha", grupal, assimilam coletivamente as rotinas da escola. Também valorizam as afinidades que vão estabelecendo com os já baleiros que podem ser "úteis" para se enturmarem, quer seja porque conheciam de outros lugares, ou porque se destacavam em práticas anteriores à chegada, ou simplesmente por aproximações que se dão naturalmente.

Aos poucos demonstram que apreciam a originalidade de o Casarão ser diferente das escolas pelas quais passaram. A sua localização, no coração da cidade e junto ao Parque Farroupilha, remete-os a lembranças que impactavam quando crianças. Além disso, as atividades esportivas, culturais e sociais ofertadas são bem-recebidas e motivadoras. Para eles, a "nova casa" não é tão diferente do que é plenamente aceito pela sociedade, a título de ser considerada "uma bolha", onde habitam "estranhos". Adaptarem-se ao lugar desejado, no

entanto desconhecido, é de extrema importância para que se sintam "eleitos" entre os seus e, assim, valorosos. De acordo com Bauman (2008, pp.76-81),

> os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade. [...], a única condição para as pessoas que desejam ser uma "mercadoria em demanda" é "que sejam tão adaptáveis, treinadas e valiosas que nenhum empregador ousaria mandá-las embora ou tratá-las mal.

Quando ficam confortáveis no *status* de baleiros, membros dessa comunidade que exige tantos desafios, os jovens passam a expressar o orgulho de fazerem parte do Casarão da Várzea, uma espécie de valor que comunica à sociedade que são bons. Em busca de solidez e de segurança, algo incoerente nesta Sociedade de Consumo Líquido-Moderna, os baleiros buscam a distinção social, no adjetivo 'estudante do militar', veem no colégio a possibilidade de serem homens de bem, fogem da ameaça de serem vistos como consumidores falhos, excedentes de mercado (BAUMAN, 2008).

> Baleiro 1 – "Com certeza, **o colégio é um orgulho pra mim**. Eu obviamente **não me sinto melhor que ninguém** por isso, mas certo que, em outros colégios, é muito difícil a gente ver os **valores, as responsabilidades e etc**, que o colégio nos proporciona. E, também, desde pequeninha, **passava na frente**, quando ia na Redenção e **achava a coisa mais linda do mundo**. O colégio é grande, mas antes parecia ainda maior. Sabe, quando a gente é criança e tudo é muito grande? Parece que a gente é valorizada."
>
> Baleiro 2 – "O Militar **com certeza é um fator destaque e vantajoso**..., mas não necessariamente diferente, só que aqui tem toda essa coisa de militar. Eu eu não posso deixar o cabelo grande ou, por exemplo, eu tenho um amigo meu que tem um cabelo rosa e queria, pra brincar, que eu descolorisse um pouco, só que eu não posso pintar o cabelo de rosa nem descolorir né? [...]Então a única coisa diferente é que eu tenho que seguir as coisas do colégio, né? Daí, por exemplo, não posso entrar de bermuda no colégio [...], mas **tem um lado positivo que eu consegui passar** né? Então, acredito eu, **que tá aqui signifique que eu seja um pouco inteligente,** mas, tipo, como eu penso que eu pude ter passado, algumas pessoas, se se esforçassem, passariam também, então, quando eu tava no Americano, tinha uns inteligentes e eu vejo que eles poderiam tá aqui como tão no Rosário. [...] **tem gente que só porque sabe que passei no concurso me acha gênio**, assim, tipo, **inteligentaço.** Isso é que as pessoas minhas amigas dizem, mas não tem diferença. **As pessoas não conhecem o colégio, então não sabem como tem coisa legal também."**
>
> Baleiro 3 – "O CMPA proporciona o estudo de um colégio particular, e muitas vezes melhor, além de toda **convivência com a disciplina militar, que ajuda muita na formação cidadã**. Ah... e, também, **todas as oportunidades que temos mesmo dentro do colégio, a grande quantidade de opções de clubes, de esportes e de grêmios não tem em nenhum outro colégio que eu conheça, muito menos sem custo algum**. Faz eu me sentir **privilegiada."**

> Baleiro 4 – “Me sinto diferente **primeiro por ter passado em um processo de seleção tão difícil**, e segundo **por ser um colégio forte, tradicional** e totalmente diferente dos outros colégios de Porto Alegre. **Vai dizer que a gente e vocês não têm prestígio de ser daqui?** O pessoal que eu conheço da rede pública tem outro viés, outra vibe. Eu brinco com meus amigos que existe um estereótipo de aluno de escola pública. Um aluno rebelde, calça rasgada, sem uniforme. Nada contra, é claro, mas a gente vê quando tem alguém que não se adapta e “queria ser aluno de escola pública”. Apesar do nosso colégio ser público também, né. E mais, **enquanto na rede pública falta investimento e na rede privada qualquer atividade extra (com horas a mais com professores) seria paga,** no nosso colégio a gente tem os clubes no contraturno e tal. **Essa dinâmica de clubes, grêmios e outras oportunidades nos diferencia muito.**” Nossa... a gente é **privilegiadaça**!”

Os jovens revelaram o orgulho de pertencerem a essa comunidade gradeada, um orgulho que é para poucos, dos benefícios que passam a gozar, enfim, o desgradear em grade, já que o pertencimento passa a permitir movimentações sociais importantes compensadoras. Em suma, “o sentimento de ‘pertença’ se traduz em confiança nos benefícios da solidariedade humana e nas instituições que nascem desta e prometem servi-la e garantir sua fidedignidade” (BAUMAN, 2008, p. 179).

O entendimento de estarem em um colégio que dá muitas oportunidades reforça a noção de espaço praticado, onde o sujeito se reconhece e tem sentimento de pertencimento. Essas reflexões me levaram a considerar que, desde a chegada à escola, os jovens desejam nominá-la de “meu lugar”.

Pode-se aqui, então, pensar o conceito de comunidade (em desuso) a partir de Bauman (2003): um lugar acolhedor e aconchegante, porque, aparentemente, é a sensação que os baleiros parecem ter descoberto no interior do Casarão: sentem-se confortáveis. Mesmo que a comunidade na sociedade de consumo tenha tendência a ser cálida, agrupar-se como jovens comuns ajuda no processo de pertencimento, além disso, “o que quer que ‘comunidade’ signifique, é bom ‘ter uma comunidade’, ‘estar em uma comunidade’” (BAUMAN, 2003, p. 7).

Se há privações para fazer parte dessa comunidade em meio a fortes apelos para outros papéis juvenis portões afora do Casarão, num constante ir e vir de “entre-lugares” (BHABHA, 2001), essas tensões são minimizadas com os benefícios e as distinções que passam a vivenciar a almejar.

6.3 OS SÍMBOLOS E OS SIGNOS: impressos/O "BALEIRO(A)": identidade

Ouvir os baleiros sobre o momento de chegada ao Colégio Militar de Porto Alegre e as experiências vividas permite compreender as identidades em movimento. Entendendo o lugar

como o espaço significado, cabe exaltar nesse processo os singulares elementos simbólicos (sentenças, signos, símbolos, eventos) que compõem o cenário e a rotina no Casarão da Várzea.

Essas imagens que provocam comportamentos estudantis precisam ser sentidas no sentido cinestésico da palavra. Os símbolos se constituem em marcas que estarão impressas nas identidades baleiras, portanto precisam ser tomados como rotuladores de um nicho comercial específico que gera mercadorias sociais singulares, nem por isso de menor *status*. Ao contrário, carregar as marcas do CMPA pode significar oportunidades únicas de emprego, no reconhecimento, mesmo que genérico (do senso comum), de uma juventude disciplinada.

O lugar e, também, uma variedade de elementos simbólicos se tornam, para os baleiros, marcas que os diferenciam, valorizam e constituem as suas identidades. A farda é uma dessas constituições identitárias, porque, além representar a história do sistema, projeta-os para fora dos muros. E eles assimilam isso tanto que, quanto ao uso obrigatório da farda (uniforme), revelaram que

> Baleiro 1 – "olha**, nunca foi um problema para mim**, claro que às vezes é chatinho passar roupa e preparar todo uniforme, mas faz parte de todo o processo. Mas eu gosto e **acho bom que todo colégio tivesse**. Não necessariamente boina, né, mas **uniforme que padronizasse, sem diferença entre ricos ou pobres**. Só que podia ser mais flexível, deixar as pessoas terem mais personalidade no cabelo, nas unhas, sei lá."
>
> Baleiro 2 – "ah... é que, sei lá... **no início eu achava um pouco estranho**, só que se acostuma, né? Sei lá... a única coisa que eu acho meio tipo estranho, ao meu ver, tanto mais porque fiquei anos em outra escola, é o fato de eu ter que usar sempre calça [...] ainda mais num dia muito quente. E até pra entrar no colégio de tarde tem que ser sempre de calça, daí é a única coisa do uniforme que não faz sentido. Ruim é o uniforme de educação física [...]. Mas **não tenho vergonha de usar uniforme e a boina** porque, **muitas vezes** até ele te dá, vamos dizer assim, as pessoas, sei lá, **te elogiam**, assim, te vêm bem porque tu tá com o uniforme do colégio. **Quando tu sai na rua de uniforme, fica todo mundo te olhando**. Por exemplo, se eu sair na na rua com o uniforme militar, fica todo mundo te encarando e daí é meio estranho. **Não é mico, só é diferente** porque as pessoas não estão acostumadas, então elas vão meio que olhar. [...] Uma vez, eu tava na parada de ônibus, e uma veia, de boa, falô pra filha que **queria um genro do Colégio Militar**. **Daí a guria me olhou assim tipo "brabo"** [gíria que significa bacana], né? (risos) De boa, não tenho muito problema com o uniforme, **não usaria por vontade própria, mas não é algo muito incomodativo**. Eu tenho mais problemas com cortar o cabelo sempre que crescer um pouco, fazer barba e bigode."
>
> Baleiro 3 – "**não encaro como uma obrigação,** inicialmente foi algo um pouco desconfortável, mas somente porque não tava acostumada com esse tipo de roupa, mas **o uniforme é algo que me traz orgulho, pois sei que conquistei ele com muito estudo**. Então **não me sinto obrigada**, **eu gosto** de utilizá-lo."

> Baleiro 4 – "**me sinto tranquila** em relação ao uso do uniforme, porque é uma das regras do colégio e eu já entrei sabendo que ia ter que usar todos os dias. Mas quando tem alguma coisa diferente no colégio que avisam que pode vim de abrigo é tribom! O abrigo é meio estranho, mas é mais confortável. Mas ó... tem uma coisa, o uniforme é bonito e **mostra que a gente é de lá**."

As afirmações sobre o uso da farda me fizeram pensar se não poderia haver sensibilidades cerceadas em troca da farda. Infere-se que não. Pode haver enquadramento textual corporal e enquadramento atitudinal, mas não há aniquilamento emocional. Vejo que é um processo de blindagem em decorrência dos símbolos e da meritocracia. O CMPA é o espaço; a farda; o signo, a representação simbólica. A farda é, por conseguinte, a própria instituição.

O uniforme dá visibilidade, mas há atividades que também dão visibilidade e se materializam em símbolos e prêmios no cenário da cidade e do país. São participações em atividades extraclasse como grupos, grêmios, equipes, participações em fóruns nacionais e internacionais. Os participantes deste estudo se destacam, ainda que as suas participações tenham sido mínimas em decorrência da pandemia, e isso é lamentado por eles, como se pode observar em suas falas.

> Baleiro 1 – "Não participei de muitas coisas. Em 2019 e 2020, eu **fiz parte do Corpo de Baile** e comecei no CRI [Clube de Relações Internacionais], mas 2020 já veio a pandemia e daí já era mais complicado pra participar de um monte de coisas que têm. Demorei pra pegar a manha [jeito] de como estudar e participar das aulas *on-line* e tal. Daí fiquei na minha, mas tô tirando notas boas."

> Baleiro 2 – "**Pratico basquete.** Eu já joguei futebol, mas faz muito tempo e parei quando comecei a jogar basquete. **O basquete eu jogo no colégio e na Sogipa** e daí pega muito tempo que eu sou da equipe do colégio. Tem uma história complicada da equipe, porque neste ano não teve Jogos da Amizade por causa da pandemia, e a gente perde isso, né? Este ano **eu tava na equipe... tipo, esse ano eu tava bem na equipe**. Daí a pandemia. Também **comecei no Grêmio da Cavalaria** e tava brabo, mas também parou."

> Baleiro 3 – "**Participei do Grêmio da Infantaria e da Equipe de Atletismo** neste ano, mas agora não mais. Também **fiz o CPREP e o Clube de Literatura** no primeiro ano. Agora vou pro meu último ano, ano de pré-vestibulanda, então vou **só vou focar nos estudos**. O 2º Ano é o mais legal pra participar de grêmios."

> Baleiro 4 – "Sim, da **Equipe de Atletismo** como atleta dos 100 metros rasos e **Equipe de Futebol** que **eu jogava no Grêmio**. E vô bem! Tem que me ver depois que passar a pandemia. Tomara que, ano que vem [2021], a gente vá nos Jogos da Amizade."

Os baleiros demonstraram frustração de não terem participado de clubes e grêmios, atividades que projetam os participantes, confere-lhes vitórias e status e sentimento de maior

pertencimento dos espaços ocupados do colégio. Afirmaram, também, que isso não impede que se sintam mais ou menos integrantes dessa comunidade; apenas lamentam por se consideram em desvantagem àqueles que estão desde o 6º Ano no colégio ou aos que entraram no Ensino Médio, em anos anteriores à pandemia, e puderam viver mais intensamente o cotidiano escolar.

A restrição, nos anos de 2020 e 2021, para que participem de eventos impediu que outros símbolos fossem por eles conquistados, pois, além de medalhas, troféus e elogios, há outros emblemas e insígnias significativos nos vestuários, como, por exemplo, luvas, botas, floretes, espadas, culotes hípicos que compõem os uniformes das atividades extraclasse. São símbolos e signos que imprimem experiências e visibilidade. No contexto de uma sociedade de consumo, é possível identificar nos símbolos as potencialidades determinadas pelo mercado, o que Bauman (2008) diz ser a conformação do sujeito em mercadoria, onde suas relações só podem ser empreendidas a partir do consumo de coisas e da transformação de si em objeto vendável.

O Casarão da Várzea funciona com muitas regras que são assimiladas pelos estudantes, mas também com elos afetivos. A lógica da mercadoria se expande para a formação da identidade e da personalidade. Conforme Bauman (2008, p. 13),

> as pessoas são aliciadas, estimuladas ou forçadas a promover uma mercadoria atraente e desejável. Para tanto, fazem o máximo possível e usam os melhores recursos que têm à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajadas a colocar no mercado, promover e vender são elas mesmas.

Em março de 2020, na cerimônia de aniversário dos 108 anos do CMPA, o Batalhão da Saudade (composto por ex-baleiros) desfilou conduzido pelo Vice-Presidente da República, General de Exército Antônio Hamilton Martins Mourão, Antigo Aluno nº 559, formado em 1971. A presença de uma figura pública confere *status* ao evento e aos integrantes do CMPA: “momento de vislumbre, espelhamento, (auto)reconheicmento”. Os baleiros de agora serão os Antigos Alunos do futuro e projetam estar em lugar de honraria e desfilarem como os “consumidores eleitos” da instituição.

6.4 A SAÍDA: sentimentos e vínculo

A saída do CMPA para os baleiros participantes deste estudo ainda não aconteceu, mas eles já vêm se despedindo de rituais e de espaços. Alguns já desejam ir; outros acham que é cedo e gostariam de ficar mais tempo nesta casa. De qualquer modo, ainda se surpreendem com singularidades que sabem só vivenciarem ali e sentimentos ainda não experenciados. Já fizeram

as fotos com o uniforme de gala para a Hyloea, definiram o título que ficará impresso na placa da turma sob as arcadas do Casarão da Várzea e andam pelo colégio à procura da pedra que esculpirão seus nomes. Já convidaram os padrinhos para a entrega do certificado e os professores que serão homenageados. Já elegeram o paraninfo que escreverá para eles e sobre eles o texto de quem criou vínculos e afetos.

Perguntados: "que palavra ou palavras definem o colégio para ti?", responderam

> Baleiro 1 – "acho que surpreendente, **intenso** e **imprevisível**. Mas intenso é o que mais representa pra mim. Tudo é levado a sério! Até coisinhas pequenas que a gente faz é levado a sério. Ah... eleições pra SEL, juntar dinheiro pro presente de alguém. Sabe... quando a gente tem fazer qualquer coisa, tenta fazer o máximo? Tudo é intenso."
>
> Baleiro 2 – "não sei. Atualmente, algo como militar, **rigoroso** em todos os sentidos. No rigor do que a gente faz, mas também **vigoroso** no que a gente sente."
>
> Baleiro 3 – "**realização**, porque o colégio foi a realização de um sonho meu. É... também pode ser **sonho**."
>
> Baleiro 4 – "**único**. Acho que nada vai ser como é o Militar. Acho que aqui a gente é privilegiado por causa das portas que o colégio nos abre e privilegiados porque eu acho que todas escolas mereciam ter o investimento que a nossa tem."

Os adjetivos usados para definir o colégio são fortes, e confirmam que o CMPA acolhe, sim, as suas juventudes. Afetividade e pertencimento parecem se interpelar durante o tempo que lá estão e no lugar que ocupam. É vantajoso para os jovens consumirem a cultura institucional oferecida, porque confere status. É como dissessem: "queremos o que é oferecido". Os ingressos no Ensino Médio se reconhecem em suas ações, tornando-se protagonistas dessas.

É preciso considerar que o CMPA se constitui em uma instituição sedutora a jovens pela promessa de prepará-los para a vida em sociedade, formar cidadãos que atuem com ética e cidadania, guiados por valores e por tradições da educação militar. Ao mesmo tempo, há um convencimento e uma negociação em é preciso abrir a mão das liberdades juvenis comuns (no presente) em troca de um futuro, uma vida adulta segura financeiramente.

6.5 AS CONVERSAS DA SAÍDA

Realizei a leitura e procedi à análise das entrevistas para, finalmente, escrever as considerações acerca da pesquisa. No entanto, nos meses de maio e junho de 2021, várias mensagens escritas e de voz entre mim e o participantes foram trocadas pelo grupo do

WhatsApp. São pequenos textos que me deram a sensação da legitimidade deste estudo, a sensação de que acompanhei, como numa linha de tempo, a complexidade da construção das identidades culturais juvenis desses meninos e meninas. Tive, assim, a oportunidade de "vasculhar" um pouco mais suas trajetórias e verificar o amadurecimento desses jovens através de suas manifestações. Entendendo que o conteúdo dessas conversas informais foi consistente, optei por trazê-lo para este estudo e potencializar as análises já realizadas.

Messe sentido, fui surpreendida com a revelação de que, o Baleiro 2, o Baleiro 3 e o Baleiro 4 seguirão as carreiras militares, e apenas o Baleiro 1 vislumbra o ingresso à universidade pública convencional depois da saída do CMPA. Essas escolhas chamaram a minha atenção, porque acompanho, há vinte e quatro anos, os caminhos que os jovens traçam depois que vão embora, e a porcentagem dos que permanecem como estudantes militares nunca foi alta. Questionei sobre essas decisões, e os baleiros justificaram, como motivação, momentos especiais vividos e aprendizagens singulares no colégio.

Baleiro 3: "*a entrega da boina, com certeza, foi a coisa mais emocionante pra mim, porque foi quando caiu a minha ficha que* '*nossa... eu realmente consegui' e encho meus olhos de lágrimas*."

Também o Baleiro 2 lembrou a cerimônia da boina e acrescentou o desfile do 7 de setembro, em 2019, na Avenida Edvaldo Pereira Paiva, como um dia inesquecível. Retomando Bauman (2008, p. 75-76),

> todos os consumidores precisam ser, devem ser e para isso precisam ter, têm que consumir e serem consumidos o que significa investir em si próprios, o que na sociedade de consumidores é a própria valorização de si; é o valor que terá para a vendabilidade".

Sem dúvida, esses momentos são (re) comodificadores públicos de distinção social, são um presente para os familiares que se esforçaram para que seus jovens fossem eleitos para o militar. Um alívio no sentido de que seus futuros estão sendo garantidos pela farda, pelo processo educativo assertivo.

O Baleiro 4, assim como o Baleiro 2, confessou a decepção de ter participado dos Jogos da Amizade somente em 2019, lamentou estar no Casarão justo nos anos da Covid-19, revelando que seguir a carreira militar pode significar aprender mais nesse lugar, recuperar o tempo e o espaço perdido pela pandemia.

Os baleiros também destacaram as mudanças que percebem neles próprios depois de dois anos e meio no colégio: hábito de organização e responsabilidade, hábito de estudo, desenvoltura para lidar com colegas, professores e monitores e respeito a hierarquias. Que não se imagine aqui serem juventudes simplesmente cordatas e que não cometam transgressões; são

jovens com características próprias dessa faixa etária que desafiam limites, violam regras e medem forças. No entanto, como revelaram nas suas “livres mensagens” pelo *WhatsApp*, aproveitam o que o colégio oferece, assimilam as regras e se beneficiam com os aprendizados que levarão para as suas vidas. Entendem que é um período curto das suas juventudes e que é provável que os projete para um futuro promissor.

Enfim, os baleiros recorrentemente enfatizaram o quão importante foi fazer parte de uma comunidade, de pertencerem ao lugar para obterem os sucessos escolares perseguidos desde o processo de ingresso ao Casarão. Esses jovens, por certo, guardarão suas boinas, alamares, insígnias, luvas, esporas e o que “mais vier”, impressos de identidades desta juventude “baleira”, para marcharem ao encontro de outras identidades, compondo suas histórias singulares. E levam consigo o reconhecimento da oportunidade que tiveram e que, talvez, em nenhuma outra escola pudessem ter. Diga-se o que disser, o fato é que, apesar das grades, o Colégio Militar de Porto Alegre “unge” e (re)comodifica positivamente as suas juventudes para esta sociedade de consumidores.

7 O PRODUTO

Os pesquisadores, no Mestrado Profissional em Educação, além da dissertação, desenvolvem um produto que seja um caminho, uma possibilidade de contribuição para o lugar da pesquisa, para a Educação.

A partir das análises, criou-se um vídeo, como alternativa tecnológica de informação, para aqueles que vislumbram conhecer o universo do Colégio Militar e que objetivam o ingresso a essa instituição. A proposta é que, através do produto, a comunidade, em especial os interessados, assistam a cenas do cotidiano da escola, com as vivências significativas e as emoções dos estudantes a partir dos dados coletados junto aos participantes deste estudo.

Com o desenvolvimento tecnológico cada vez mais acelerado, ocorre o aperfeiçoamento das mídias disponíveis em um nível jamais visto. Na contemporaneidade, é irrestrito o acesso a informações, notícias que acontecem em qualquer lugar do mundo em tempo real e que podem ser acessadas de todos os lugares em que o sujeito esteja. Essas mudanças constantes alteram o comportamento em sociedade, afetando os costumes dos sujeitos, e fortemente dos jovens, já acostumados e habilidosos com as tecnologias digitais.

Tendo em vista a realidade globalizada das comunicações, vídeos são recursos didáticos por serem um dos mais populares, senão o mais popular, possuindo grande capacidade de atrair e manter concentrado o público, além de transmitir uma infinidade de informações. Podem ser manuseados com facilidade, proporcionam a visualização e a audição, provocam sentidos e envolvem os espectadores. Por sua função sociocomunicativa, entendeu-se que o vídeo atende ao objetivo da construção de alternativa tecnológica de informação sobre o perfil dos ingressos a partir das experiências das juventudes visitadas.

A palavra vídeo vem sendo utilizada de forma genérica para representar praticamente qualquer objeto e atividade ligada à tecnologia de gravação de som e imagem. Carrega também a conotação de processo de produção e veiculação de mensagens. O vídeo ganha, cada vez mais, novas dimensões, por criar modos de produção e exibição próprios, com conteúdo e públicos específicos. Tem uma penetração maior do que a televisão e o cinema por permitir um direcionamento absoluto ao público-alvo a que se pretende alcançar.

De acordo com Santoro (1989, p. 18),

> o vídeo assumiu um lugar de meio de comunicação perfeitamente apto aos trabalhos de produção a nível grupal e individual, permitindo uma série de trabalhos de expressão, criação, documentação que multiplicou consideravelmente o número de produtores audiovisuais, fazendo com que inclusive os não profissionais tivessem acesso à atividade.

Comuns em plataformas digitais e em perfis individuais, os vídeos circulam com facilidade e são promovidos por meio do“boca a boca”. Uma media veiculada entre adolescentes e jovens em redes sociais que, ao serem divulgadas, podem ser assistidas em tempo real. Além disso, com o avanço de tecnologias de imagens, de sons e de recursos, os vídeos têm proporcionado mudanças que vão além da transformação da presença do homem no mundo, interferindo e mudando o próprio meio cultural em que ele habita.

Para a criação deste produto educacional, o vídeo apresentou, então, características e vantagens: facilidade operacional, baixo custo, público definido, independência na produção, imediaticidade, condições de exibição e som e imagens simultâneas. Atendeu, pois, as expectativas de produto idealizado pela pesquisadora: informação e mobilização.

O vídeo *SOMOS*, como foi intitulado, será disponibilizado nos sites da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e, também, no canal da autora no *YOUTUBE*, disponível no link https://www.youtube.com/watch?v=a7UZttisirU, para que seja assistido por interessados em conhecer o colégio e jovens que intentam o ingresso nesta instituição escolar.

AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando as boinas
são confundidas com frutos,
flores floridas,
a vida diz amém
é chegada a hora da partida
ouçam o apito do trem.
(Osvaldo Arthur Menezes Vieira[31])

Figura 36 – As boinas

Fonte: Vinícius Lapenta da Cunha (2012)

Este estudo teve como objetivo geral compreender a construção identitária dos jovens aprovados em concurso público para frequentarem o Colégio Militar de Porto Alegre. Para tanto, optou-se por acompanhar, entre setembro de 2019 a junho de 2021, as trajetórias de quatro estudantes a fim de investigar quais foram suas motivações para ingresso no Ensino Médio, como se deram as suas experiências como "baleiros(as)" e quais as expectativas para a saída do Casarão. Os dados evidenciaram que

a) as famílias e os jovens investem muitos esforços para o acesso à educação em uma instituição de ensino militar que lhes promova o ingresso em universidades públicas de qualidade ou em escolas para a carreira militar;

[31] Escritor e ex-professor do Colégio Militar de Porto Alegre.

b) os símbolos e os signos presentes circunscrevem as juventudes do Colégio Militar de Porto Alegre, pois, além de demarcarem o lugar, são responsáveis por uma identidade comum entre os estudantes e os antigos estudantes;
c) as práticas de inserção, permanência e atuação ativa dos jovens, com base nos lugares por eles e elas ocupados, dão novos sentidos à rotina e ao significado de serem "baleiros(as)" com a confiança de que as suas escolhas serão bem-sucedidas e suas carreiras alavancadas;
d) o Colégio Militar de Porto Alegre projeta seus jovens, recomodifica-os positivamente para ocuparem lugar privilegiado na sociedade de consumo, nos espaços de destaque das "prateleiras do mercado" de trabalho.

A construção identitária dos jovens ingressos no 1º Ano do Ensino Médio no Colégio Militar, portanto, efetiva-se em espaços processualmente construídos. E as narrativas, escritas pelos próprios protagonistas deste estudo, apontam para as maneiras como as vivências no Colégio Militar são delineadas através das interações sociais, afetividades e aprendizagens. Apontam que afetividade e sentimento de pertencimento se interpelam. Apontam, ainda, para o desempenho escolar, fundamento da meritocracia institucional, e para a convicção entre esses "baleiros(as)" de que é possível construir um futuro promitente na "Sociedade de Consumo Líquido-Moderna" (BAUMAN, 2008).

O lugar não se restringe à perspectiva de divisão espacial, mas a espaço físico vivido, ou seja, espaço acrescido das disposições e funções dos objetos, das relações sociais, da cultura e das dimensões simbólicas que têm para os jovens. O colégio mostrou-se, neste estudo, um lugar vivido, um lugar que denota sentimento de pertença; em constante mudança, mas inseparável dos sujeitos que o habitam, que o modificam e são por ele modificados cotidianamente. Se, em algum momento, jovens se encontram em um "entre-lugar" (BHABHA, 2001) é somente durante o tempo em suspenso da expectativa da chegada e da "acomodação". A sociedade de consumo incentiva as juventudes a estarem conectadas ao consumismo desregrado de símbolos e de signos em incessante renovação, tarefa dos meios de produção, que recorrem a performances tecnológicas constantes (BAUDRILLARD, 1995).

Os caminhos que esses jovens seguirão, ao concluírem o Ensino Médio em 2021, surpreende, uma vez que apenas um dos participantes optou pelo ingresso à universidade pública, enquanto os demais optaram por seguir carreiras militares. Não é essa uma estatística recorrente entre os jovens, o que se pode inferir que, além dos momentos vividos no colégio e das aprendizagens singulares, os três anos em que estiveram no CMPA foi um tempo de pouca

duração para que aproveitassem as oportunidades oferecidas, sobretudo, limitadas em decorrência da pandemia.

Este estudo, portanto, não se encerra aqui, pois inspira acompanhar as trajetórias dos jovens egressos. Inspira verificar se, de fato, serão considerados e se considerarão homens eleitos, homens de bem, qual a relação que estabelecem entre as suas conquistas futuras com a passagem pelo Colégio Militar e se suas expectativas se concretizarão.

Analisar como os jovens se constituem como estudantes do CMPA exigiu de mim postura diferenciada da professora há vinte e quatro anos na escola. Assumir a função de pesquisadora num lugar que faz parte do meu cotidiano foi desafiador, pois precisei afastar-me de minhas certezas e colocar-me no papel de uma espectadora para vê-lo do “lado de fora”. Esse exercício empírico, por outro lado, mostrou-me que, mesmo residindo neste espaço, “coisas” só foram conhecidas depois dessa experiência. Este estudo é importante, portanto, para que professores se surpreendam com as construções identitárias de jovens que, muitas vezes, não nos são nítidas, são diferentes do que imaginamos conhecer. É bom para nós, comunidade escolar do Casarão da Várzea e para os jovens que intentam adentrar pelo Portão das Armas do Colégio Militar de Porto Alegre.

AS REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elmir; NAKANO, Marilena. Jovens, territórios e práticas educativas. Revista Teias, Rio de Janeiro, Brasil, v. 26, n. 26, 2011.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 LDA, 2011.

BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Portugal: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Zygmund. *Comunidade:* a busca por segurança no mundo atual. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmund. I*dentidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmund. *Tempos Líquidos*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo:*a transformação das pessoas em mercadoria. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmund. *Sobre Educação e Juventude.* Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. *Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica*. *In*: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam Lifchitz Moreira (orgs). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas (SP): Papirus, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Portal do Planalto – Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto. gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 15/04/2020.

BRASIL. Decreto Nº 10.202, de 9 de março de 1889. Aprova o Regulamento para o ImperiaI Collegio Militar.- Legislação Informatizada Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-10202-9-marco-1889-542443-publicacaooriginal-51422-pe.html. Acesso em: 15/04/2020.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 15/04/2020.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação– PNE e dá outras providências. D. O. U., Brasília, 26 jun. 2014. Disponível em: http://www.planalto.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Departamento de Educação e Cultura do Exército. Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial. Normas de Planejamento e Gestão Escolar. Rio de Janeiro, 2021.

CAMPOS, Ricardo. Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis. Sociologia, Problemas e Práticas. Oeiras, v. 63, maio 2010.

CARRA, Patrícia R A. Meninas no Colégio Militar de Porto Alegre. In: IX ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul 2012. Disponível em: http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3127/55. Acesso em: 26/06/2020.

COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE. Histórico do Colégio Militar de Porto Alegre. Porto Alegre: [2019]. Disponível em: http://www.cmpa.eb.mil.br/sobre-o-cmpa. Acesso em:20/03/2020.

COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE. Hyloea Digital. Porto Alegre: [2019]. Disponível em: http://www.cmpa.eb.mil.br/component/content/article?id=378. Acesso em: 20/03/2020.

COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO. Histórico Imperial do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: [2019]. Disponível em: http://www.cmrj.eb.mil.br/index.php?option=com_content&view=article&id=123. Acesso em: 5/4/2020.

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO PREPARATÓRIA E ASSISTENCIAL. Normas para a avaliação escolar no âmbito do Sistema Colégio Militar Do Brasil NAESCMB. Publicado no Boletim da DEPA Nr 005, de 18 de janeiro de 2019. 4ª edição, 2018.

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO PREPARATÓRIA E ASSISTENCIAL. Projeto Pedagógico do Sistema Colégio Militar do Brasil. Disponível em: http://www.depa.eb.mil.br/images/legislacao/Projeto_Pedagogico_2019_versao_SCMB.pdf. Acesso em: 5/4/2020.

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO PREPARATÓRIA E ASSISTENCIAL. Rio de Janeiro: [2019]. Disponível em: http://www.depa.eb.mil.br/sistema-colegio-militar-do-brasil. Acesso em 5/4/2020.

FACCHINETTI, Fábio Freire. "*Estamos alunos":* um estudo sobre a identidade contemporânea dos alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, 2015.

FALSARELLA, Ana Maria. Os estudos sobre a cultura da escola: forma, tradições, comunidade, clima, participação, poder. Educação & Sociedade, Campinas, Brasil, v. 39, n. 144, abril. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FILHO, Antônio Candeia. *Preciso me encontrar*. 1976. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fUjOfsoBhMY/. Acesso em: 18 mai. 2021.

GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas na pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008. gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em: 20/04/2020.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manuel de Mello. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive (orgs). *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*: *pesquisa qualitativa em saúde.* 5 ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

NOBREGA, Juliana Fernandes da; NITSCHKE, Rosane Gonçalves; SILVA, Fernando Pravato da; CARRARO, Claudia Anita Gomes; ALVES, Cristiane. Um olhar sensível às tribos pós-modernas: cuidando da saúde dos adolescentes no cotidiano. Revista Gaúcha de Enfermagem. Porto Alegre, Brasil, vol. 34, n. 3, p. 201-205, 2013.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de; SANTOS, Andreia Mendes dos; PAMPOLS, Carles Feixa. Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles Feixa Pampols. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 70, ago, 2018.

PINHEIRO, Josaine de Moura. *Estudantes forjados nas arcadas do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA):* "novos talentos" da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP).2015. Tese (Doutorado em Educação). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, 2015.

REIS, Breno Maciel Souza. Pensando o espaço, o lugar e o não lugar em Certeau e Augé: perspectivas de análise a partir da interação simbólica no Foursquare. Revista Contemporânea, Porto Alegre, Brasil, v.1, n. 21, 2013.

RODRIGUES, Kelly. O conceito de lugar: a aproximação da geografia com o indivíduo. In: XI ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE. Presidente Prudente, Brasil, out 2015.

SANTORO, Luiz Fernando. *A imagem nas mãos*: o vídeo popular no Brasil. Rio de Janeiro: Summus Editorial, 1998.

SCHEFER, Maria Cristina. *Na periferia das perferias:* o não-lugar escolar e a Pedagogia do Destino. 2015. Tese (Doutorado em Educação). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, 2015.

SILVEIRA, Carlos Eduardo Ribeiro; FREITAS, Fernanda Silva; MATTOS, Mariana Mendonça de. Da cartografia afetiva à análise urbana: olhares fenomenológicos sobre a Rua Halfeld. In: XVIII ENANPUR 2019, Natal, Brasil, maio, 2019.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Osvaldo Arthur Menezes; CUNHA, Vinícius Lapenta da; SEVERO, Alice Rosane Brum. *Centenário do Colégio Militar de Porto Alegre*. Porto Alegre: 2012.

O POSFÁCIO

O vírus é imparcial
O vírus não escolhe quem vai ficar doente
Se é o rico ou se é o pobre
O vírus não escolhe quem vai ficar doente
Mas a dona Maria precisa sair de casa
Catar lixo e dar algo para o filho comer
O vírus não escolhe quem vai ficar doente
Mas seu José está desempregado
Vendendo balinhas no semáforo
O vírus não escolhe quem vai ficar doente
Mas o morador de rua pergunta
"Por que o mundo de máscara?"
O vírus não escolhe quem vai ficar doente
Mas a madame não deu folga do serviço
O vírus não escolhe quem vai ficar doente
Mas a sociedade está.
(Baleiro 3)

O vírus não escolhe quem vai adoecer, mas a escola sente sintomas. Não há nenhum processo educativo que não tenha sido lesado pela pandemia em decorrência da COVID-19. A inteiração com os participantes deste estudo foi muito enriquecedora, uma vez que, como já escrevi neste trabalho, estamos juntos há dois anos e meio e vamos continuar até o final de 2021, quando, então, vão seguir outros caminhos e construir outros sonhos. Passamos juntos pelos medos, pelas ansiedades e frustrações que a pandemia nos impôs. Ao final dos nossos encontros e mensagens diversas, solicitei que falassem ou escrevessem "alguma coisa", da qual gostariam, sobre esses quase três anos e sobre a pesquisa. Foram devolutivas afetivas quanto ao "nosso trabalho", expressão essa usada por um dos participantes. Baleiro 3 escreveu o texto em versos, epígrafe deste posfácio, em que o eu-lírico expressa seus sentimentos diante do momento em que vivemos; Baleiro 1, por áudio, afirmou que: **"apesar da pandemia, coisas aconteceram aqui"**. Por isso, considerei importante o posfácio, não para finalizar a dissertação, mas para oferecer um "extra" sobre a pandemia já que, naturalmente, interferiu de maneira significativa na vida escolar de todo o colégio e na dinâmica do meu estudo.

A partir do dia 15 de março de 2020, por determinação do Diretor de Educação Preparatória e Assistencial, o SCMB começou a migrar suas atividades presenciais para os ambientes virtuais de aprendizagem - AVA. Em 18 de março de 2020, todos os CM estavam com suas atividades em AVA. O Sistema não parou, ao contrário, inovou, a partir da suspensão das aulas decretada pelos governos estadual, municipal e distrital, em face do estado de calamidade deliberado por meio do Decreto Legislativo Nº 6, de 20 MAR de 2020.

Não foi primeira vez que o SCMB interrompe as aulas por uma crise sanitária. No início do século XX, a gripe espanhola ceifou muitas vidas e provocou prejuízos aos estudantes de todo o Brasil. Uma tragédia que mudou o mundo.

No início do século XXI, “apesar da pandemia, coisas aconteceram aqui”. Em janeiro de 2020, a delegação de doze estudantes do CM regressou de Boston EUA, trazendo na bagagem uma vencedora e uma honrosa participação na Harvard Model United Nations (HMUN), simulação de órgãos das Nações Unidas gerenciada pela Universidade de Harvard, cujo tema foi “Diplomacia e Globalização”. Foi uma despedida. Depois disso, todas as atividades foram canceladas, e, apenas a partir do mês de agosto, aquelas que reuniam pequenos grupos aconteceram, asseguradas pelo cumprimento dos protocolos sanitários determinados pela Organização Mundial da Saúde – OMS e da Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul. Os estudantes, mesmo assim, não saíram mais de dentro da escola. Não houve os Jogos da Amizade, a competição Zumzaravoice, o tradicional Desfile do 7 de setembro, o Baile das Debutantes, as festas no Pátio Plácido Castro e tantos outros eventos. Não houve a Formatura do 3º Ano.

Em 2021, a volta às aulas presenciais só foram acontecer no 2º trimestre no modelo híbrido, respeitando as comorbidades e particularidades da comunidade escolar e seguindo os protocolos sanitários determinados pela Secretaria da Saúde do Governo do Estado.

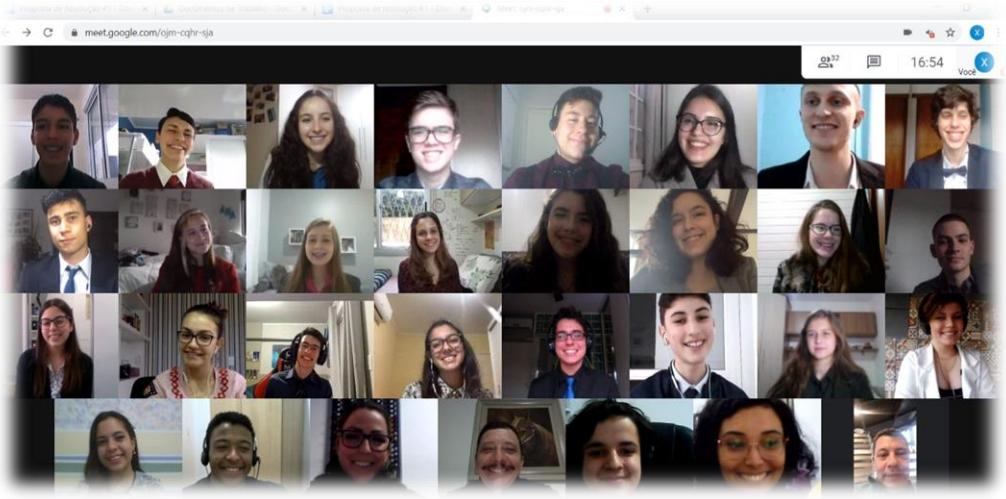
Figura 37 – Sanitização diária das salas de aulas e dependências do CMPA (2020)

Fonte: Acervo da Seção de Comunicação Social

Também cumprindo os protocolos, as atividades científicas, esportivas e artísticas foram desenvolvidas ora com a presença dos estudantes, ora com a presença virtual. Entre elas, em junho, o SCMB participou da International Model United Nations, uma Simulação Virtual da ONU, organizada pela UNESCO. O encontro de aproximadamente 4.000 estudantes do mundo

inteiro se propôs a discutir temas variados da geopolítica contemporânea relacionados aos efeitos da pandemia no mundo. Mais uma vez, os baleiros se destacaram com suas apresentações, recebendo prêmios e condecorações.

Figura 38 - International Model United Nations (2021)



Fonte: Perfil Oficial do Colégio Militar de Porto Alegre no Instagram.

Mas não aconteceram, em 2021, eventos e solenidades tão esperados pela comunidade do Casarão da Várzea. Não haverá o Desfile de 7 de setembro e ainda não se sabe se haverá a formatura do 3º Ano, a formatura dos participantes desta dissertação. Com relação às perdas, Baleiro 1 poetizou: **“é como se a estreia fosse adiada”.**

O mundo mudou. E o nosso mundo já mudou muito desde o início desta pesquisa. E o que e como ele vai ser depende do que nós vamos ser, do que os jovens serão. A mudança começa quando a gente se move e hoje ela é inevitável. Aqueles que concluirão o Ensino Médio, em 2021, carregam a bagagem da mudança, do ajustamento, do distanciamento social, forjados a enfrentar os desafios e as ameaças do futuro.

Inventar a própria vida requer disposição corajosa para a mudança e autonomia para agir, para lutar contra a banalização dos dias, para criar uma história que nos honre e orgulhe. É o nosso maior desafio hoje: mesmo sem liberdade plena, e avariados por tantas perdas, continuar decidindo o que será de nós. Essa é a empreitada das juventudes.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista

Entrevista semiestruturada

1. Quais foram as tuas motivações para cursar o Ensino Médio no CMPA?
2. Como foi a tua preparação para a seleção no concurso para entrar no CMPA?
3. Que situações vividas aqui contribuíram para a tua adaptação?
4. Pertencer a esta comunidade faz com que te sintas diferente se comparado a outros estudantes das redes pública e privada?
5. O que sentes por ser obrigado a usar o uniforme e a boina diariamente?
6. Participas de alguma(as) atividade extraclasse?
7. Pertences a alguma agremiação ou clube?
8. Pensando no teu ingresso no Colégio Militar, do que tiveste que te privar da vida que tinhas?
9. Que memórias das escolas que frequentaste nos anos anteriores marcaram a tua trajetória até a tua chegada no Casarão da Várzea?
10. Que palavra ou palavras usarias para definir o colégio?

APÊNDICE B – Mapeamento teórico do estado da arte

Referência de artigo ou matérias de revistas: AUTOR(ES). Título do artigo ou matéria. Título da Publicação. Local de publicação, número do volume e/ou ano, número fascículo, paginação inicial e final, as informações de período e data de publicação.	**Assunto**
OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de; SANTOS, Andreia Mendes dos; PAMPOLS, Carles Feixa.Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles FeixaPampols. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 70, ago 2018.	Juventudes; Coletividade; Educação.
CAMPOS, Ricardo. Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis. Sociologia, Problemas e Práticas. Oeiras, v. 63, maio 2010.	Juventude, Tribos Urbanas, Cultura visual, Imagem, *Graffiti*.
NOBREGA, Juliana Fernandes da; NITSCHKE, Rosane Gonçalves; SILVA, Fernando Pravato da; CARRARO, Claudia Anita Gomes; ALVES, Cristiane. Um olhar sensível às tribos pós-modernas: cuidando da saúde dos adolescentes no cotidiano. Revista Gaúcha de Enfermagem. Porto Alegre, Brasil, vol. 34, n. 3, p. 201-205, 2013.	Saúde do Adolescente; Promoção da Saúde; Enfermagem; Atividades cotidianas.
FALSARELLA, Ana Maria. Os estudos sobre a cultura da escola: forma, tradições, comunidade, clima, participação, poder. Educação & Sociedade, Campinas, Brasil, v. 39, n. 144, abril. 2018	Cultura Escolar; Forma Escolar e Tradições; Clima Organizacional; Participação e Partilha do Poder; Conceito de Comunidade.
ALMEIDA, Elmir; NAKANO, Marilena. Jovens, territórios e práticas educativas. Revista Teias, Rio de Janeiro, Brasil, v. 26, n. 26, 2011.	Jovens, Território, Práticas Educativas e Culturais.

RODRIGUES, Kelly. O conceito de lugar: a aproximação da geografia com o indivíduo. In: XI ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE. Presidente Prudente, Brasil, out 2015.	Sujeito; Lugar; Geografia.
SILVEIRA, Carlos Eduardo Ribeiro; FREITAS, Fernanda Silva; MATTOS, Mariana Mendonça de. Da cartografia afetiva à análise urbana: olhares fenomenológicos sobre a Rua Halfeld. In: XVIII ENANPUR 2019, Natal, Brasil, maio, 2019.	Urbanidade; Espaço; lugar.
REIS, Breno Maciel Souza. Pensando o espaço, o lugar e o não lugar em Certeau e Augé: perspectivas de análise a partir da interação simbólica no Foursquare. Revista Contemporânea, Porto Alegre, Brasil, v.1, n. 21, 2013.	Mobilidade; Redes Sociais; Ciberespaço; Interacionismo simbólico; Foursquare.
SCHEFER, Maria Cristina. Na periferia das periferias: o não-lugar escolar e a Pedagogia do Destino. 2015 (191 f.) Tese (Doutorado em Educação). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, 2015.	Cotidiano escolar; Geoexclusão; Profissão docente; Sociedade de Consumo.
PINHEIRO, Josaine de Moura. *Estudantes forjados nas arcadas do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA):* "novos talentos" da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP).2015. Tese (Doutorado em Educação). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, 2015.	Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas; Colégio Militar de Porto Alegre; Estudos foucaultianos; Educação Matemática; Neoliberalismo Empreendedorismo.
FACCHINETTI, Fábio Freire. "*Estamos alunos":* um estudo sobre a identidade contemporânea dos alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, 2015.	Teoria do Ator-Rede; Sociologia dos militares; Contemporaneidade.

APÊNDICE C – Os aspectos éticos da pesquisa

O estudo foi desenvolvido dentro de uma instituição de ensino cujos participantes são estudantes menores de idade, portanto, observando a Resolução 510/ 2016 do Comitê de Ética em Pesquisa/ CEP - Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 -, foram apresentados os seguintes documentos: Termo de Assentimento Institucional - TAI , Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e Termo de Consentimento Informado – TCI, apresentados nesta pesquisa (ANEXOS) e assinados pelo Diretor de Ensino do CMPA, pelos participantes da pesquisa e por seus responsáveis.

Acredita-se que este estudo trará benefícios diretos aos discentes já que desenvolveram produtos de expressões oral e escrita que conduziram à adoção de atitude responsiva. Também se observaram benefícios indiretos uma vez que os resultados da investigação ofereceram aos participantes a possibilidade de refletirem sobre quem é o jovem da contemporaneidade, quem são os jovens do colégio onde estudam e que relação têm com o lugar em que habitam. De modo geral, foi possível estabelecer diálogo mais ativo com os estudantes, o que pôde tornar seus processos de convivência e de aprendizagem mais qualificados.

Os riscos aos educandos foram mínimos, tendo em vista que as atividades desenvolvidas são práticas pedagógicas que fazem parte do cotidiano escolar e estão presentes no PSD da disciplina de Língua Portuguesa. Além disso, a pesquisadora responsável foi professora dos estudantes nos anos de 2019 e 2020 e, também, neste ano de 2021. Essa convivência promoveu a empatia fundamental entre a investigadora e o grupo, fator decisivo no procedimento metodológico, assim como promoveu, também, maior interesse dos sujeitos envolvidos no processo de construção do estudo.

O Projeto de Pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – CEP – (CAAE: 39357520.3.0000.8091). No entanto, no intuito de minimizar os riscos, se houvesse, e respeitar a garantia à liberdade, foram adotadas algumas condutas: a) os participantes foram informados da opção de realizarem a coleta de dados em momento em que se sentissem mais confortáveis; c) os participantes puderam, em qualquer etapa da pesquisa, recusar-se a responder as perguntas da entrevista ou retirar seus consentimentos; d) o pesquisador responsável, percebendo qualquer risco significativo aos participantes da pesquisa, previstos ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, comunicaria o fato ao CEP, que avaliaria, em caráter emergencial, a necessidade de adequar ou suspender o estudo.

O estudo está inserido no campo de estudos de Letras e Linguagens sob os princípios da linha III - Inovação Diversidade e Memória em Educação, do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação em que atua a professora orientadora.

APÊNDICE D – Recursos humanos e financeiros

Recursos humanos

A pesquisadora responsável, a orientadora, a Instituição Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), representada pelo Diretor de Ensino e Chefes de Seções e os participantes voluntários são os recursos humanos desta pesquisa.

Recursos materiais e financeiros

Os recursos financeiros serão subsidiados pelo pesquisador responsável.

Discriminação	Quantidade	Valor
Folhas de ofício (A4)	1.000	32,00
Cartuchos de impressora	1	75,00
Marcadores de texto	10	30,00
Cadernos, lápis e canetas		100,00
Livros		650,00
Combustível		1.900,00
Hospedagem		525,00
Desenvolvimento do vídeo		2.000,00
Total		5.312,00

Fonte: Autora (2021)

APÊNDICE E – Cronograma

2019	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Estudos e Orientações	x	x	x	x	x
2020	**Jan/Mar**	**Abril**	**Maio**	**Junho**	**Julho**
Revisão de literatura	x				
Organização do Projeto de Pesquisa	x	x	x	x	
Qualificação					x
2020	**Agosto**	**Setembro**	**Outubro**	**Novembro**	**Dezembro**
Coleta de dados	x	x	x	x	
Submissão ao Comitê de Ética				x	
Análise e interpretação dos resultados				x	x
Participação em eventos científicos		x	x	x	x
2021	**Jan/Mar**	**Abril**	**Maio**	**Junho**	**Julho**
Análise e interpretação dos resultados	x	x	x	x	x
Produção da dissertação e do produto educacional	x	x	x	x	x
Pré-banca no grupo de orientações					x
Revisão ortográfica e formatação da versão final			x	x	x
2021	**Agosto**	**Setembro**			
BANCA FINAL		x			
Submissão de Artigo para revista A1		x			

ANEXO A – Declaração de Instituição Coparticipante

ANEXOS - Documentos obrigatórios do CEP

uergs
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Declaração de Instituição Coparticipante

Declaramos para os devidos fins que concordamos e autorizamos o desenvolvimento da pesquisa "Pesquisa Formal - Questionário" de autoria da pesquisadora Claudia Maria Martins Farias a ser desenvolvido em nossa Instituição. Informamos que conhecemos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será assinado pelos sujeitos de pesquisa participantes de nossa Instituição – CMPA – Colégio Militar de Porto Alegre.

Cumpriremos o que determina as resoluções vigentes, Resolução CNS 466/2012 e a Resolução 510/2016, e contribuiremos com a pesquisa mencionada sempre que necessário, fornecendo informações.

Antes do início da coleta dos dados o(a) pesquisador(a) responsável deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Sabemos que nossa Instituição – CMPA - poderá a qualquer fase desta pesquisa retirar esse consentimento e, neste caso, informaremos o pesquisador acima mencionado. Além disto, concordamos que os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e/ou revistas científicas, garantindo o sigilo e a privacidade dos participantes envolvidos na pesquisa.

Colocamo-nos à disposição para qualquer dúvida que se faça necessária.

Atenciosamente,

Local e Data: Porto Alegre, 20, julho de 2020.

Saul Marques Machado Júnior

Saul Marques Machado Júnior – Cel Cav QEMA
Comandante do Colégio Militar de Porto Alegre

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Responsáveis

uergs
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Claudia Maria Martins Farias, mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e responsável pela pesquisa, provisoriamente intitulada, Impressos de Identidades de uma Juventude "Baleira", convido o(a) adolescente, sob sua responsabilidade, a participar como voluntário da pesquisa referida.

A participação se dá através de duas narrativas escritas em torno do tema da pesquisa e uma entrevista semiestruturada, portanto os conteúdos serão expressos a partir de textos verbais e não-verbais produzidos pelos/as estudantes. Os encontros entre a professora/pesquisadora serão realizados através de atividades remotas na plataforma Google Meet, em decorrência da pandemia provocada pela COVID-19, e serão gravados.

O objetivo geral da pesquisa é registrar, através de produções textuais, as identidades dos jovens aprovados para frequentarem o Ensino Médio em um colégio militar gaúcho. Os objetivos específicos são: a) investigar as motivações pessoais, familiares e sociais para o ingresso no Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB); b) verificar implicações das experiências vividas ao longo do Ensino Médio; c) compreender as práticas de inserção, permanência e atuação ativa dos estudantes, com base nos lugares por eles e elas ocupados e o significado de ser "baleiro(a)"; d) verificar que representações se fazem presentes nos símbolos e signos que se constituem em memória no 'Casarão'; e) construir uma alternativa tecnológica de informação a partir das experiências das juventudes visitadas.

O participante e as participantes têm garantido o direito de não aceitar participar ou de não autorizar o uso das informações obtidas na pesquisa, retirando sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo. A professora/pesquisadora compromete-se a esclarecer, devida e adequadamente, qualquer dúvida ou questionamento que o participante e as participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (051) (999634602), ou por e-mail caiafariasm@hotmail.com.

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação do participante e das participantes, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Todos os registros da pesquisa estarão sob a guarda do pesquisador, em lugar seguro de violação, pelo período mínimo de 05 (cinco) anos, após esse prazo serão destruídos.

Os procedimentos da pesquisa serão acompanhados pela mestranda Claudia Maria Martins Farias sob orientação da professora Drª. Maria Cristina Schefer.

Este termo de consentimento livre e esclarecido possui 02 (duas) páginas e é feito em 02 (duas) vias, uma ficará em poder da pesquisadora; e outra,em poder do/a responsável pelo/a participante da pesquisa.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Uergs (CEP-Uergs). Formado por um grupo de especialistas, tem por objetivo defender os interesses dos/das participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade, contribuindo para que sejam seguidos os padrões éticos na realização de pesquisas. Comitê de Ética em Pesquisa da Uergs – CEP-Uergs - Av. Bento Gonçalves, 8855, Bairro Agronomia, Porto Alegre/RS – CEP: 91540-000; Fone/Fax: (51) 33185148 - E-mail: cep@uergs.edu.br.

Local e Data: Porto Alegre, dezembro de 2019.

_____

Nome do(a) participante

_____

Assinatura do(a) responsável legal

_____

Assinatura da pesquisadora

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Participantes

uergs
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A professora/pesquisadora Claudia Faria Martins Farias, sob orientação da Doutora Maria Cristina Schefer, desenvolve atualmente a pesquisa intitulada IMPRESSOS DE IDENTIDADES DE UMA JUVENTUDE "BALEIRA"**:** a (re)comodificação no Colégio Militar. A pesquisa tem por objetivo entrevistar estudantes ingressos por Concurso Público em 2019 no Colégio Militar de Porto Alegre a respeito das suas trajetórias escolares. A professora/pesquisadora mantém o compromisso de compatibilizar as necessidades da pesquisa com o respeito ao cotidiano do funcionamento da instituição e à rotina escolar e pessoal dos entrevistados.

A professora/pesquisadora compromete-se a esclarecer, devida e adequadamente, qualquer dúvida ou questionamento que os/as participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (051) 999634602 ou por e-mail: caiafariasm@hotmail.com.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido minhas dúvidas eu, _____ :

1. Concordo em participar desta pesquisa: ( ) sim ( ) não.

2. Em caso positivo, concordo com a gravação da entrevista: ( ) sim ( ) não.

A professora/pesquisadora comprometeu-se a preservar o anonimato dos participantes. Isso inclui a não utilização de iniciais, números de registros em instituições ou outras formas de cadastro.

Local e Data: Porto Alegre, dezembro de 2019.

_____

Assinatura do(a) participante

_____

Assinatura da entrevistadora

ANEXO D - Termo de Concessão de Direitos Autorais e Autorização para Publicação em Meio Eletrônico

ANEXO D

uergs
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Termo de Concessão de Direitos Autorais e Autorização para Publicação em Meio Eletrônico

Eu, Leandro Mello de Souza, inscrito no CPF sob nº 676769520-34, portador da Cédula de Identidade nº 1044851739, expedida por SSP/PC RS, pelo presente termo, autorizo CLAUDIA MARIA MARTINS FARIAS, inscrita no CPF sob o nº 40108562034, portadora da Cédula de Identidade nº 4016032353, expedida por SSP/RS, o uso e a publicação do vídeo intitulado *UMA JUVENTUDE "BALEIRA"*, de minha autoria e de autoria da autorizada, cedendo-lhe, a título gratuito e em caráter definitivo, os direitos autoriais dela decorrentes. Autorizo, ainda, a publicação em quaisquer meios e suportes existentes, inclusive no site da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, em site de eventos, na Internet e em outras ferramentas tecnológicas, bem como a reprodução em outras publicações de eventos, a comunicação ao público e a distribuição.

Por ser verdade, firmo o presente e dou fé.

Porto Alegre, 19 de agosto de 2021.

3º TABELIONATO DE NOTAS

3º TABELIONATO DE NOTAS DE PORTO ALEGRE
Rua Gen. Câmara, 388 - Centro - CEP 90010-330 - Porto Alegre - RS - Fone: 3221-6177 / 3221-5226
Tabelião - JACY FRANCO MOREIRA ABIAS

Reconheço por AUTENTICIDADE a firma de LEANDRO MELLO DE SOUZA. Dou fé. 0455.01.2100001.29304 [F45]
Porto Alegre, 27 de agosto de 2021
Em Testemunho da Verdade
Sandro Frantz Nunes - Escrevente Autorizado
Emolumentos: R$5,30 + Selo digital: R$1,40 - 12:08:25
2000768-34759 219

C1273662S